

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**Etnografando as barbearias da cidade: Um estudo antropológico sobre trabalho e
memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)**

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Cornelia Eckert

Porto Alegre, março de 2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Etnografando as barbearias da cidade: Um estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Cornelia Eckert

Porto Alegre, março de 2011

Etnografando as barbearias da cidade: Um estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)

PEDRO PAULO DE MIRANDA ARAÚJO SOARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia Social

Banca Examinadora

Cornelia Eckert (UFRGS – Orientadora)

Arlei Sander Damo (UFRGS)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA)

Viviane Vedana (UFRGS)

Agradecimentos

À minha orientadora Cornelia Eckert, pela paciência e disponibilidade durante a orientação, mas principalmente por ser um exemplo de caráter, honestidade e dedicação apaixonada ao trabalho.

Ao meu eterno orientador Flávio Leonel Abreu da Silveira, que foi fundamental para minha formação e me conduziu até o mestrado em Antropologia na UFRGS, estando presente em cada linha escrita nesta dissertação mesmo com a distância física.

À minha família, que me proporcionou conforto emocional e deu condições para a instalação em outra cidade, mas principalmente ao meu avô pelas conversas, pelo apoio incondicional e pelo exemplo de vida. À minha avó pelas orações diárias por mim e pelos quitutes belemenses enviados com carinho a Porto Alegre. À minha mãe pelo carinho e pelas conversas ao telefone cheias de saudade que me deram força para continuar nos momentos mais difíceis dessa caminhada. E ao meu pai, sempre que serviu de exemplo e inspiração para mim.

À minha namorada Juju, com quem partilhei a vida durante todo o processo que deu origem a esta dissertação. Obrigado pela companhia, pela compreensão, pelo carinho, por ter permanecido ao meu lado nos bons e nos maus momentos, por ter se tornado a minha família e a minha casa quando eu estava longe de Belém.

À minha turma de mestrado, em que todos souberam conciliar, à sua própria maneira, momentos de concentração individual nos estudos, de trocas acadêmicas e ajuda mútua e de lazer. Mas agradeço principalmente à Jéssica e ao Juan, com quem eu e Ju formamos uma pequena família ao longo destes dois anos.

Aos colegas do BIEV e do Projeto Trabalho e Cidade pela colaboração e pelas trocas, sobretudo ao amigo Rafael Lopo.

Ao Buts.

Um obrigado especial à Rose, sempre presente, sempre disponível e solícita, nosso anjo da guarda do PPGAS.

Aos interlocutores desta pesquisa, Seu Renato, Seu Rubens, Sidney, Joel, Seu Jenecy, Maria, Dona Geci, Seu Francisco, sem os quais este trabalho não teria sido realizado e a quem agradeço pelas tardes de conversas, pelo acolhimento, hospitalidade, paciência e tempo disponibilizados em meu favor.

Etnografando as barbearias da cidade: Um estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)

RESUMO

Este trabalho é um estudo antropológico da memória de uma categoria profissional urbana, no caso os barbeiros e barbeiras da cidade de Porto Alegre. No decorrer destes escritos pretendo discutir sobre aspectos dos saberes e fazeres da profissão que incluem os processos de aprendizado do ofício e as redes sociais de ingresso na profissão. Além disso, me dedico à análise das formas de sociabilidade que se desenrolam nas barbearias, o que auxilia na compreensão de como os interlocutores da pesquisa vivenciam seu espaço de trabalho, assim como considero relevantes para o processo etnográfico as narrativas pelas quais os profissionais das barbearias constroem um sentido de sua pertença à paisagem urbana.

Palavras-chave: Barbeiro(a)s; Saberes e Fazeres; Mundo urbano; Trabalho; Memória.

Ethnographying the barber shops in town: An anthropological study of work and memory in the town of Porto Alegre (RS)

ABSTRACT

This work is an anthropological study of the memory of an urban professional class, the barbers of Porto Alegre. Here I intend to discuss aspects of knowledge and practice of the profession including the process of learning the craft and the social networks of entering the profession. Also, I dedicate myself to the analysis of forms of sociability that take place in these barber shops, which helps in understanding how the interlocutors of this research live their workspace, as well as consider relevant to the ethnographic process the narratives that professional barbers build to create a sense of belonging to the urban landscape.

Keywords: Barbers; Skills; Town; Work; Memory.

Lista de siglas

BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais

NAVISUAL – Núcleo de Antropologia Visual

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SINDESTÉTICA-RJ – Sindicato dos Esteticistas Técnicos e Tecnólogos do Estado do Rio de Janeiro

SINCA-RS – Sindicato dos Salões de Barbeiros, Cabeleireiros, Institutos de Beleza e Similares do Rio Grande do Sul

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lista de figuras

Figura 1 – Reportagem do jornal Zero Hora, 26 de setembro de 2010. Foto de Marcelo Oliveira.....	31
Figura 2 – Imagem do Google Maps – Barbearias de Porto Alegre http://g.co/maps/bcyxp	33
Figura 3 – Imagem do Google Maps – Antigas barbearias de Porto Alegre http://g.co/maps/gchxn	41
Figura 4 – Desenho e montagem por Pedro Paulo de Miranda A. Soares.....	42
Figura 5 – Prancha “Sociabilidade”. Fotografias retiradas por Pedro Paulo de Miranda A. Soares.....	48
Da esquerda para a direita: 1) Dona Geci; 2) Seu Rubens; 3) Sidney e Paulo; 4) Seu Renato e Seu Sílvio; 5) e 6) Seu Francisco.	
Figura 6 – Prancha “Barbearia Elegante” – com Seu Renato e Seu Walter. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	40
Figura 7 – Prancha “Sociabilidade no Mercado”.....	53
Da esquerda para a direita: 1) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares; 2) Imagem do acervo do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV; 3) Imagem do acervo pessoal de Carlos Jenecy; 4) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares; 5) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares.	
Figura 8 – Prancha “Barbearia Elite”. Fotos retiradas por P. P. M. A. Soares.....	58
Figura 9 – Jornal do Mercado, agosto de 2011.....	78
Figura 10 – Prancha “Renato”. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	83
Figura 11 – Rede de ingresso na profissão - Renato. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	86
Figura 12 – Rede de ingresso na profissão - Jenecy. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	89

Figura 13 – Prancha “Sidney”. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	92
Figura 14 – Rede de ingresso na profissão - Sidney. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	94
Figura 15 – Rede de Ingresso na profissão - Rubens. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	98
Figura 16 – Prancha “Seu Francisco”. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	99
Figura 17 – Rede de ingresso na profissão - Francisco. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	103
Figura 18 – Prancha “Geci”. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	105
Figura 19 – Rede de ingresso na profissão - Geci. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	107
Figura 20 – Rede de ingresso na profissão - Maria. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	114
Figura 21 – Prancha “Joel: Cabeleireiro Masculino”. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	121
Figura 22 – Rede de ingresso na profissão - Joel. Diagrama por P. P. M. A. Soares.....	123
Figura 23 – Prancha “Gestos”.....	127
Da esquerda para direita: 1) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares; 2) Fotografia por Claus Lehman, Revista TAM Nas Nuvens de maio de 2011; 3) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares; 4) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares; 5) Fotografia por Jefferson Botega, Jornal Zero Hora, 4 de setembro de 2010; 6) Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares.	
Figura 24 – Prancha “Pente corrido (1)” – com Joel. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares	129
Figura 25 – Fotografia retirada por P. P. M. A. Soares.....	130
Figura 26 – Prancha “Navalha” – com Seu Jenecy. Colagem de captura de imagens em vídeo por P. P. M. A. Soares.....	132

Figura 27 – Prancha “Pézinho” – com Seu Francisco. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	134
Figura 28 – Prancha “Kiko” – com Seu Jenecy. Fotografias retiradas por P. P. M. A. Soares.....	135
Figura 29 – Foto retirada por P. P. M. A. Soares.....	140
Figura 30 – Fotos retiradas por P. P. M. A. Soares.....	142
Figura 31 – Foto retirada por P. P. M. A. Soares.....	142
Figura 32 – Prancha “Bancadas” – com Dona Geci, Seu Francisco e o barbeiro Rocha Fotos retiradas por P. P. M. A. Soares.....	143
Figura 33 – Prancha “Pente corrido (2)” – com Seu Jenecy. Fotos retiradas por P. P. M. A. Soares.....	148
Figura 34 – Prancha “Joguinho” – com Seu Jenecy. Colagem de captura de imagens em vídeo por P. P. M. A. Soares.....	149
Figura 35 – Jornal Zero Hora, 14 de setembro de 2011.....	158
Figura 36 – Jornal Zero Hora, 28 de janeiro de 2012.....	167

SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo e palavras-chave

Abstract e keywords

Lista de siglas

Lista de figuras

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA DE UMA PESQUISA.....	17
1.1. Ritual de instalação na cidade de Porto Alegre.....	18
1.2. Redes sociais e filiações acadêmicas: as etnografias em Belém (PA).....	19
1.3. A descoberta do tema e a construção do objeto de pesquisa: os efeitos da inserção em um Grupo de Trabalho.....	21
1.4. Refletindo sobre a “duração” do ofício de barbeiro em Porto Alegre.....	27
1.5. Trabalhando com imagens.....	28
1.5.1. A fotografia no processo de pesquisa.....	28
1.5.2. Coleções etnográficas.....	29
CAPÍTULO 2. ENUNCIÇÕES PEDESTRES: CAMINHANDO PELA CIDADE, CONSTRUINDO O CAMPO DA PESQUISA.....	31
2.1. Enunciações pedestres.....	32
2.2. Porto Alegre e (algumas de) suas barbearias.....	34

CAPÍTULO 3. CONSTRUINDO A REDE DA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA. SOCIABILIDADE E CONFLITO NO COTIDIANO DAS BARBEARIAS DE PORTO ALEGRE.....	48
3.1. Prelúdio do Capítulo 3.....	49
3.2. As barbearias e seus personagens.....	49
3.2.1. Barbearia Elegante.....	49
3.2.2. Barbearia Central.....	52
3.2.3. Salão Degand.....	54
3.2.4. Barbearia Elite.....	56
3.2.5. Barbearia Líder.....	60
3.3. O cotidiano nas barbearias.....	62
3.3.1. Sociabilidades: “Ah histórias assim que aconteceram tem de muito, né.”.....	62
3.3.2. Conflitos: “Tu não pode nunca dar a entender que tu é o rei da cocada preta”.....	70
CAPÍTULO 4. SABERES E FAZERES (1). REDES SOCIAIS E TRAJETÓRIAS DE TRABALHO.....	78
4.1. Prelúdio do Capítulo 4.....	79
4.2. Os barbeiros.....	81
4.2.1. Renato.....	81
4.2.2. Jenecy.....	87
4.2.3. Sidney.....	92
4.2.4. Rubens.....	95
4.2.5. Francisco.....	98
4.3. As mulheres.....	103
4.3.1. Geci.....	103
4.3.2. Papéis sociais e papéis profissionais.....	108
4.3.3. Maria.....	113
4.3.4. Uma presença invisível.....	116

4.4. Joel: um cabeleireiro masculino.....	120
CAPÍTULO 5. SABERES E FAZERES (2). TÉCNICAS DE APRENDIZAGEM E HABILIDADES.....	125
5.1. Prelúdio do Capítulo 5.....	126
5.2. O cogito do artesão.....	126
5.3. Gestos, técnicas e ferramentas.....	128
5.4. Máquinas.....	137
5.5. Bancadas.....	140
5.6. “ <i>Professor Ingold, do you have a minute?</i> ”.....	144
5.7. A feitura da barba.....	154
5.8. O corte de cabelo.....	156
CAPÍTULO 6. UMA PROFISSÃO VIBRANDO NO TEMPO DA CIDADE.....	158
6.1. Do ofício à profissão.....	159
6.2. Os cursos e escolas de cabeleireiros.....	161
6.3. Uma profissão no devir de um centro urbano.....	163
CAPÍTULO 7. COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS: “Etnografando as barbearias da cidade: estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)”.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	172

Introdução

Este trabalho é um estudo antropológico da “memória coletiva” (Halbwachs, 2006) de uma categoria profissional urbana, no caso os barbeiros e barbeiras da cidade de Porto Alegre. No decorrer destes escritos pretendo discutir sobre aspectos do “saber-fazer” (Chevalier, 1991) da profissão que incluem os processos de aprendizado (Ingold, 2010; Mauss, 2003) do ofício e as redes sociais (Bott, 1976) de ingresso na profissão. Além disso, me dedico à análise das “formas de sociabilidade” (Simmel, 2006) nas barbearias, o que auxilia na compreensão de como os interlocutores da pesquisa vivenciam seu espaço de trabalho e também considero como relevantes para o processo de pesquisa as narrativas pelas quais os profissionais das barbearias constroem um sentido de pertença à paisagem urbana.

Nesta dissertação de mestrado busco narrar meu processo etnográfico, dramatizando ao longo deste trabalho as experiências engendradas a partir da participação no cotidiano das pessoas que aceitaram colaborar na pesquisa. Sendo assim, um dos maiores desafios enfrentados na feitura deste trabalho incide sobre a sua escrita. Nesse sentido, foi necessário que me afastasse da tentadora possibilidade de construir um discurso sobre o outro para centrar as análises na experiência etnográfica. Sendo assim, os dados construídos no decorrer da pesquisa emergem, nesta dissertação, a partir dos contextos em que experiências foram compartilhadas entre o pesquisador e seus colaboradores.

A organização dos capítulos deste trabalho reflete questões de ordem conceitual, mas também narra a trajetória da pesquisa etnográfica e o processo de construção de conhecimento que se consubstanciam à produção de um documento científico a ser avaliado pela comunidade interpretativa da Antropologia Urbana, da Imagem e do Trabalho. Assim, no primeiro capítulo procuro situar o leitor nos cenários (acadêmico e urbano) onde a pesquisa foi desenvolvida. Discorro sobre as condições em que são realizadas as reflexões deste trabalho, além dos aspectos subjetivos do pesquisador ligados ao deslocamento geográfico do estado do Pará em direção ao Rio Grande do Sul. São elucidados alguns aspectos teórico-metodológicos ligados à minha inserção em um grupo

de estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas que também apontam para os antecedentes acadêmicos deste trabalho.

No segundo capítulo continuo a narrar minha inserção na cidade de Porto Alegre, mas agora são trazidas à tona as minhas tentativas de familiarização com a paisagem urbana portoalegrense, processo que coincide com a descoberta do campo onde eu realizaria a etnografia que deu origem à dissertação. Neste capítulo também incluo as narrativas de alguns interlocutores da pesquisa para mostrar como essa construção de conhecimento sobre Porto Alegre não se deu sem a interação com os barbeiros da cidade, os quais também são moradores, praticantes e narradores desse mundo urbano do qual eu buscava (e ainda busco) me aproximar.

No terceiro capítulo deixo, em parte, de percorrer as ruas da cidade – por onde eu anteriormente caminhava e identificava um bom número de salões de barbeiros – para finalmente entrar nas barbearias de conhecer seus personagens de modo a construir a rede da experiência etnográfica. Nesse sentido, foi fundamental participar da sociabilidade das barbearias e observar as relações entre os profissionais que trabalham nesses lugares para entender como barbeiros, barbeiras e manicures vivenciam o seu local de trabalho. Essa observação participante no cotidiano das barbearias também auxiliou a compreender as relações entre as barbearias, seu público e os espaços da cidade onde estão inseridas, o que possibilitou a percepção de diferentes micro-regiões e formas de se relacionar com o espaço no Centro de Porto Alegre.

Com o capítulo quatro, é chegado o momento de me dedicar aos saberes e fazeres dos interlocutores da pesquisa. Desse modo, apresento as trajetórias de trabalho e as redes sociais de ingresso na profissão de cinco barbeiros, uma barbeira, uma manicure de homens que trabalha em uma barbearia e um autodenominado cabeleireiro masculino. As trajetórias desses profissionais, através das quais eles constituem redes de relações sociais que os introduzem na profissão, constituem parte de seus saberes e fazeres, na medida em que estes também são constituídos a partir das relações sociais que antecedem e orientam um aprendizado do ofício de barbeiro. Além disso, as narrativas dessas trajetórias constituem uma expressão da memória da profissão de barbeiro em Porto Alegre, evidenciando aspectos relevantes do mundo do trabalho nessa cidade.

O quinto capítulo prossegue com a incumbência de analisar os saberes e fazeres da profissão de barbeiro, mas agora sob a perspectiva epistemológica e cognitiva que cerca este ofício. Mais do que tentar interpretar as práticas, técnicas corporais (Mauss, 2003) e gestos técnicos (Leroi-Gourhan, 1984) do barbeiro em seu trabalho, interessou-me em refletir sobre como ele se vê trabalhando. Para isso, realizo uma discussão sobre a maneira pela qual acontece a aquisição dos conhecimentos da profissão. Sendo um ofício no qual o praticante precisa adquirir habilidades manuais, a aquisição desse conhecimento requer um aprendizado o qual implica em uma atitude diante do sujeito cognoscente diante dos conhecimentos e habilidades que são adquiridos. Dessa forma, inicio o capítulo discutindo sobre o cogito do artesão para chegar aos gestos e técnicas tidos como característicos da profissão para então compreender como ocorre o aprendizado destas técnicas e gestos.

Encaminhando-se para as considerações finais, o capítulo seis traz breves ponderações sobre algumas questões surgidas ao longo do trabalho e aponta no sentido de discussões a serem realizadas com maior propriedade no futuro. Interessa-me aqui pensar sobre as transformações da profissão de barbeiro, tendo em vista como o ofício de barbeiro vibra no tempo e na cidade de Porto Alegre.

Organizando os capítulos dessa maneira, espero que o leitor faça o mesmo percurso que realizei ao produzir esta dissertação: que aporte em uma cidade estrangeira procurando inserir-se na vida social do lugar, que percorra suas principais ruas para conhecer as barbearias sobre as quais escrevo. Tendo adentrado nas barbearias, que o leitor conheça seus personagens e se familiarize com eles. E que finalmente observe suas práticas profissionais e as experimente em seu próprio corpo ao ocupar a cadeira de um barbeiro para ter a barba feita e os cabelos cortados. Imbuído das imagens desse ofício que se transforma e dura no mundo urbano, que o leitor reflita sobre a densidade temporal das experiências ligadas ao ofício de barbeiro na cidade de Porto Alegre.

Capítulo 1

A trajetória de uma pesquisa

Entrei no barbeiro no modo do costume, com o prazer de me ser fácil entrar sem constrangimento nas casas conhecidas. A minha sensibilidade do novo é angustiante: tenho calma só onde já tenho estado.

Quando me sentei na cadeira, perguntei, por um acaso que lembra, ao rapaz barbeiro que me ia colocando no pescoço um linho frio e limpo, como ia o colega da cadeira da direita, mais velho e com espírito, que estava doente. Perguntei-lhe sem que me pesasse a necessidade de perguntar: ocorreu-me a oportunidade pelo local e a lembrança. “Morreu ontem”, respondeu sem tom a voz que estava por detrás da toalha e de mim, e cujos dedos se erguiam da última inserção na nuca, entre mim e o colarinho. Toda a minha boa disposição irracional morreu de repente, como o barbeiro eternamente ausente da cadeira ao lado. Fez frio em tudo quanto penso. Não disse nada.

Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angústia de fuga do tempo e uma doença do mistério da vida. Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituais — se deixo de vê-las entristeço; e não me foram nada, a não ser o símbolo de toda a vida.

(Fernando Pessoa, Livro do Desassossego, Fragmento 481)

1.1. Ritual de instalação na cidade de Porto Alegre.

Depois de cinco anos de graduação no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA) e morando na casa de minha família na cidade de Belém (PA), minhas redes de relações no âmbito acadêmico me levaram a prestar a seleção de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o que implicaria em uma mudança radical envolvendo cidade, moradia, relações interpessoais, clima e circuito acadêmico. A presença de minha namorada Juliane, que também tinha projetos profissionais no Rio Grande do Sul e me acompanhou nesta empreitada, foi a grande responsável por tornar aceitáveis e suaves tanto esta ruptura – mesmo que provisória – com os laços que me ligam a Belém, quanto os percalços de se estabelecer em um novo lugar.

A chegada na cidade de Porto Alegre acabara ocorrendo diferentemente do planejado. As aulas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS – UFRGS) começariam dentro de uma semana e não em quinze dias, como eu inicialmente havia pensado. Isso significava que haveria menos tempo para procurar um apartamento para alugar e lidar com todos os engodos burocráticos que uma mudança de cidade requer. Primeiro é preciso tornar-se comunicável dentro da nova cidade. Depois, segue-se a tarefa de tornar o novo local de moradia habitável. É lógico que este processo excedeu os sete dias que faltavam até o início das aulas, entendendo-se por meses e meses, senão até os dias de hoje.

Todo o processo de estabelecimento na cidade de Porto Alegre passa pela ação de reconhecimento da cidade, o que na realidade seria o próprio re-descobrimiento de si em relação a um novo ambiente. Nesse sentido, sabia que meu trabalho antropológico começava justamente no estranhamento desta realidade urbana onde estava agora inserido. Ao mesmo tempo, era necessária certa familiarização com o aparelhamento urbano de Porto Alegre de modo a operacionalizar minha estada na cidade. Este jogo de estranhamento e familiarização tomou forma nos constantes deslocamentos que realizei pela urbe a fim de, por exemplo, visitar imobiliárias e seus imóveis, adquirir números de telefone com DDD 51, tirar carteira de meia-passagem no transporte coletivo para estudantes, cadastrar-me na companhia distribuidora de energia elétrica e, enfim, assistir ao famoso pôr-do-sol às margens do Guaíba.

Não é possível dizer, entretanto, que Porto Alegre fosse totalmente estranha para mim. Alguns anos antes visitara a cidade durante um evento acadêmico e também já a imaginava a partir das páginas dos trabalhos produzidos pelos pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) publicados na Revista Eletrônica Iluminuras. Porém, “Rua da Praia”, “Mercado Público”, “Campus do Vale”, “Otávio Rocha” eram apenas nomes, logradouros de uma geografia imaginária da cidade que pouco a pouco iam se mesclando à minha experiência quando eu finalmente chegava a estes lugares.

1.2. Redes sociais e filiações acadêmicas: as etnografias em Belém (PA)

Os dois grupos de pesquisa aos quais me referi ainda há pouco, isto é, o NAVISUAL e o BIEV estão sediados na UFRGS, sendo responsáveis por um grande número de pesquisas realizadas no mundo urbano de Porto Alegre e pela construção de um acervo imagético sobre a cidade. Estes dois grupos, sobretudo o BIEV, tiveram papel fundamental na formação de meu orientador de Iniciação Científica na graduação, o Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira, titular do Departamento de Antropologia da UFPA. Desse modo, meu orientador familiarizou-me com a produção dos pesquisadores da UFRGS, incentivando-me a refletir sobre a experiência urbana e memória coletiva (Halbwachs, 2006) dos habitantes de Belém do Pará durante minha graduação.

O projeto de pesquisa no qual ingressei era intitulado “Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém (PA)” e coordenado por meu orientador. Seu foco, entre outras questões, se colocava sobre a relação entre o imaginário (Durand, 1998) dos habitantes de alguns bairros de Belém e as suas formas de apropriação simbólica da paisagem urbana expressadas em narrativas aterrorizantes sobre visagens e assombrações. Minha inclusão em tal projeto rendeu duas pesquisas, algumas publicações (Silveira e Soares, 2007a; Silveira e Soares, 2007b; Soares e Silveira, 2009) e um Trabalho de Conclusão de Curso (Soares, 2010), além de ter contribuído de maneira fundamental para a escolha de meu tema e objeto de pesquisa no Mestrado em Antropologia Social.

A primeira pesquisa ocorreu junto à Barbearia São Jorge em Icoaraci no ano de 2006, enquanto eu dava os primeiros passos como bolsista de Iniciação Científica. Icoaraci é um distrito da cidade de Belém que dista 18 km do centro da capital e possui uma população de cerca de 320.000 habitantes¹. Assim como Belém, localiza-se às margens da Baía do Guajará, mas sofre de um relativo isolamento em relação ao centro da capital. Antigo local de veraneio das elites belemenses, Icoaraci conservou durante muito tempo uma aura que remete às imagens literárias de uma “comunidade amazônica”², parecendo ligeiramente exótica aos olhos de um habitante da região central de Belém como eu.

Acompanhado de meu orientador, na época o Prof. Dr. Flávio Silveira, fomos conduzidos pelo colega da universidade Gilmar Matta até o salão onde seu tio trabalha até hoje como barbeiro. Chegamos em uma manhã de sábado ao pequeno cômodo de alvenaria erguido em frente à residência do barbeiro. Aquela pequena barbearia, onde seu Jorge trabalhara sozinho por mais de 40 anos, era quase uma extensão de sua morada, pois no local circulavam muito à vontade sua esposa, seus sobrinhos e seu cunhado além dos amigos, vizinhos e eventuais clientes. Consideramos de imediato que a barbearia São Jorge seria um ótimo lugar para começar uma etnografia sobre memória coletiva (Halbwachs, 2006) e imaginário (Durand, 1998) em Icoaraci.

Em um segundo momento da Iniciação Científica realizei uma etnografia entre um grupo de motoristas de taxi cujo ponto se localizava em uma das principais vias do centro de Belém. O trabalho de campo consistia na observação participante no ponto de taxi, onde geralmente eram gravadas entrevistas com esses profissionais. Com o tempo, fui gradualmente me afastando dos pontos de taxi e me aproximando do Sindicato dos Taxistas de Belém do Pará (STABEPA), onde conheci motoristas aposentados que me receberiam em suas respectivas residências. Desta segunda fase da pesquisa resultou meu Trabalho de Conclusão de Curso defendido em janeiro de 2010 e que enfocava as impressões e as interpretações de antigos taxistas a respeito das mudanças ocorridas na cidade de Belém no decorrer do século XX. Estes pontos de vista apareciam expressos em narrativas fantásticas em que os taxistas encontram visagens e assombrações durante sua jornada de trabalho, mas também em seus relatos sobre sua trajetória de trabalho e as modificações em sua profissão.

¹ Mais informações a respeito do distrito de Icoaraci podem ser encontradas no trabalho de Figueiredo e Tavares (2006)

² Conferir trabalho clássico de Charles Wagley (1988).

Nestes trabalhos foi estabelecida uma relação de interlocução com trabalhadores urbanos que encarnaram os dois possíveis personagens benjaminianos associados à figura do narrador (Benjamin, 1996): o narrador sedentário – o barbeiro – e o narrador viajante, no caso dos taxistas, cada qual com sua forma específica de construir conhecimento sobre a cidade. O seu trabalho emergia com uma maneira própria de engajamento no mundo, condicionando suas narratividades sobre o mundo urbano. Suas narrativas sobre o trabalho, suas artes de fazer (De Certeau, 1994) no cotidiano profissional só se mostravam relevantes para a pesquisa na medida em que constituíam uma parcela da memória coletiva (Halbwachs, 2006) sobre Belém construída com base na sua experiência no mundo do trabalho na cidade.

Em Icoaraci a barbearia era muito mais um lócus de pesquisa para onde convergia grande parte da memória local e a partir do qual poderíamos fazer contato com outros narradores que nos receberiam em sua residência. Na região Central de Belém, a escolha dos taxistas como interlocutores se justificava pelo conhecimento acumulado que possuíam a respeito da cidade de Belém e de suas transformações, em virtude dos constantes deslocamentos que caracterizava seu trabalho na cidade. Seu trabalho, em si mesmo, as discursividades que emanam de suas práticas cotidianas mais elementares não foram valorizados como objeto de interesse antropológico, ficando em segundo plano durante as pesquisas. Em outras palavras, ainda não havia diálogo com o campo semântico-conceitual da Antropologia do Trabalho e dos Trabalhadores (Leite Lopes, 1976).

1.3. A descoberta do tema e a construção do objeto de pesquisa: os efeitos da inserção em um Grupo de Trabalho

A problematização dos conceitos relativos à comunidade interpretativa (Cardoso de Oliveira, 1988) relacionada à Antropologia do Trabalho só se deu no contexto de meu ingresso no projeto de pesquisa “Trabalho e Cidade: etnografia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cornelia Eckert e que aglutina em torno de si trabalhos de pesquisa inseridos na temática das transformações das formas de trabalho no mundo urbano contemporâneo e é executado dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais. A entrada neste projeto se justificou pelo objeto de pesquisa que escolhi para trabalhar no mestrado, isto é, a memória coletiva de barbeiros, barbeiras e

outros profissionais que trabalham em salões e barbearias das regiões centrais da cidade de Porto Alegre.

A descoberta do campo onde se desenvolveu a etnografia e o contato com os profissionais que se tornaram interlocutores da pesquisa serão narrados em outro momento. Por hora, cabe declarar que estava interessado na reflexão sobre a duração (Eckert e Rocha, 2001) de práticas, ocupações e formas de sociabilidade (Simmel, 2006) que a presença de profissionais como os barbeiros suscita na paisagem citadina. O ofício de barbeiro, por se basear em uma atividade manual de cunho artesanal assim como alfaiates, ourives, sapateiros ou afiadores, acaba contrastando no cenário urbano com outras formas de trabalho tidas como mais modernas, a exemplo das técnicas e equipamentos utilizados nos serviços oferecidos nos salões de beleza freqüentados pelas classes média e alta. Assim, por mais que estas práticas coexistam dialogicamente na cidade, o senso comum geralmente atribui ao ofício de barbeiro o status de uma profissão em extinção, o que me sensibilizou a estudar antropologicamente os “saberes e fazeres” (Chevalier, 1991) dos sujeitos dessa categoria profissional.

A escolha do objeto me remete, de certa forma, à etnografia realizada em Icoaraci com a ajuda do barbeiro Jorge, ao mesmo tempo em que coloca como cenário da pesquisa novamente as regiões centrais de uma grande metrópole, tal como ocorrera na pesquisa junto aos taxistas de Belém. No entanto, o objeto de pesquisa e a relação etnográfica com os interlocutores são agora problematizadas com a ajuda do campo semântico-conceitual discutido nas reuniões do referido projeto “Trabalho e cidade”, o que implica um exame atento das artes de fazer (De Certeau, 1994), das redes sociais (Bott, 1976) de acesso à prática da profissão e ao seu aprendizado, assim como das trajetórias sociais (Leite Lopes, 1976) ligada ao trabalho dos interlocutores, que no contexto do projeto são chamadas de trajetória de trabalho.

No âmbito do projeto trabalho e cidade também era necessário discutir as modificações que o ofício de barbeiro sofrera articuladas às transformações da cidade, tendo em vista que estamos diante de uma profissão manual tradicional que tem lugar no mundo urbano moderno. Estas discussões levaram à descoberta e delimitação do tema deste trabalho, o qual consiste nas transformações das relações de trabalho – ou formas de trabalho, se for desejado maior alinhamento ao pensamento formista de Georg Simmel

(2006) – no mundo urbano contemporâneo, o que conduz às reflexões que realizo nesta dissertação sobre a profissão de barbeiro ou barbeira, vendo esta profissão como um conjunto dinâmico de atos tradicionais eficazes (Mauss, 2003) e relações sociais configurado em um “campo de práticas” (Ingold, 2010) que atravessa gerações e vibra no tempo da cidade de Porto Alegre juntamente com outra série de profissões consideradas antigas ou “tradicionais”.

Embora coexistam com formas mais recentes de atividades econômicas ligadas à oferta de serviço e de consumo, as profissões urbanas consideradas tradicionais³ sentem os impactos das transformações que a urbe sofre ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito ao aumento da concorrência devido à entrada de novos serviços no mercado. Além disso, como mostram os estudos etnográficos em Porto Alegre de Viviane Vedana (2008) sobre mercados de rua e de Thaís Cunegatto sobre a Rua da Praia (2009), as intervenções do Estado em espaços públicos têm como consequência certa normatização da vida social, o que se reflete em regulações e restrições relativas às práticas de trabalho que tradicionalmente têm lugar no espaço urbano. Assim, conforme muda a concepção de cidade almejada dentro de um processo civilizacional de modernização urbana, transformam-se as relações de trabalho que se desenvolvem nos espaços públicos como praças, calçadas e ruas.

Nesse sentido, o que diferencia o ofício de barbeiro das demais profissões manuais tradicionais é que sapateiros, engraxates, afiadores ou alfaiates aplicam sua força de trabalho sobre objetos ou matérias-primas inanimadas, enquanto que os barbeiros se destacam por serem os únicos a terem a manipulação do corpo humano como condição essencial de seu trabalho. Os barbeiros ainda trabalham com objetos cortantes como tesouras e navalhas, manuseando estes objetos sobre o corpo de seus clientes. Desse modo, as regulações sanitárias e restrições profissionais podem ter incidido mais gravemente sobre os barbeiros do que sobre outros profissionais tradicionais no meio urbano como vendedores ambulantes e feirantes, os quais também foram afetados por intervenções do Estado no espaço público onde desempenhavam suas atividades de trabalho.

As afirmações acima estão baseadas em algumas leituras sobre o ofício de barbeiro no Brasil. Em meio à experiência de escrever o projeto que daria origem a esta dissertação,

³ A utilização do termo “tradicional” será discutida mais adiante com a ajuda de autores como Marcel Mauss (2003)

tive contato com alguns textos de historiadores publicados em um periódico da área da saúde que contribuíram para que refletisse sobre algumas transformações sofridas pelo ofício de barbeiro no Brasil. Bethânia Figueiredo (1999, p. 282), por exemplo, escreve que no Brasil colonial, entre os séculos XVII e XIX, a feitura da barba e o corte de cabelo não estavam entre as únicas atribuições dos barbeiros. Segundo a autora, por volta de 1832 em Minas Gerais os barbeiros eram também responsáveis por realizar intervenções cirúrgicas e aplicar sangrias com o uso de sanguessugas em seus pacientes.

Desse modo, barbeiros eram chamados às vezes de barbeiros-sangradores em virtude do uso terapêutico de sanguessugas que extraíam o “sangue ruim” do corpo dos pacientes ou barbeiros-cirurgiões, estando muito próximos dos profissionais de saúde na época. Os barbeiros partilhavam com os cirurgiões o fato de possuírem habilidades manuais de intervenção no corpo humano, além de trabalharem com praticamente os mesmos instrumentos, isto é, lâminas e sanguessugas. Além disso, o estigma do trabalho manual e o vínculo com a carne e o sangue situavam tanto barbeiros como cirurgiões abaixo dos médicos clínicos na hierarquia das profissões voltadas à saúde (Figueiredo, 1999, p. 277). No entanto, em relação aos cirurgiões propriamente ditos, os cirurgiões-barbeiros ainda detinham um status social inferior na hierarquia das profissões médicas, além de se tratarem, na sua maioria, de homens pardos e negros. Enquanto os primeiros chegavam a receber algum tipo de formação institucional, os segundos tinham seus conhecimentos e técnicas aprendidos a partir da aproximação com os mais velhos (Figueiredo, 1999, p.278).

Tânia Salgado (1998, p.355), por sua vez, discutiu a atuação da Fisicatura-mor do Reino (que existiu entre 1808 e 1828), órgão responsável pela supervisão e regulamentação de atividades ligadas à saúde pública, entre elas as práticas de barbeiros e até curadores, sendo as atividades de ambos classificadas como formas de “medicina popular”. Além disso, o ponto de vista institucional era o de que estes profissionais trabalhavam, na grande maioria das vezes, sob péssimas condições de higiene. A autora revela, com bases nos documentos da Fisicatura-mor, que muitas vezes o trabalho de sangradores, barbeiros, curandeiros e parteiras era tolerado pela falta de profissionais considerados qualificados como médicos e cirurgiões (Salgado, 1998, p.356)

Do Período Regencial (1831 a 1840) até o fim do Império Brasileiro (em 1889) o órgão responsável pela supervisão e regulamentação das atividades relacionadas à saúde foi a Academia Imperial de Medicina, cujo surgimento coincidiu com a criação das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e em Salvador (Salgado, 1998, p.342). Os membros da Academia Imperial de Medicina foram pouco tolerantes com as práticas médicas de barbeiros, sangradores e curandeiros, ajudando a legitimar a “medicina oficial” como um campo de conhecimento e de atividades restrito aos acadêmicos (Salgado, 1998, p.367).

Não encontrei, contudo, no processo de pesquisa relatos em que os interlocutores dissessem algo sobre o controle do estado no que diz respeito à higienização e regulamentação de suas práticas. O Sindicato dos Cabeleireiros (SINCA) – que representa toda as categorias de profissionais que trabalham na área da beleza, entre eles manicures, esteticistas, tatuadores, além dos barbeiros e barbeiras – tampouco exerce algum papel regulador ou de supervisão das condições sanitárias em que se desenvolve o trabalho dos barbeiros na cidade de Porto Alegre. Porém, os artigos de Salgado (1998) e Figueiredo (1999), assim como os trabalhos de Thaís Cunegatto (2009) e Viviane Vedana (2008), auxiliaram no exercício de pensar a cidade e as práticas de trabalho nela situadas enquanto elementos interagem dialeticamente no tempo. Fica evidente que, se o ofício de barbeiro está se transformando, acabando ou simplesmente sendo incorporado ou incorporando o universo dos modernos cabeleireiros, este já é um processo que se desenrola há bastante tempo, pelo menos desde que barbeiros passaram a ser destituídos de suas atribuições ligadas à “medicina popular” para figuraram no mundo do trabalho como profissionais da área da beleza que cortam cabelos e fazem barbas.

Também é possível pensar, com a ajuda do sociólogo clássico Georg Simmel (1987), sobre as transformações nas relações de trabalho no mundo urbano nas primeiras décadas do século XX como um aspecto da vida social relacionado ao refinamento do sentimento individualista que acomete os habitantes das grandes metrópoles. De acordo com Simmel (1987, p. 22), o crescimento das cidades favorece o incremento da divisão social do trabalho na medida em que a concentração de indivíduos em um mesmo espaço e a sua busca por consumidores os leva a se especializarem em certa forma de ocupação profissional de modo que não possam ser substituídos por outros. O trabalhador especializado de Simmel (1987) se encontra no lado oposto aos dos trabalhadores manuais

ou artesanais antes caracterizados pela diversidade de atividades capazes de realizar com as suas mãos e alguns instrumentos, tais como os antigos barbeiros-sangradores ou cirurgiões-barbeiros.

Assim, a especialização do trabalho ou definição de profissões especializadas não seriam motivadas apenas pela concorrência no mercado de trabalho, ou pela ação reguladora do Estado ou de sindicatos, estando ligadas também à emergência de um estilo de vida próprio às metrópoles. O consumo, o gosto de classe e o anseio do indivíduo metropolitano para se destacar em relação à massa conduzem ao que Simmel chama de um “processo que promove a diferenciação, o refinamento e o enriquecimento das necessidades do público, o que obviamente deve conduzir ao crescimento das diferenças pessoais no interior desse público” (Simmel, 1987 p. 22). Nesse sentido, o modo de vida metropolitano calcado no individualismo subjetivo também reverbera na afirmação da individualidade frente ao círculo social, o que resulta do que Simmel chama de “extravagâncias especificamente metropolitanas do maneirismo, capricho e preciosismo” (Simmel, 1987, p. 22). Para o autor, as “formas” de comportamento, o vestuário e os cuidados com a estética corporal emergem como elementos fundamentais da vida moderna nas grandes cidades. Desse modo, não é difícil imaginar que a partir desse processo os trabalhadores ligados aos cuidados com o corpo tais como cabeleireiros e barbeiros pudessem se destacar como uma categoria profissional específica.

Para o trabalhador simmeliano o individualismo e a consciência de si estão estreitamente vinculados à especialização no trabalho (Simmel, 1987, p.22). O trabalhador valoriza a si mesmo como especialista, concebendo-se como insubstituível dentro de seu *métier*. A relação entre um barbeiro e seu cliente, por exemplo, está baseada em um laço social que dura no tempo para além da relação comercial existente entre os dois, mas também coloca em evidência um tácito acordo através do qual ambos assumem que Seu Jenecy, Seu Renato, Dona Geci ou Seu Francisco cortam cabelo e fazem barba como nenhum outro profissional. Assim, o produto de seu trabalho possuiria a sua marca indelével, um “selo de qualidade” que – sou eu quem está sugerindo – atesta seu lugar no mundo e que pode ser capaz de remeter o barbeiro ou barbeira ao seu processo de aprendizado, à sua trajetória de trabalho individualizada e ao seu engajamento ao ambiente no qual foram transmitidos os saberes e fazeres que possui.

1.4. Refletindo sobre a “duração” do ofício de barbeiro em Porto Alegre

Outra característica comum aos pesquisadores que desenvolvem trabalhos dentro do projeto “Trabalho e Cidade: etnografia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea” é a postura teórico-metodológica proposta pelas coordenadoras do BIEV Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha, o que implica na tentativa de realizar uma “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2001). Esta abordagem privilegia as narrativas dos interlocutores sobre suas experiências na cidade e a observação de suas práticas, gestos e saberes cotidianos. Nestes estudos sobre “memória coletiva” (Halbwachs, 2006) de grupos urbanos, os interlocutores narram seus itinerários na urbe e acomodam as suas experiências individuais e coletivas na trajetória da cidade. É através desse esforço de pensarem a si mesmos no tempo que os sujeitos constroem uma “duração” (Eckert e Rocha, 2010) de suas práticas e vivências em um tempo que é descontínuo, mas cuja unidade é construída nas narrativas da relação destes sujeitos com o meio urbano.

É importante, entretanto, caracterizar como o fenômeno da memória é tratado no projeto de pesquisa supracitado e dentro de uma “etnografia da duração”. Para além da simples lembrança do passado, a memória é entendida como a reconstrução do passado como experiência de vida a partir de questões que são relevantes no presente para os sujeitos. Conforme Eckert e Rocha (2001, p.154) “a etnografia da duração, nesse sentido, vislumbra o tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narrado pelos sujeitos”. Desse modo, para as reflexões propostas nesta dissertação parto do princípio de que as narrativas de barbeiros e barbeiras sobre seu ofício, sua trajetória de trabalho e suas vivências na cidade já constituem a própria expressão do ponto de vista desses profissionais sobre a experiência temporal de Porto Alegre.

Em uma etnografia da duração sobre o ofício de barbeiro em Porto Alegre seria necessário pensar em como esta profissão vibra no tempo da cidade, em como os barbeiros ou barbeiras imaginam a permanência de seu *métier* no mundo urbano depois de tantas transformações sofridas e como acomodam estas experiências em sua prática profissional cotidiana, quando estes profissionais se relacionam com seus colegas e clientes e organizam seu trabalho em gestos e seqüências de gestos necessários para fazer uma barba ou um bom corte de cabelo.

É imperativo pensar os interlocutores como personagens no mundo urbano, imersos em redes de relações sociais (Bott, 1976) e situados em seus itinerários pela cidade. Mas também se faz necessário um exame atento de seu trabalho por si mesmo. O trabalho, nesse sentido, não condicionaria apenas um ponto de vista sobre a realidade, sendo ele próprio uma forma de construir conhecimento sobre o mundo. A sociedade se pensa através do trabalho e as próprias práticas profissionais falam por si sobre o mundo no momento em que o constroem, encerrando discursividades silenciosas que se disfarçam sob os movimentos das mãos de um profissional como o barbeiro ou a barbeira.

“A mão toca o universo, sente-o, conquista-o, transforma-o”, diz o filósofo Henri Focillon (2001, p.116) ao refletir sobre o trabalho das mãos na criação do homem pelo próprio homem. Induzir o trabalho das mãos a um determinado ritmo, decompor e ordenar a totalidade de um processo material como o corte de cabelo ou a feitura da barba em etapas e seqüências de gestos é uma forma de conferir ordem ao mundo e isso equivaleria, no campo das práticas mecânicas, ao próprio ato de narrar experiências no âmbito do discurso enunciado⁴. Estas podem ser, portanto, maneiras de pensar o fenômeno da “duração”, como o fazem Eckert e Rocha (2001) a partir das reflexões do filósofo Gaston Bachelard (1988), conquanto “duração” seja entendido como um esforço criativo humano de pensar a continuidade de si e das coisas no mundo. *Narrar*, assim como *fazer*, implicam em imaginar, ordenar e significar as experiências em meio ao caos da vida social. Trata-se de conferir e assegurar a continuidade de uma existência no mundo que, por si mesma, é acidentada e descontínua em relação ao tempo.

1.5. Trabalhando com imagens

1.5.1. A fotografia no processo de pesquisa

No primeiro semestre de 2011 tive a chance de cursar a disciplina Antropologia Visual e da Imagem, ministrada pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. A primeira parte da disciplina destacou-se por oferecer uma discussão teórico-epistemológica acerca do estatuto da imagem e do imaginário nas Ciências Sociais. Sendo assim, discutimos a partir de autores como Durand (1998) sobre como a imagem foi historicamente excluída do pensamento ocidental e tratada como uma forma de discurso

⁴ Tomo esta analogia emprestada de Michel De Certeau, que estabelece uma equivalência lógica entre os atos de caminhar pela cidade e falar uma determinada língua (De Certeau, 1994, p.178).

ambígua e imprecisa, incapaz de expressar a verdade de um enunciado da mesma forma que a escrita. Essa posição relativa à imagem é discutida e a oposição entre imagem e escrita é repensada a partir do momento em que se considera que a escrita é tão imagética e dotada de poética quanto a imagem propriamente dita (Rocha, 1995), sendo possível assim explorar os “excedentes de sentido” (Ricoeur, 1978) que as imagens podem possuir.

O resultado metodológico dessa discussão foi a possibilidade de criar um maior diálogo, no espaço livresco em que produzimos nossas reflexões acadêmicas, entre escrita e imagem, aumentando as possibilidades de explorar sensivelmente as formas de expressão oferecidas pela imagem aliada à escrita. Cumpre, assim, reconhecer os limites da linguagem escrita no sentido de evocar os “espaços fantásticos” (Devos, 2005) trazidos à tona pelas narrativas dos interlocutores. Desse modo, mais do que para ilustrar o que o texto conta, recorro às imagens para narrar as práticas cotidianas dos habitantes de uma cidade como Porto Alegre.

Não sou capaz de descrever o ângulo de incidência da navalha de um barbeiro sobre o rosto de um cliente, ou talvez fosse demasiado entediante para o leitor se eu descrevesse a posição dos pulsos, das mãos ou dos dedos de um barbeiro ou barbeira quando estes trabalham com os gestos e técnicas característicos de seu ofício, mas as fotografias produzidas durante o processo de pesquisa podem dar conta de narrar o que as palavras não conseguem, além de possibilitar ao leitor que este realize suas próprias interpretações acerca do dados imagéticos construídos pelo pesquisador a partir do trabalho de campo.

1.5.2. Coleções etnográficas

Dentro do Projeto “Trabalho e Cidade...” desenvolvido no âmbito das pesquisas sobre memória coletiva em contextos urbanos contemporâneos do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), operamos conceitualmente com um certo número de categorias e palavras-chave configuradas em coleções etnográficas que podem conter material em vários suportes, como foto, vídeo, som e texto. Para o caso deste trabalho, as coleções etnográficas contendo o material produzido por mim em campo estão presentes em um CD e são consideradas em si mesmas parte integrante desta dissertação. Mais informações sobre como operar com as coleções estão no Capítulo 7 deste trabalho (página 165).

Estas coleções construídas no contexto desta pesquisa ajudaram na própria estruturação da dissertação, pois através delas são realizados os jogos de aproximação e justaposição do material coletado em campo. Este material, quando agrupado em conjuntos de imagens que refletem as interrogações da pesquisa, revela-se de outras formas ao leitor e ao próprio pesquisador, adquirindo sentidos diferentes em relação ao significado que uma imagem – textual, fotográfica, videográfica ou sonora – isolada possuiria.

As coleções etnográficas (Rocha, 2008) organizam as imagens em torno de núcleos semânticos dentro dos quais elas podem ser lidas e ordenadas de diversas formas para serem interpretadas em sua coletividade. Para a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha (2008), o procedimento de ordenar e agrupar o material da pesquisa pode ser tido como uma releitura do “método de convergência” de imagens proposto por Gilbert Durand. A esse respeito, a autora afirma que:

Para a arqueologia antropológica de G. Durand, trata-se de construir, através do *método de convergência*, uma classificação de símbolos os quais constelam em torno de um mesmo tema arquetipal, segundo a equivalência de suas formas (equivalência morfológica), ou seja, das imagens cuja materialidade dos seus elementos se parecem. [...] Apoiando-se no *método de convergência*, as formas das imagens expressam um dinamismo criador inesgotável pelas motivações simbólicas do gesto humano que elas encerram, numa gênese recíproca de acomodação-assimilação das pulsões subjetivas humanas as intimações objetivas do mundo cósmico e social. (Rocha, 2008, p.4)

Assim, o efeito que as coleções buscam provocar é o de que as fotografias, textos ou vídeos tornem-se autônomos à intencionalidade primeira do pesquisador, dialogando livremente entre si a partir do sujeito que as observa em conjunto. Isso coloca em evidência, conforme propõem Eckert e Rocha (2008), outra característica das coleções etnográficas: a interatividade das coleções com o espectador. A partir do contato com as coleções o leitor constrói sentidos sobre o viver urbano, cria suas narrativas se valendo do caráter polissêmico e instaurador das imagens que visualiza. Essa livre associação entre imagens vistas em conjunto representa uma maneira diferente de se pensar a própria cidade no tempo, pois constitui uma alternativa ao caráter estático do livro ou dos álbuns de imagens, onde a ordem, cronologia e a maneira como as imagens se relacionam já estão predeterminadas para o leitor.

Capítulo 2

Enunciações pedestres: caminhando pela cidade, construindo o campo da pesquisa



(Jornal Zero Hora, 26 de setembro de 2010)

2.1. Enunciações pedestres

Em a “A invenção do cotidiano”, Michel De Certeau (1994, p.178) discute sobre as formas de direcionar a atenção à cidade, opondo duas maneiras de olhar a cidade: a panóptica e a perspectiva. A primeira, uma idealização da cidade, diz respeito à visão administrativa de um espaço urbano planejado e racionalizado em mapas. A segunda afina-se com o olhar de quem tem os pés fincados no chão da urbe, observando as ruas, esquinas, botecos e em contato com o que De Certeau chama de “praticantes ordinárias da cidade” (1994, p.171). Neste capítulo busco aproximar – e o próprio De Certeau (1994, p.204) indica que estes aspectos não se excluem – essas maneiras de ver a cidade, discutindo sobre como se deu a minha experiência de “descobrir” Porto Alegre.

As caminhadas pela cidade foram, de fato, essenciais neste processo de familiarização com o território. Mas o olhar panóptico sobre a cidade também esteve presente na medida em que construí, a partir da ferramenta do *Google Maps*, mapas da localização de pontos da cidade os quais gostaria de me lembrar posteriormente, no caso as barbearias onde eu viria a conhecer os interlocutores desta pesquisa. A ferramenta *online* do *Google Maps* permite que eu inscreva minha própria experiência em uma carta panóptica que, por definição, deve estar dissociada de qualquer experiência de reconhecimento do território que lhe deu origem (De Certeau, 1994, p.204). Com o tempo também desenhei meus próprios mapas, dramatizando assim a minha apreensão dos espaços sobre os quais meu campo de pesquisa era construído.⁵ [Conferir a Categoria Ritmos temporais – Palavra-chave Vista panorâmica]

⁵ Para conferir os mapas do google online, acessar:
Barbearias de Porto Alegre – <http://g.co/maps/gchxn>
Barbearias antigas de Porto Alegre – <http://g.co/maps/bcyxp>

Barbearias de Porto Alegre - *Google Maps*



A analogia que Michel de Certeau (1994, p.177) estabelece entre os atos de caminhar e falar também ajuda na compreensão sobre os modos de construir conhecimento sobre a cidade. Para se ter uma idéia dessa relação, De Certeau (1994, p.177) insiste que caminhar é a realização da cidade, assim como falar é a realização da língua. Portanto, movimentar-me na urbe permite que a cidade se torne real para mim e invada minha subjetividade convidando-me a conhecê-la melhor. As caminhadas também possuem uma função fática, na medida em que marca minha diferença como observador de tudo aquilo que está ao meu redor, colocando-me em face da cidade como um Outro. Dessa forma, caminhar na cidade estabelece relações entre alteridades a partir do momento em que muitas de minhas experiências se põem a dialogar e evocar umas às outras quando começo a conhecer uma nova cidade. Em Porto Alegre este processo não se deu de outra maneira.

Mas a apreensão de Porto Alegre como um espaço vivido – e não como um “fato [...] tratável como uma unidade que depende de uma racionalidade urbanística” (De Certeau, (1994, p.172), o que conduz ao conceito abstrato, autônomo e atemporal de “Cidade” – e cheio de histórias só foi possível a partir do contato com os “autores” e

“espectadores” da vida urbana, entre eles os interlocutores da pesquisa. Estes me narraram Porto Alegre e me ensinaram sobre os espaços da cidade. É dessa forma que o ofício de barbeiro articula em torno de si as “formas de sociabilidade” (Simmel, 2006, p. 65) no mundo urbano com as transformações sofridas pelas sociedades contemporâneas.

2.2. Porto Alegre e (algumas de) suas barbearias

O contato com o universo desta pesquisa está ligado à trajetória das minhas tentativas de familiarização com os espaços de Porto Alegre. Estas tentativas de familiarizar-se com uma nova cidade, de criar uma relação de pertencimento com este lugar e de buscar aqui ao menos as sensações provocadas por alguns de meus locais habituais de Belém acontecem na forma de alguns trajetos urbanos pelo bairro no qual me estabeleci (Bom Fim) e suas adjacências, bem como pelas regiões centrais da capital que conformam um bairro ao qual é dado o nome de Centro. Essas caminhadas possibilitaram a identificação de certos salões que se assemelham à imagem folclórica que guardo das antigas barbearias que aparecem em filmes, séries de tevê e antigos álbuns de fotografias.

A importância de considerar os percursos urbanos como formas de conferir significado aos espaços da cidade foi bastante assinalada por Michel de Certeau (1994, p. 178). Este autor indica que a constituição e definição de trajetos específicos por parte dos sujeitos que vivem o cotidiano da cidade é uma forma de escrever e inscrever a própria experiência nos espaços da urbe, processo que, em meu caso, não aconteceu sem estranhamentos, tensões, comparações e reencontros em relação às paisagens que eu experienciava em Belém do Pará, minha cidade de origem.

Nas reflexões de Bachelard (2008) aparecem as imagens etéreas de um espaço embrionário, e por isso matricial, a partir do qual percebemos e nos apropriamos dos demais espaços que percorremos durante a vida. Quando me dirijo à Rua da Praia ou Rua dos Andradas a sensação que encontro é a de caminhar novamente na João Alfredo ou Rua dos Mercadores, aquela que imagino ser a equivalente belemense à Rua da Praia. É possível pensar que exista uma grande semelhança física entre a capital do norte e a capital do sul, ou que processos semelhantes de formação territorial e urbanização das cidades brasileiras engendrem arranjos espaciais similares no caso das duas cidades. Porém,

também posso imaginar o entrelaçar das duas cidades e o mapa de Porto Alegre se sobrepondo lentamente aos espaços de uma Belém cada vez mais distante em minha memória.

Até então, a espacialidade da pesquisa na cidade de Porto Alegre dizia respeito ao Bairro do Bom Fim – onde conversei com apenas um barbeiro – e ao Centro, onde procurei estabelecer contato com mais profissionais devido à grande concentração de barbearias naquele espaço. Posteriormente, por indicação e insistência de alguns colegas de curso, ainda visitei outra barbearia localizada no bairro Rio Branco, não muito longe de minha residência. Foram muitas, portanto, as barbearias enumeradas, reconhecidas e mapeadas por amigos e conhecidos. Também identifiquei vários estabelecimentos do tipo andando a pé ou a bordo de um ônibus. Estas barbearias identificadas, porém não visitadas, encontram-se marcadas lado-a-lado aos salões que integraram esta pesquisa em um mapa virtual e interativo da cidade de Porto Alegre construído com a ferramenta *online Google Maps*.

A entrada no *locus* de pesquisa sediado no Bom Fim se deu a partir de meus trajetos cotidianos. Localizada na Rua João Telles quase em esquina com a Oswaldo Aranha, bem próxima à parada de ônibus, a Barbearia Líder foi visitada em uma tarde em que eu voltava do Campus do Vale e resolvi cortar os cabelos antes de chegar em casa. É lá que trabalha Seu Francisco (76 anos). Trata-se de um local de fácil acesso e de constante recorrência em meus itinerários diários.

Partindo do Bom Fim em direção ao centro, pude identificar outras barbearias na região de confluência de duas importantes vias de Porto Alegre: a Rua dos Andradas, também conhecida nos termos locais como “Rua da Praia” e a Avenida Borges de Medeiros. No início não percebi, mas o reconhecimento das barbearias do Centro acontecia dentro de um processo subjetivo de reconhecimento do território, de tentativas de conferir sentido a este novo espaço, de constituição de “mapas mentais” (Gell, 1997) com base em referências imagéticas escolhidas em meio à paisagem urbana e do estabelecimento de eixos de movimentação no centro da cidade dentro dos quais eu me sentiria “seguro”.

O primeiro eixo de movimentação que estabeleci foi formado pela Rua dos Andradas (A) e pela Avenida Borges de Medeiros (B). Portanto, não surpreende que as barbearias identificadas nesse período estejam todas circunscritas a essa região. Por outro

lado, da mesma forma que muitos serviços oferecidos por profissionais no meio urbano, as barbearias devem estar estrategicamente localizadas próximas ou sobre as principais vias da cidade para que o seu acesso seja facilitado mesmo a pessoas que, ao meu próprio exemplo, não conhecem os meandros cidade com profundidade.

Este primeiro eixo de movimentação estabelecido no Centro de Porto Alegre reflete em muito um trajeto bastante recorrente em meus deslocamentos pelo centro de Belém que equivaleria simbolicamente ao eixo Andradas/Borges de Medeiros: trata-se da confluência entre a Rua João Alfredo e a Avenida Presidente Vargas. Tanto no caso de Porto Alegre quanto no caso de Belém, estaríamos diante daquelas que seriam as principais artérias da região central de ambas as cidades. Em primeiro lugar, pela densidade da experiência temporal que acumulam e, em segundo, pela diversidade de atividades e sujeitos que são incorporados em seu cotidiano.

Por um lado, foi a partir desse jogo entre distanciamentos e aproximações que se deu a trajetória da minha inserção no campo da pesquisa, que equivale à minha própria inserção na cidade de Porto Alegre. Por outro, à medida que minha relação com os interlocutores ia se solidificando, estes me ajudavam a descobrir a cidade através das narrativas de suas experiências na urbe. Seu Renato (63 anos) é um profissional que trabalha na Barbearia Elegante, no Centro de Porto Alegre. Um de meus interlocutores mais importantes – e que será apresentado mais adiante – ele falou sobre seus passeios na Rua da Praia durante sua juventude, quando passou a frequentar o Centro de Porto Alegre a trabalho e a lazer:

Ah, a Rua da Praia era uma rua que era atrativo. Pra gente passear, desfilar. Como desfilar? Ora, ir ao cinema! Cinema, tinha fila o cinema, você ia com a sua namorada, ia ao cinema namorar. Então, isso aí, a rua da praia, tu queria te encontrar com alguém que fosse parente ou coisa assim, aos domingos, ir ao cinema e caminhar na rua da praia era difícil tu não te encontrar com uma amizade. Era difícil na rua da praia. Hoje não! Hoje a rua da praia aí, como de muitos anos pra cá, hoje é até um perigo, né, é ajuntamento, é um ajuntamento aí que não é mais o que já foi! As pessoas se reuniam ali pra botar a conversa em dia! Os Cafés, os Café Rian, Café Matheus, Café ali, cafeteria, tu tinha prazer em tomar um café, comer um prensadinho de presunto, né, no Matheus! Olha, isso aí era gratificante, era prazeroso! Prazeroso, prazeroso... Quem foi moço, que teve a idade como eu tive, vou te dizer uma coisa pra ti, era um prazer engraxar um sapato, botar uma roupinha, ir ao cinema, tinha bons cinemas na rua da praia. [...] E aí, o quê que aconteceu com o cinema? Tá uma carência hoje, desapareceu. Era fila de quadra, era uma quadra... cinema. Aaaah... o

cinema, olha, o cinema, quem que não tem lembrança do cinema aqui? Olha, eu vou te contar, recordar é viver!

A partir da Andradas e da Borges de Medeiros consigo alcançar as barbearias que compõem uma “mancha” (Magnani, 1996) de estabelecimentos comerciais no Centro da cidade. É dentro desta “mancha” que se encontra a barbearia onde Seu Renato Trabalha. Para chegar até este eixo, uso a Avenida Independência, a qual fica poucas quadras acima da rua onde moro. Seguindo esta Avenida em direção ao centro, chega um momento em que ela bifurca, oferecendo duas opções de percurso: na primeira, sigo em linha reta e já estou na Rua dos Andradas. No entanto, sempre prefiro a segunda opção, pois ela me oferece a possibilidade de descer pelas escadarias da Borges de Medeiros a partir da Avenida Duque de Caxias.

Descendo pela escadaria “Outono” do viaduto Otávio Rocha, na primeira esquina abaixo encontro a Barbearia Elegante, situada na Rua Jerônimo Coelho próximo à Avenida Borges de Medeiros. Este salão recolhe-se a poucos metros da grande Avenida, como se mesmo estando no coração da cidade ainda buscasse proteção contra o burburinho e movimentação da Borges de Medeiros. Ainda assim o salão se serve do aparelhamento urbano que o Centro oferece. Na Borges, proximamente à Barbearia, encontramos pontos de táxi e o próprio Viaduto Otávio Rocha, um monumento erguido na década de 20 e que separava o centro da cidade de seus arrabaldes. Também vemos paradas de ônibus que levam à Zona Sul da cidade e que são utilizadas pelos profissionais da Barbearia Elegante, além da lancheria onde os barbeiros tomam seu “cafezinho” nos intervalos de seu trabalho. Ao lado do salão existe um bistrô denominado *Caffe Del Barbieri*, cujo proprietário do imóvel é o mesmo da barbearia.

A partir daí, sigo percorrendo a Avenida Borges de Medeiros até a Rua Andrade Neves, onde há uma curiosa galeria coberta – que mais tarde descobri ser uma rua, a Acelyno de Carvalho – que liga esta rua à sua primeira paralela, a Rua da Praia. Neste pequeno espaço existem mais dois salões, o Salão Caballero e a Barbearia Degand, esta tida como das mais antigas de Porto Alegre. Estes salões ainda dividem a rua com tabacarias, cafés e lanchonetes, uma casa lotérica, uma loja de luminárias e algumas outras. Mais tarde descobri a partir das conversas com Sidney (54 anos), um barbeiro da Degand, que há mais uma barbearia no segundo andar do prédio que ladeia a Acelyno de Carvalho,

além da antiga barbearia do Alfeu que virou salão de beleza quando a esposa do proprietário herdou o local, hoje chamado de Alfeu Cabeleireiros.

Por vezes lia e escutava algumas pessoas se referirem à Rua Acelyno de Carvalho como Rua 24 horas e quando perguntava o motivo dessa denominação secundária eu obtinha a resposta de que tinha havido um projeto da prefeitura que foi responsável por reformar a rua para estabelecê-la como um espaço onde os estabelecimentos comerciais funcionariam 24 horas por dia. Em uma ocasião em que passava pela Barbearia Degand, observei uma equipe de filmagem junto a uma repórter que entrevistava Rodrigo, o proprietário do salão. Na primeira oportunidade que tive perguntei aos barbeiros desse salão sobre que assunto era a reportagem que estava sendo feita dias antes. Esta pergunta desencadeou o diálogo entre os barbeiros Rodrigo, Paulo e Sidney que reproduzo abaixo:

Paulo: a vergonha que não tá funcionando 24 horas isso aqui. Eles querem saber, né? Aí vieram entrevistar o Rodrigo, apareceu na TV. O quê que não deu certo, o quê que falta!

Rodrigo: quando foi que começou isso Paulo?

Paulo: Dali? Bah, não sei, acho que faz uns 14 anos, por aí. Que eu ainda tava trabalhando lá no Alfeu, né. Aí do Alfeu vim pra cá. Aí eles já tavam fazendo essa cobertura aqui, ó. Aí eu vim pra cá.

Rodrigo: eles botaram esses tijolinhos na parede aí. Aí eles queriam que de três salões ficassem só um! Pra diversificar! Aí na época que o Paulo trabalhava no Alfeu lá, disseram que iam fazer uma papelaria lá e ia terminar o salão! Aí mas não fez nada, acabou nem aparecendo e a mulher dele [do Alfeu] ainda trabalha ali. O Paulo veio pra cá e ficou aqui.

Pedro: E como é que era essa rua aqui?

Rodrigo: era só marquis! Só tinha as marquises, todas elas dos dois lados e no meio, entre os dois prédios, né, era aberto, livre. Chovia aí tudo. Aí depois demoliram as marquises e botaram essa cobertura aí. Botaram pintura nas paredes, esses tijolinhos aí e queriam que a gente ficasse 24 horas aberto! Nem foi adiante, nunca ficou um dia aberto 24 horas, os comerciante aqui me, a única coisa que ficava 24 horas era...

Paulo: o Telefone aí...

Rodrigo: tinha a TLT, é a telefônica...

Paulo: Foi só também, né?

Rodrigo: Os caras passavam o maior trabalho, a noite toda sem ninguém entrar ali né...

Sydney: Não tem vida, né!

Rodrigo: Não, não tem!

Pedro: Mas porque que eles quiseram fazer isso 24 horas, o quê que eles tavam pensando?

Rodrigo: Pois é, né cara! Pra ser central, mas... não sei, não sei mesmo. Até agora eu não entendi. Eu tento entender porquê que eles escolheram a nossa rua... podiam ter feito ali na nossa, né, ter feito a Andrade Neves, pra fazer ampliado né, pra fazer um projeto 24 horas pra ficar aberto, um Centro 24 horas né, por exemplo, a quadra aqui toda. Não pensaram bem, eu acho.

Pedro: Porque aqui também não passa carro na Andradas, né, não tem movimentação...

Rodrigo: Não, nem estacionamento não tem aqui!

Sydney: É, não tem estacionamento. Eles queriam humanizar o Centro, né. Voltar a boemia que era antigamente, mas isso é difícil...

O diálogo dos profissionais do Salão Degand traz à tona as iniciativas do poder público em “revitalizar” o centro de Porto Alegre, o que muitas vezes implica intervenções que não levam em conta os interesses e aspirações das pessoas que vivem o lugar cotidianamente como, por exemplo, manter os estabelecimentos abertos durante 24 horas ou reduzir a quantidade de barbearias da rua para diversificar os serviços oferecidos no local.

Tomo o caminho da Andradas e dou a volta no quarteirão utilizando a Rua General Câmara. Este quarteirão (Acelyno de Carvalho, General Câmara e Andrade Neves) é bastante reconhecido localmente pela grande incidência de barbearias em seu perímetro. Na Andrade Neves há o Salão Dia e Noite, que fazendo jus ao seu nome, permanece aberto inclusive aos domingos e feriados, conforme contou Sidney. Na Rua General Câmara ainda há mais barbearias, incluindo o Salão Fígaro localizado bem próximo à Andradas, mas só tive a oportunidade de conhecer o Salão Santos e Cia, onde trabalha Joel, um de meus interlocutores que se autodenomina “cabeleireiro masculino”.

Uma vez tive a oportunidade de indagar Sidney sobre a grande incidência de barbearias nesta região do Centro de Porto Alegre:

E aqui já é assim desde quando o senhor tá? Essa rua, essa concentração das barbearia aqui...

Sempre, sempre teve. São poucas as que fecharam dessa época aí quando eu comecei aqui, das tradicionais acho que fechou umas três só. Era uma na Andradas o Salão Regente, um salão grande que tinha ali, vinte e poucas cadeiras! Tinha outra na Galeria Chaves ali também, o Londres. E um aqui na Salgado Filho que era também um salão bem tradicional, os caras bem velhinho lá.

A resposta de Sidney, fazendo referência às antigas e já extintas barbearias de Porto Alegre, me motivou à construção de outro mapa no Google em que indico a localização na cidade desses antigos salões que já não existem mais. O mapeamento das antigas barbearias também foi possível graças à leitura do material de cronistas como Juremir Machado (1991) e às conversas com outros barbeiros como Seu Jenecy, por exemplo, que rememorou as barbearias que ficavam nas imediações do Mercado Público, local onde mantém seu salão até hoje. Segundo este senhor:

Tinha uma aqui na Parobé um antigo salão, o Pente de Ouro. Ali tinha umas dezoito cadeiras ali. Um tremendo salão! Aí os caras foram se terminando, morrendo, foi e aí terminou o Pente de Ouro. Hoje ainda existe o pente de ouro, mas é duas cadeirinhas ali na Vigário José Inácio, é uma mulher que atende ali. Ela tá atendendo ali.

Tomar conhecimento das antigas barbearias de Porto Alegre permitiu que eu atentasse para as transformações sofridas no centro urbano da capital, além de mostrar as rupturas – o término ou a perda de locais tradicionais de trabalho – e continuidades – a conquista de novos lugares para trabalhar, o estabelecimento de novas alianças profissionais – que conformam a duração do ofício na cidade. Assim, a relação etnográfica com os barbeiros de Porto Alegre começava a possibilitar que não apenas eu me familiarizasse no espaço da cidade, mas também que compreendesse a densidade temporal das experiências profissionais ligadas ao ofício de barbeiro na capital do Rio Grande do Sul.

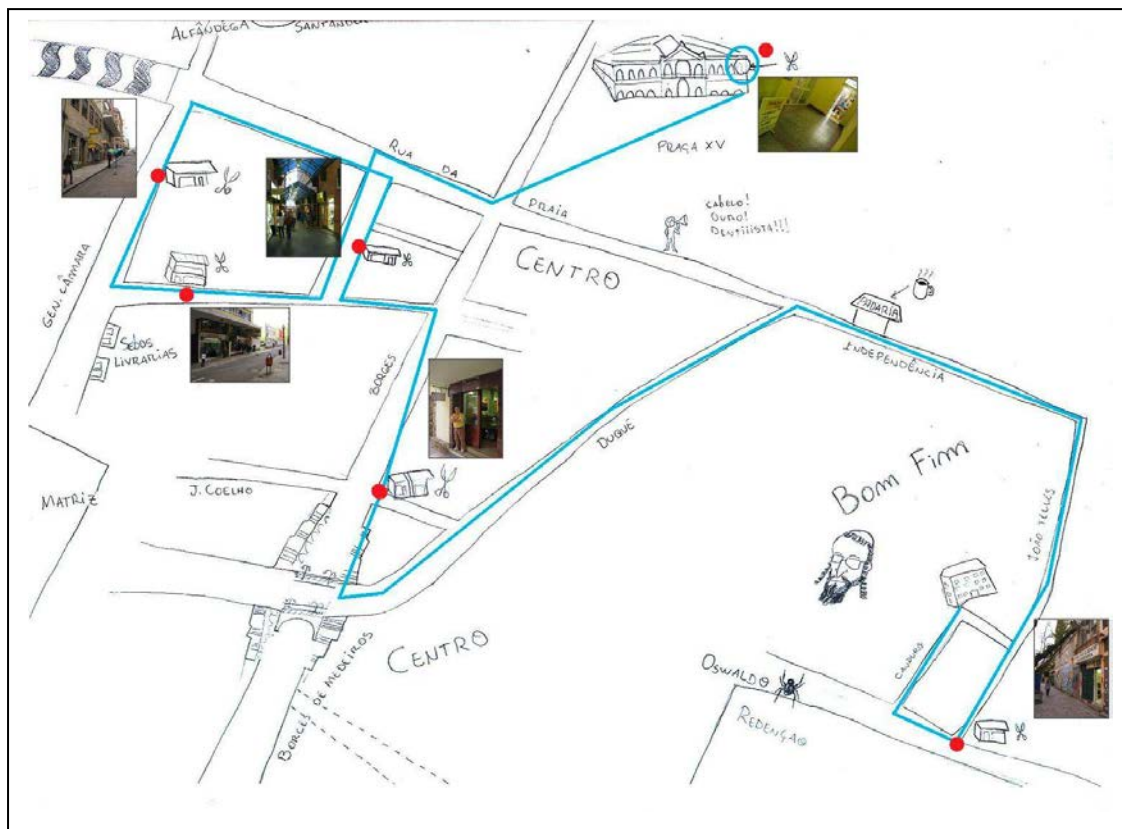
Antigas barbearias de Porto Alegre - *Google Maps*



Voltemos à caminhada pela cidade. No dia em que realizei uma incursão ao Centro de Porto Alegre para identificar algumas de suas barbearias, meu objetivo final era ir até ao Mercado Público para visitar um salão que tem sede no local. Assim, volto à Borges para chegar à Praça XV de Novembro, onde paro para comer um bolinho de peixe com suco de morango. Revigorado pelo lanche, vou até a Barbearia Central, localizada nos altos do Mercado Público, exatamente no canto que corresponde à esquina da Praça XV com a estação de ônibus Parobé. É lá que trabalha há 38 anos Seu Jenecy, o barbeiro do Mercado Público.

A tentativa de estabelecer uma cartografia das barbearias do Centro de Porto Alegre traz à tona a idéia de “circuito” proposta por Magnani (1996). Não um circuito para os clientes, que geralmente se identificam e se habituem a freqüentar apenas uma barbearia, mas um circuito para o pesquisador que, a partir de caminhadas, constrói seu próprio mapa da cidade formado pela localização de estabelecimentos identificados como barbearias. Isso mostra que a perspectiva panóptica sobre a urbe criticada por De Certeau (1994) pode ser subvertida e utilizada no processo de pesquisa para criar uma unidade espacial, isto é,

um percurso significativo a partir de espaços descontínuos da cidade. [Itinerários urbanos – Vias].



Uma etnografia do espaço que comporta as barbearias que identifiquei até agora pode ajudar a articular a territorialidade das barbearias com o seu público, tendo como base as “formas de sociação” (Simmel, 2006), relacionadas ao mundo do trabalho ou à sociabilidade, que se desenvolvem em torno de cada barbearia. Seu Renato (62 anos), profissional da Barbearia Elegante (Rua Jerônimo Coelho próximo à Avenida Borges de Medeiros) deu pistas sobre a relação entre a territorialidade de sua barbearia e o público que a freqüentava em tempos passados. Enquanto fazia minha barba, conversávamos informalmente sobre qual era o perfil de seus clientes (50% antigos e 50% novos, diz ele) e o barbeiro recordou-se de figuras ilustres que já atendeu na barbearia como o Chacrinha e os jogadores do Santos Futebol Clube.

No relato do barbeiro, a presença dessas personalidades na barbearia acontecia em função de estarem hospedados no Everest Hotel, bem acima das escadarias da Borges de Medeiros, na Avenida Duque de Caxias. Conta ele que este hotel já fora um dos mais luxuosos de Porto Alegre, acolhendo as celebridades de passagem pela cidade. Seu Renato

também revela que o público da Barbearia Elegante era formado em grande parte pelos hóspedes dos hotéis da região, sendo que alguns desses hotéis nem existem mais. Naquele dia, ao sair do salão me dei conta da quantidade de hotéis de grande porte, porém já decadentes no Centro, a começar pelo Hotel Savoy, situado exatamente em frente à barbearia; o Hotel Lancaster, este localizado na Rua Andrade Neves a poucas quadras da Elegante e o Porto Alegre City Hotel, sediado na Rua Uruguay.

A narrativa de Seu Renato refere-se ao passado, quando estes estabelecimentos hoteleiros dispunham de credibilidade e prestígio, oferecendo o que na época era considerado o melhor serviço e, por estas razões, hospedavam pessoas famosas ou com alto poder aquisitivo. A qualidade do Hotel também está ligada à sua localização, pois se viajantes ou turistas ficarão por pouco tempo na cidade, é melhor que eles conheçam os circuitos mais aprazíveis, o que inclui os arredores do local de hospedagem. Fenomenologicamente falando esta é a Porto Alegre que ele levará consigo na memória e relatará aos seus familiares e amigos: a cidade constituída a partir de suas experiências subjetivas mais imediatas. Se Seu Renato relaciona a decadência dos hotéis da região à perda de parte da clientela da barbearia, isso revela as transformações na distribuição dos serviços e na divisão espacial de atividades na cidade, além da forma como esta se apresenta aos turistas.

Logo, a localização dos principais hotéis da cidade nos arredores do eixo Rua dos Andradas/Borges de Medeiros dá uma idéia da dinâmica da cidade e seu Centro em tempos passados, o que incide sobre a localização das barbearias naquele espaço, entre elas a Elegante. Assim, a partir das palavras de Seu Renato, compreendo que a frequência da Barbearia Elegante estaria relacionada às transformações no espaço urbano ligadas às dinâmicas de valorização e marginalização de espaços como o Centro de Porto Alegre e suas principais vias, a Rua dos Andradas e a Avenida Borges de Medeiros.

Seu Renato também trouxe à tona um pouco da dinâmica e do ritmo de funcionamento do Centro da Cidade ao falar sobre como era o cotidiano da Barbearia em tempos passados:

Tinha, tinha muitas barbearias, mas acontece o seguinte: os tempos eram outros. Antigamente se trabalhava até meia noite, certos salões trabalhavam até meia noite. Por quê? Tinha mais segurança, os velhinho depois das seis, sete hora da noite vinham cortar o seu cabelinho, era ponto de reunião, contavam histórias, se encontravam com os amigos. Não tinha

assalto, não tinha droga, não tinha essa epidemia, no ar, que hoje nem andar contra o vento não se pode. As casas noturnas tudo lotada, tudo festividade, as balada, os dancinho, as boates, a noite tinha vida! Tinha vida, tinha prazer à noite da gente sair! Isso aí acabou, isso aí tudo terminou.

A fala de Seu Renato evidencia mais relações entre as barbearias e o Centro, apontando novamente para as transformações dos modos de vida e das formas de sociabilidade exercidas no local. As memórias do barbeiro Renato também convergem com os escritos do literato Nilo Ruschel (2009, p.194-195), nos quais este autor descreve nos anos 1970 uma área do centro bastante marcada pela boemia na década de 40.

Pois se a Rua da Praia era um bordado de bares, dele pendiam franjas por todos os lados. Portos de atracação certa: o Chalé da Praça Quinze, o Gambrinus do Mercado, o Zither Franz, o Franciscano, na Rua Sete, o Odalisca, na Rua do Rosário, o Eduardo, na Doutor Flores, o Zeppelin, na esquina da Rua Hoffman com a São Carlos. [...] Mas havia muito mais nessa periferia. Lá no alto, peto do quartel sétimo, a Confeitaria Rocco, de imperecíveis tradições ligadas à mocidade acadêmica. Na Praça Otávio Rocha, o Bar Hubertus, a Confeitaria Jahn, na Marechal Floriano. Todas essas casas e mais as da Rua Andrade Neves formavam o cerco boêmio da Rua da Praia. Esta por si só se bastava, mas não à tendência ambulatória dos freqüentadores. Era preciso mais, para que a peregrinação noturna tivesse curso livre.

Ao sobrepormos paisagens de antigamente às de hoje, percebemos que a área descrita por Ruschel ainda apresenta uma certa quantidade de casas noturnas decadentes, bares de *strip-tease*, além do Gambrinus e do Chalé da Praça XV resistem no tempo e alguns bares freqüentados por estudantes universitários, intelectuais e músicos, como é o caso do Odeon (localizado na Rua Andrade Neves). Ao mesmo tempo, essa mesma área ainda comporta uma grande concentração de barbearias nesta. Assim, a crônica de Nilo Ruschel e as memórias de Seu Renato auxiliam na composição de uma paisagem de outrora onde havia um espaço público marcado pela presença de pontos de sociabilidade masculinos que dinamizavam a noite local, contribuindo para que houvesse uma sensação de segurança e pouco risco entre os barbeiros que trabalhavam e observavam os homens transitarem entre boemias e barbearias até altas horas da noite.

A relação entre a territorialidade da barbearia e os seus freqüentadores pode ser observada em outros casos como, por exemplo, os salões da Passagem Acelyno de

Carvalho, da Rua General Câmara e da Andrade Neves. Subindo a General Câmara até a Praça da Matriz, encontraremos o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa e outros órgãos governamentais. Descendo até a Andrade Neves, esta paralela à Rua dos Andradas, verificaremos a existência de prédios onde há escritórios de advocacia, de contabilidade e cartórios. Em todos os casos, trata-se de locais de trabalho onde há a predominância de uma estética voltada para a formalidade na maneira de apresentar-se ao público: terno e gravata, sapatos lustrados, cabelo curto e barba rente. Espera-se que a assepsia e a retidão na aparência devam espelhar o caráter destes profissionais. Na Passagem Acelyno de Carvalho não é raro encontrar homens engravatados nos cafés, fumando nos corredores ou dentro das duas barbearias do local, a Degand e o Salão Caballero. Logo, é possível perceber uma articulação não apenas territorial, mas também simbólica entre as barbearias e os órgãos governamentais, além dos cartórios e escritórios localizados nas redondezas.

A Barbearia Central, sediada no Mercado Municipal, certamente não atenderá o mesmo público que as barbearias da General Câmara ou da Acelyno de Carvalho. Situada no segundo andar do mercado, esta barbearia é pouco conhecida pelos habitantes de Porto Alegre para quem a mencionei e pelos barbeiros com quem conversei, o que sugere ser este salão um local marginal não apenas dentro do próprio Mercado Público, já que a barbearia em si parece não integrar o grande projeto de reforma e “higienização” do mercado, mas também em relação às barbearias que estão mais próximas da parte administrativa do Centro. Embora o Mercado Público, após sua reforma⁶, seja bastante freqüentado pelas camadas médias portoalegrenses – os mesmos clientes que hoje utilizariam os serviços da Barbearia Elegante, por exemplo – não se mostrou ser este o público da Barbearia Central.

O espaço desse salão não é tão requintado e de aparência pomposa como os dos outros. Os preços dos serviços principais – cabelo e barba – são quase os mesmos, porém a tabela de valores da Barbearia Central admite gradações e especificidades que costumam ser menos: “só bigode”, “contorno do pescoço”, “contorno com máquina”, “cabelo com máquina” e outros. Este parece ser um tipo de serviço oferecido para os segmentos com menor poder aquisitivo que circulam e trabalham no Mercado e pelas vias adjacentes, a exemplo das ruas Voluntários da Pátria e Julio de Castilhos, artérias próximas aos grandes centros populares de compras, que conduzem aos terminais de ônibus e à Rodoviária da

⁶ O Mercado Público, associado às dinâmicas das transformações urbanas e formas de sociabilidade (Simmel, 2006), vem sendo abordado constantemente nas pesquisas realizadas por pesquisadores do BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais – tais como Viviane Vedana (2008) e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994).

cidade e percorrem áreas do Centro que não sofreram da mesma forma os processos de “revitalização” e “higienização” como a Rua dos Andradas⁷ e o próprio Mercado Público.

O diálogo apresentado a seguir com Seu Jenecy e Picanha, um dos habitués da Barbearia Central, mostra as impressões desses senhores sobre o que foi a reforma do Mercado Público de Porto Alegre:

Pedro: E o que o senhor achou dessa transformação do mercado?

Jenecy: Olha cara, vou te ser sincero: eu achei bom. A limpeza é outra né. É, tem, tem aqueles antigos clientes, aqueles antigos, aqueles mais idosos, aqueles, que uns acharam ruim, entendeu, não se adaptaram ao novo sistema né. Mas eu achei que melhorou, melhorou bastante. Melhorou, toda vida.

[Picanha entra na barbearia]

Jenecy: Então é isso aí né. Deve fazer uns dezenove pra vinte ano essa reforma aí.

Picanha: vinte, já tá pra vinte ano aí.

Jenecy: vinte, é.

Pedro: Eu tava perguntando pro Seu Jenecy o que ele achou da reforma do mercado...

Picanha: Não, ninguém gostou.

Jenecy: É, os antigos né, mais os antigos...

Picanha: Ninguém gostou! Tem muita coisa, muita zebra.

Jenecy: Mas como tava não dá pra ficar! Telhado tudo podre. Gato aí que eu vou te contar! Gato e rato naquele tempo. Não tinha como ficar, meu. Tinha que fazer! Agiu certo, agiu bem certinho.

Foi interessante como Picanha reagiu de forma veemente e irredutível à minha pergunta, afirmando categoricamente que ninguém havia gostado da reforma. Com certeza Picanha se referia aos trabalhadores do Mercado, talvez aos trabalhadores mais modestos como ele mesmo e não aos proprietários das grandes bancas que acabaram se beneficiando com a “revitalização” do lugar. De todo modo, Picanha lamenta as intervenções do poder público sobre seu local de trabalho e transformações que essas intervenções causaram. Por outro lado, a opinião de Seu Jenecy sobre a reforma reflete a sua posição como

⁷ Sobre o processo de revitalização da Rua dos Andradas, também conhecida como Rua da Praia, conferir o trabalho de Thaís Cunegatto (2009).

profissional. As más condições sanitárias e a presença de animais no interior do Mercado Público podem dificultar o trabalho do barbeiro, o qual lida com lâminas e instrumentos cortantes em sua interface com o corpo de seus clientes e por isso necessita de um mínimo de higiene para realizar seu trabalho de forma segura. [Conferir a Categoria “Ritmos Temporais”].

Estas são, portanto, algumas das barbearias ou salões de barbeiros identificados ao longo de caminhadas pela cidade de Porto Alegre. Relacionar as barbearias ao espaço onde estão enraizadas é relevante para a pesquisa no sentido de ajudar a articular a territorialidade das barbearias com o seu público, tendo como base as “formas de sociação” (Simmel, 2006), relacionadas ao mundo do trabalho ou à sociabilidade, que se desenvolvem em torno de cada barbearia. Não tive a intenção de (de)limitar o público das barbearias ou traçar um perfil exato dos clientes de cada estabelecimento. Busquei apenas demonstrar a diversidade dos elementos que compõem um mesmo circuito, o das barbearias do Centro de Porto Alegre. A heterogeneidade do conjunto desses estabelecimentos chama atenção para a diversidade das áreas de influência e “regiões morais” (Park, 1979) no Centro, – que não é apenas o centro da cidade, mas constitui um bairro chamado “Centro” – evidenciando os contrastes e contradições entre áreas abordadas diferentemente pelo poder público e mostrando a relação das barbearias com os espaços da cidade

Capítulo 3

Construindo a rede de experiência etnográfica. Sociabilidade e Conflito no cotidiano das Barbearias de Porto Alegre



3.1. Prelúdio do capítulo 3

No capítulo 2 procurei identificar algumas “regiões morais” (Park, 1979) que compõem o Centro de Porto Alegre utilizando o método da “etnografia de rua” (Eckert e Rocha, 2003), que consistiu em caminhadas pela cidade nas quais a “observação flutuante” (Pettonet, 1982) constituiu uma técnica que permitiu identificar alguns atores e *plots* interagindo no cenário que foi se constituindo como o campo de minha experiência etnográfica. Estes procedimentos foram relevantes para a construção do que pretendo discutir neste capítulo, isto é, as formas de sociabilidade (Simmel, 2006) que têm lugar em meus *loci* de pesquisa. Agora, deixamos o espaço da rua para finalmente entrar nas barbearias, conhecer alguns de seus personagens e aprender como eles vivem o seu local de trabalho. [Categorias Formas de sociabilidade e Cotidiano].

3.2. As barbearias e seus personagens

3.2.1. A barbearia elegante

A “Elegante” foi a segunda barbearia de Porto Alegre em que entrei e a primeira em que declarei abertamente minha intenção de realizar uma pesquisa etnográfica. Foi a partir da Barbearia Elegante que segui para os outros salões, ora me movimentando dentro de uma rede em que indicações de possíveis interlocutores aconteciam, ora acompanhando o roteiro de prováveis locais de pesquisa que minhas caminhadas etnográficas haviam me proporcionado.

Atualmente, e de forma regular, trabalham no local atualmente três barbeiros e uma barbeira: Seu Renato, Seu André, Seu Valter e Dona Geci. Além deles, há mais dois profissionais que se afastaram da barbearia por problemas de saúde, mas que vez por outra aparecem no salão para conversar ou atender antigos clientes. São eles Seu Sílvio e Seu Luís. Além disso, da primeira vez em que fiz a barba no salão fui atendido, para minha surpresa, por um rapaz jovem chamado Luciano que não voltei a ver posteriormente naquele lugar. Embora tenha procurado me comunicar com todos os profissionais do lugar, tive a oportunidade de me aproximar principalmente dois profissionais da barbearia. A primeira foi Dona Geci (73 anos), que foi a responsável pelo corte de meu cabelo até sua aposentadoria definitiva, ocorrida no início de 2011. Por duas ocasiões a visitei em sua

residência no bairro do Belém Velho, mas Dona Geci nunca se tornou um dos principais interlocutores da pesquisa, tendo recusado seguidamente minhas solicitações por uma entrevista. A segunda pessoa de quem me aproximei foi Seu Renato, com 62 anos, diabético e evangélico, que se mostrou o mais comunicativo dos barbeiros do salão e, de vez em quando, ainda faz minha barba. Seu Renato foi fundamental como interlocutor para esta pesquisa e até hoje, quando visito a Barbearia Elegante, ele me recebe com a seguinte frase: “Hoje mesmo eu estava orando por ti!”



A Barbearia Elegante, localizada na Rua Jerônimo Coelho, número 188, próximo à Avenida Borges de Medeiros, chama atenção daqueles que se deslocam pelo centro de Porto Alegre pela sua beleza e requinte. O interior da barbearia é bem iluminado, decorado com quadros e vitrais com fotos antigas de Porto Alegre. Os profissionais que lá trabalham atendem seus clientes em poltronas de ferro com estofamento dourado e, nas paredes, são exibidos em uma espécie de cristaleiras objetos antigos de utilização por barbeiros: máquinas manuais de cortar cabelo, navalhas rústicas, secadores e porcelanas. Ao todo são seis poltronas, sendo que diante de cada par delas existe um espelho e uma bancada com os produtos e aparelhos utilizados por cada barbeiro. Ao fundo do estabelecimento há um banheiro (indicado como unissex) e logo ao lado fica uma pia de louça branca. O piso é composto por pastilhas grosseiras cor terracota com detalhes amarelos. Não há televisão nem rádio ligados, apenas um som ambiente bastante discreto. Na parede, um quadro negro com uma moldura de madeira indicando o valor dos serviços prestados no local: o corte de cabelo é quinze reais e fazer a barba custa oito.

É claro que na composição do ambiente da barbearia existe uma preocupação com a recriação de um estilo *retro* ou nostálgico. De fato, a Barbearia Elegante passou por um processo de reforma e “revitalização” empreendido pela empresa de arquitetura comercial Anima⁸. No site da empresa consta que a barbearia existe desde 1947 e Ison Schambeck, o proprietário do imóvel a partir de 1968, foi o responsável pela transformação da barbearia em 2007. Além de reformada e redecorada, foi construído em contigüidade com a barbearia um bistrô, o *Caffe Del Barbieri*, onde Marcelo, o filho do proprietário, é *chef* de cozinha e administra o estabelecimento junto com a mãe.

A reforma de um espaço com a barbearia remete às transformações por que vem passando o próprio Centro de Porto Alegre. Refiro-me, neste caso, aos projetos do poder público que visam à conversão do Centro comercial da cidade em “Centro Histórico”. Este processo consistiria na reprodução e representação de uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2008) que se encontra deslocada no tempo, isto é, uma Porto Alegre “antiga”, bucólica e glamourosa que aparece nos relatos dos informantes de Thaís Cunegatto (2009) em seu trabalho sobre a memória da Rua da Praia. As transformações que a Barbearia Elegante sofreu nos últimos anos apontam para os processos de reforma e re-apropriação do centro de Porto Alegre nas últimas décadas, sendo que a reforma da Barbearia Elegante

⁸ Conferir o site da empresa: <http://animaarquitectura3.blogspot.com/2007/03/caff-del-barbiere.html>

poderia ser interpretada uma espécie de repercussão no plano privado das políticas públicas de “revitalização” do “Centro Histórico” portoalegrense.

A fisionomia do salão em tempos passados e a sua recente reforma estão presentes no discurso dos barbeiros sobre o salão, como demonstrou Dona Geci. Na primeira vez em que cortou meu cabelo, a barbeira contou que antigamente havia cadeiras e espelhos do outro lado do salão – onde hoje é o *Caffe Del Barbieri* – e que lá trabalhavam mais barbeiros. Assim, metade da barbearia teria sido desapropriada e transformada no *Caffe*. Em um dia de sábado, quando perguntei à ela se o Café estava funcionando, ela me respondeu que não, pois dia de sábado eles trabalhavam apenas atendendo encomendas. Naquele momento aproveitou para expressar sua opinião sobre o bistrô: “aí não dá pra abrir todo dia, o pessoal tem que ter dinheiro pra ir. Pra ir tem que ter dinheiro”. Em outra ocasião perguntei à Dona Geci o que havia acontecido com aqueles barbeiros que trabalhavam do outro lado do salão e ela me respondeu: “Ih, foram morrendo”.

3.2.2. Barbearia Central

Poucas pessoas com quem conversei sobre este salão tinham conhecimento da existência da Barbearia Central no segundo piso do Mercado Público de Porto Alegre. Encontrada por acaso em um passeio pelo Mercado, a Barbearia Central tornou-se um locus de pesquisa em potencial devido à sua localização no Mercado Público, um espaço de fundamental importância para a cidade de Porto Alegre e que vem sendo abordado constantemente nas pesquisas realizadas por pesquisadores do BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais – tais como Viviane Vedana (2008) e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1994). A própria denominação da barbearia remete à centralidade simbólica do Mercado Público no contexto urbano portoalegrense enquanto lugar agregador das experiências urbanas diversas de seus trabalhadores e de seus frequentadores, os quais se dirigem dos pontos mais remotos da capital para labutar, fazer compras ou passear no Mercado.

A Barbearia Central dispensa toda a pompa e esplendor da Barbearia Elegante. Trata-se de uma peça simples, pequena, em que há apenas duas imponentes cadeiras com a estrutura de ferro e estofamento revestido com couro terracota. Um móvel foi feito sob medida para aquele ambiente, formando a bancada dos barbeiros e um conjunto de

armários onde os profissionais do lugar guardam seus equipamentos. Sobre os azulejos acinzentados do chão sempre se encontram muitas mechas de cabelo cortado, mas ninguém parece se incomodar com isso. Na parede estão os pôsteres de Grêmio e Internacional, assim como fotos do barbeiro em seu lazer, pescando e com seu time de futebol.



É neste salão que trabalham seu Jenecy (71 anos), meu interlocutor, e seu filho Miriom, com quem tive pouco contato devido ao fato de que este só trabalha na barbearia de manhã e a maioria de minhas visitas a campo se deu durante o período da tarde. Trata-se de um salão bem movimentado e bastante freqüentado pelos amigos de seu Jenecy e pelos trabalhadores do Mercado. Uma passagem de uma das entrevistas que Seu Jenecy me concedeu elucida a inserção do barbeiro neste espaço de convivência que é o Mercado:

Então é aquilo como eu te disse pra ti, eu trabalhava na ferragem, esses mercadeiro aqui tudo era meu cliente na ferragem, entendeu? E eu atendia a maior parte deles, eu atendia lá. Me dava bem com a turma aí. E então valeu muito, quando eu entrei no mercado, pá! Só deu tudo certo pra mim (risos).

Com um fluxo intenso de pessoas pelas suas portas e sempre com clientes à espera do barbeiro, a Barbearia Central nem sempre oferece condições à realização de entrevistas com a utilização do gravador, as quais aconteceram pela sorte de eu estar presente em momentos mais calmos da jornada de trabalho de Seu Jenecy. Na maior parte de minhas visitas a campo aproveitei para tirar fotos e interagir na sociabilidade do local. Em uma dessas ocasiões a barbearia se encheu de homens que gargalhavam, chamavam palavrões e faziam gestos obscenos, comentando sobre suas aventuras e desventuras amorosas. O assunto do dia era o fracasso de um dos clientes/amigos de Seu Jenecy, o qual havia “falhado” durante um encontro amoroso com uma colega de trabalho do Mercado. O resultado, além de uma relação sexual frustrada, foi o conhecimento de todos sobre a desventura do tal cliente, que agüentava pacientemente as jocosidades dos colegas. Dizia outro habituê da barbearia: “Tu tem que sair com as velha, porque essas novinha só te levam os teus cinquenta pila!” Eu estava sentindo vergonha pelo tal cliente. De repente, seu Jenecy irrompeu e falou olhando para mim: “barbearia é isso! Aqui a gente é como uma família.”

3.2.3. Salão Degand

O Salão Degand talvez seja a barbearia mais antiga ainda em atividade em Porto Alegre. Os profissionais deste salão guardam a fotocópia do “Guia do Visitante de Pôrto Alegre” do ano de 1951. Este guia contém em suas primeiras paginas um “Escôço

Histórico” da cidade, seguido de uma breve apresentação de alguns bairros, isto é, “O Centro”, “Independência”, “Moinhos de Vento”, “Floresta”, “São João”, “Navegantes”, “Petrópolis”, “Partenon”, “Glória e Teresópolis”, “Menino Deus” e “Belém Novo”. Depois desta seção estão distribuídos em ordem alfabética uma miríade de serviços que com seu endereço e telefone. Em meio a “Balanças” e “Bicicletas” estão “Barbeiros (salões de)”, entre os quais se encontra a o Salão Degand. “E o telefone ainda é o mesmo”, me diz Rodrigo, herdeiro do estabelecimento que um dia foi de seu pai, também um barbeiro.

Minha chegada neste estabelecimento se deu por meio das redes sociais (Bott, 1976) envolvendo barbeiros e salões que fui constituindo no decorrer da pesquisa. Há algum tempo já sabia que seu Walter, barbeiro da Elegante, tinha um cunhado que trabalhava em uma das barbearias da rua Acelyno de Carvalho, também conhecida nos termos locais como “Rua 24 horas” e pelos nativos portoalegrenses mais espirituosos como “Beco do Mijo”. Dizia seu Walter que o seu cunhado chamado Sidney era o único a conseguir cortar seu cabelo, pois “o barbeiro bom não é aquele que sabe mais, mas aquele que acerta o cabelo do cliente”. Quando solicitei a Walter que me concedesse uma entrevista, ele recorreu novamente ao seu cunhado, dizendo que não sabia dar entrevistas, mas que eu poderia procurar pelo Sidney no Salão Degand.

Então, uma tarde me dirigi à Barbearia Degand, um salão bem iluminado (tão iluminado que se torna difícil de fotografar) com piso rajado e a parede espelhada. No primeiro andar estão quatro cadeiras onde trabalham os barbeiros Paulo, Sidney, Chico e Rodrigo, o jovem proprietário do salão. Ao fundo dessa peça encontra-se uma escada que nos leva ao segundo andar da barbearia, onde trabalha a manicure Terezinha – com bastante tempo no salão e amiga de longa data de Dona Geci – o barbeiro Rocha, que além de cabelo e barba oferece outros serviços como hidratação e limpeza de pele, e também um rapaz e uma moça que atuam ambos apenas como cabeleireiros. Todos os profissionais do local trabalham com guarda-pós⁹ brancos, cor que se consubstancia com a assepsia, limpeza e claridade da barbearia. Assim com a Barbearia Elegante, o Salão Degand também perdeu parte de seu espaço, tendo se reduzido à metade no primeiro andar. Os

⁹ O “guarda-pó”, categoria nativa, seria uma espécie de bata ou jaleco que os barbeiros ou outros profissionais das barbearias utilizam para proteger suas roupas do cotidiano dos resíduos com que entram em contato durante seu trabalho, desde os restos de cabelo e barba dos clientes até produtos como creme de barbear, loção pós-barba e talco.

motivos são os mesmos: a morte ou aposentadoria dos profissionais que ocupavam estes espaços no passado.

Quando cheguei à barbearia me apresentei a Sidney e disse que seu cunhado o havia indicado para me ajudar na pesquisa. Sentindo-me constrangido e sem saber como reagir diante dos olhos dos demais profissionais do salão que me fitavam com curiosidade e surpresa, provavelmente tentando identificar de onde meu sotaque era proveniente, propus que Sidney cortasse meu cabelo. Naqueles minutos fiquei sabendo que Sidney (54 anos), trabalhava no local há 34 anos, mas já passara pela Barbearia Elegante e pela Barbearia que seu pai possuía na cidade de Viamão. Também já tentou ter seu próprio salão, o que não deu certo e o barbeiro acabou voltando para o Degand. Depois desse dia voltei outras vezes ao salão e realizei entrevistas com o gravador, mas sempre com a sensação de que aquele era o *locus* de pesquisa onde minhas relações com os interlocutores eram mais formais e instrumentalizadas com vistas à produção de dados para a pesquisa. Em junho de 2011, apenas Sidney e Paulo estavam no salão em um sábado chuvoso em que fui à barbearia tirar dúvidas quanto ao conteúdo de uma entrevista que havia realizado. Ao me despedir e contar que viajaria no outro dia e ficaria fora de Porto Alegre durante um mês, os dois me surpreenderam com abraços. E então eu entendi que os “boa viagem” e “aparece aí quando voltar” não eram mera formalidade.

3.2.4. Barbearia Elite

Minha entrada neste salão não se deu por meio de caminhadas etnográficas ou redes sociais. Na verdade, tratou-se da insistência de alguns colegas de curso segundo os quais eu deveria visitar uma barbearia situada na Rua Miguel Tostes bem próximo à Avenida Protásio Alves no bairro Rio Branco. Uma tarde de sexta-feira decidi visitar a Barbearia Elite, onde trabalham os barbeiros Seu Rubens e Seu Bráulio e a manicure Ledi. Inicialmente pretendia manter como parte do universo de pesquisa o Centro de Porto Alegre. No entanto, fazer etnografia em barbearias de “Bairro”¹⁰ pareceu fecundo no

¹⁰ Em Porto Alegre a denominação de certas áreas por “Bairros” se faz em oposição – espacial e simbólica – ao “Centro”, ele próprio um bairro entre outros no contexto urbano portoalegrense. Assim, “Bairros” diz respeito aos espaços residenciais que estão no sentido contrário ao Centro da cidade que, em tese, seria um lugar onde predominariam estabelecimentos comerciais.

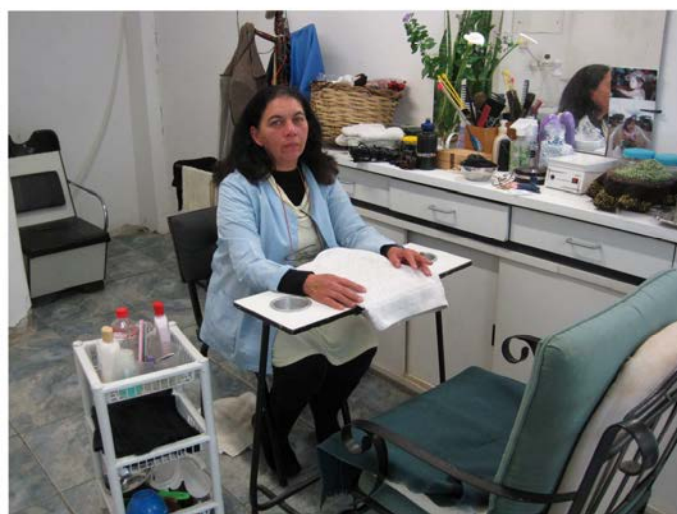
sentido de revelar as formas de sociabilidade que se desenvolvem no Centro e nos Bairros, perceber o ritmo e a dinâmica do cotidiano em diferentes salões, assim como examinar as motivações e “campos de possibilidade” (Gilberto Velho, 2003) de sujeitos que acabaram optando por trabalhar no Centro ou em Bairros.

O trecho que segue sobre uma de minhas visitas à Barbearia Elite foi extraído integralmente de meus diários de campo:

Quando me aproximei da barbearia elite me surpreendi ao ver que seu exterior estava pintado de verde claro. A última vez que eu estivera ali o que se via eram pichações sob um toldo cuja tinta desbotava. No interior da barbearia nada mudou. Me agrada ver plantas animando o ambiente. Agora são apenas três cadeiras de barbeiro pintadas de branco com o estofamento preto e nos fundos está a cadeira de manicure de Ledi. Ela me ofereceu café – pela primeira vez vou a uma barbearia que oferece café aos clientes e visitantes – que eu prontamente aceitei. Fiquei sentado nas cadeiras de espera que ficam de frente para os espelhos dos barbeiros e ao lado de um bebedouro.

A barbearia é branca: piso claro, paredes brancas, móvel e bancadas brancos o que dá ao lugar um aspecto asséptico e um ar uniforme que só é quebrado pelo verde das plantas que animam o lugar, pelo desfile carnavalesco dos produtos dos barbeiros pela bancada e pelos aventais de cetim estampados que Seu Rubens e Seu Bráulio prendem em volta do pescoço de seus clientes. A luz é forte e me incomoda. É difícil tirar fotos dessa forma, mas não há jeito: é necessário iluminação, muita iluminação para os barbeiros trabalharem bem. E luz de verdade, não a luz indireta dos arquitetos e paisagistas que reformaram a Barbearia Elegante. É luz branca, e tão branca que reflete por todos os lados fazendo com que tudo na barbearia também seja branco, criando um contraste entre o chão e os tufos de cabelo que seu Rubens varre após atender um cliente.

A calçada da rua Miguel Tostes é uma extensão da barbearia. É lá que estão os mochos de madeira onde os barbeiros se sentam para conversar e ver o movimento da rua. Um movimento de pedestres, de uma sonoridade de passos lentos e troca discreta de palavras, contrastando com o barulho dos carros que passam pela Avenida Protásio Alves. Aliás, se não fossem os ruídos dos automóveis e dos ônibus, seriam possível esquecer que a barbearia está tão próxima de uma grande avenida.



Seu Rubens, meu principal interlocutor neste estabelecimento, tem 72 anos e foi criado no Bairro do Rio Branco onde seu avô e seu pai eram barbeiros e sua avó era massagista. Hoje é morador do bairro Morro de Santana. Trabalha há mais de 40 anos na Barbearia Elite, desde quando o salão era localizado na Rua Fernandes Vieira, no Bom Fim. Há cinco anos mudaram-se para o Rio Branco, processo que um trecho de entrevista ajuda a elucidar:

Pedro: Como é que foi a vinda de lá pra cá? Foi muito difícil essa adaptação da Fernandes Vieira pra cá?

Rubens: Não, não, foi fácil. Nossa freguesia tava toda pronta lá, já. Foi toda avisada que nós vinha pra cá. Aí quando fechou lá já sabiam que vinha pra cá. Foi tudo planejado, tudo esquematizado bem direitinho, nós deixamos folhetos, deixamos cartão. Só mudaram de lá pra cá. Alguns dos que iam daqui pra lá ficaram por aqui e os que moravam lá vieram pra cá. E foi assim. E hoje nó tamo aqui, na luta.

Pedro: E vocês tiveram que competir com os salões de beleza daqui, ou não?

Rubens: Não, não, engano teu, nossa freguesia veio toda de lá. Nós não dependia da freguesia daqui. Porque se nós dependesse da freguesia daqui, tinha quebrado nós num mês! Umás gurias do Instituto [de beleza] aqui diziam, né, passavam pelo salão e diziam: “Bah, coitados! Não dou um mês pra esse salão tá fechado!” Não sabiam elas que nós trazia os fregueses de lá pra cá, veio todos!

Quando na Fernandes Vieira, a barbearia possuía cinco cadeiras, incluindo a do proprietário do estabelecimento, que faleceu deixando a administração da barbearia a encargo de sua viúva. Cheguei a perguntar sobre os outros barbeiros que trabalhavam na Rua Fernandes Vieira e Seu Rubens me respondeu:

Ah, uns ficaram doentes, outros desistiram, se aposentaram também. Não foi por falta de serviço! Foi se acomodando, se aposentando, ficaram doentes, se aposentaram e foi. Ficamos só nós dois. Agora nós compramos isso aqui. Agora já é nosso. Agora tem que ajeitar, pintar as paredes, tem que dar um trato nelas também, essas bancas também tem que pintar...

Sobre sua relação – que será mais explorada adiante – com os clientes, é fundamental ressaltar que a Elite é uma barbearia de Bairro. Nesse sentido, a sociabilidade do salão gira em torno da experiência comum de vivenciar o bairro no dia-a-dia e através do tempo. Para Seu Rubens, a maneira de criar e conservar essas relações está ligada ao

capital que o barbeiro oferece no jogo das trocas de dons no bairro: o oferecimento de um serviço de qualidade dentro daquilo que o barbeiro sabe fazer de melhor. Ele diz:

Corta o cabelo do freguês, trata bem, faz um servicinho direitinho, perfeitozinho, os freguês vão naquele cara de novo! E vem, vem mais uma vez, vem duas, vem três, vem dez, vem vinte, trinta e vem! Porque tem muitos fregueses aqui do salão que não são só fregueses, a gente considera amigos da gente! E aqui nós temos dentista, médico, clínico geral, delegado, temos coronel, general, entendeu? E no salão aqui foi, inclusive, nós tivemos um governador que fazia a barba no salão!

3.2.5. Barbearia Líder

A Barbearia Líder, localizada na Rua João Telles próximo à Oswaldo Aranha, foi a primeira que entrei em Porto Alegre e a última a ser incluída na etnografia. A mais próxima de minha residência, só realizei uma visita a este *locus* por ocasião da necessidade de produzir um ensaio fotográfico para a Oficina de Fotoetnografia organizada pelo Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) intitulada “As profissões no tempo e as dinâmicas urbanas”, a qual agregou pesquisadores e alunos da Antropologia cujo objeto de pesquisa remetia de alguma forma a “profissões antigas”.

Seu Francisco (73 anos), o profissional que é meu colaborador na pesquisa, já era meu conhecido do bairro. Em minha primeira visita ao salão para cortar cabelo, quando ainda não possuía sequer tema e objeto para um projeto de dissertação, ele me contou que logo que chegara naquele ponto em 1988 os *Punks* que freqüentavam a Oswaldo Aranha iam cortar cabelo na frente de barbearia. Seu Francisco, ou Chico, como é chamado pelos clientes mais antigos, emprestava a tomada de dentro do salão para que os *Punks* fizessem seus penteados com a máquina elétrica de cortar cabelo. Conta o barbeiro que não se incomodava com isso, pois os jovens sempre tinham o cuidado de limpar a calçada depois que terminavam de estetizar uns aos outros. Este relato de Seu Francisco infelizmente não retornou quando ele me concedeu uma entrevista com o uso do gravador.

É importante ressaltar que Seu Francisco é meu único interlocutor que realmente trabalha sozinho em seu estabelecimento. De fato, o que hoje é uma opção – ele realmente prefere trabalhar sozinho – acabou acontecendo com o desenrolar de sua trajetória profissional. Conforme ele mesmo conta, trabalhou em três barbearias antes de ter a sua

própria, tendo chegado inclusive a atuar na Barbearia Elite no tempo em que esta era localizada na Fernandes Vieira.

Francisco: [...] Depois passei pra Henrique Dias com um senhor de idade também, trabalhei com ele, trabalhei mais uns 12 anos com ele. Seu Atídio, era do interior. Aí ele adoeceu e eu comprei a barbearia dele. Aí ele faleceu, infelizmente ele faleceu, aí já tinha comprado a barbearia dele e tomei outro rumo. E fui levando a vida como babeteiro até hoje.

Pedro: E desde aquela época que o senhor trabalha sozinho?

Francisco: Desde que eu vim pra cá... Vim trabalhando sozinho aqui. Trabalhei seis ou sete anos sozinho. Aí quando eu tive meu problema de saúde, aí eu tive que chamar alguém pra trabalhar comigo. E aí trabalhei um monte, trabalhamos dez anos junto, eu e um rapaz, o Jorge. Aí não deu mais, ele quis trabalhar como chaveiro, aí já colocou barbeiro e chaveiro e já não deu certo, aí eu resolvi trabalhar sozinho. Tô até hoje. E não quero trabalhar com gente, é melhor trabalhar sozinho.

Como ressaltou Seu Rubens da Barbearia Elite, o qual também é proprietário do salão junto com seu colega de trabalho, virar “dono” da barbearia implica uma série de responsabilidades sobre o local de trabalho a serem assumidas. No caso de Seu Francisco, que tem a incumbência de administrar sozinho a barbearia, esse ônus da manutenção dos aparelhos e equipamentos do estabelecimento recai sobre uma só pessoa. Por isso, o barbeiro teve bastante resistência em relação à captação de imagens fotográficas em sua barbearia, dizendo que sua barbearia não é bonita. Ficou acanhado diante da pia antiga e dos espelhos com as bordas oxidadas. Também se ressentiu da venda de duas cadeiras antigas que tinha e diz não gostar das novas. De fato, sua barbearia pode não ser estilizada para ter aparência de antiga ou parecer tão asséptica quanto um consultório médico. No entanto, o salão e seu barbeiro são acolhedores, congregando os senhores mais velhos do bairro, os jovens e os profissionais de carro que estacionam seus caminhões na João Telles. A beleza da barbearia é encontrada na sua relevância para todos que a frequentam e a têm como parte de seus itinerários diários pelo bairro.

3.3. O cotidiano nas barbearias

3.3.1. Sociabilidades: “Ah histórias assim que aconteceram tem de muito, né.”

A oportunidade de discutir conceitualmente sobre as formas de sociabilidade (Simmel, 2006) que se desenvolvem nos espaços urbanos de Porto Alegre surgiu no segundo semestre de 2010 com a participação e apresentação de um *paper* no evento “II Colóquio Individualismo, Sociabilidade e Memória”, o qual serviu como encerramento para a disciplina homônima ministrada pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Naquele momento, o estágio em que se encontrava meu trabalho de campo englobava apenas a Barbearia Elegante, onde eu havia tido contato com alguns representantes do ofício de barbeiro em Porto Alegre. Então, discutir sobre sociabilidade na Barbearia Elegante constituía um desafio diante dos obstáculos que estava vivenciando naqueles primeiros meses de etnografia.

Claude Lévi-Strauss escreve em *A Oleira Ciumenta* (1987) – enquanto devaneava sobre o temperamento de várias classes de profissionais para então chegar ao Oleiro e seus ciúmes – que a principal característica da profissão de barbeiro é a tagarelice. No entanto, o que predominava na Barbearia Elegante até então era o silêncio. Pouco se conversava na barbearia e este foi o primeiro aspecto que notei ao entrar no estabelecimento, fazendo-me repensar a imagem romântica dos salões onde supostamente barbeiros trabalham e contam suas histórias. De fato, estava diante de uma nova situação de pesquisa que contrastava com os trabalhos realizados anteriormente sobre o assunto, a exemplo do que aparece nos trabalhos que meu orientador na iniciação escreveu em parceria comigo (Silveira e Soares 2007)¹¹.

Conforme Simmel (2006) propõe, a sociabilidade pode ser considerada uma forma lúdica de sociação pela qual as pessoas interagem pelo simples prazer de estarem juntos. Assim, a sociabilidade pode ser vista nas rodas de conversa, nos bate-papos entre amigos, conhecidos, colegas de trabalho e até nos meios de comunicação proporcionados pela

¹¹ Neste trabalho, realizado no contexto de uma pesquisa de iniciação científica, os autores observaram a sociabilidade em na Barbearia São Jorge, localizada em Icoaraci, um distrito da cidade de Belém. Trata-se de uma barbearia de bairro, localizada em um pequeno prédio de alvenaria erguido em frente à casa do barbeiro. É neste ambiente que Seu Jorge, o dono do salão, atende seus familiares, amigos e conhecidos além de acolher aqueles que apenas passam pela vizinhança ou que vão até a barbearia para ler o jornal e conversar. Portanto, havia na barbearia São Jorge uma atmosfera que remetia à noção simmeliana de sociabilidade como o ato sociativo entre sujeitos pelo simples prazer de estarem juntos (Simmel, 2006).

internet onde, através das redes de relacionamentos, sujeitos se vinculam a outros que possuem as mesmas inclinações estéticas.

Enquanto elemento lúdico em que a forma de sociação se autonomiza em relação ao seu conteúdo, Simmel caracteriza a sociabilidade pela falta de profundidade dos assuntos das conversas e pela docilidade com que as pessoas defendem seus pontos de vista, de modo a buscar a conciliação na discussão, mais do que se sobressair no conjunto de sujeitos sociados. O resultado é um jogo – ou seja, uma forma lúdica de sociação – no qual todos são chamados a participar igualmente fazendo um comentário jocoso, contando uma piada, um caso ou narrando uma experiência. Participar da sociabilidade não significa necessariamente ser “um igual”, mas sim que, naquele momento, os participantes partilham de uma mesma comunidade emocional, como aponta Maffesoli (1987). Dessa forma, o propósito mais profundo da sociabilidade seria promover uma situação social na qual as diferenças são sublimadas por meio da encenação da igualdade.

Como falar então de sociabilidade em meio ao silêncio? Seria pertinente começar pensando sobre algumas maneiras de entender este silêncio. É possível pensar na rotinização das relações entre os barbeiros, já que dividem o mesmo espaço de trabalho há quase quarenta anos. Seu Renato, ao discorrer sobre sua experiência enquanto aluno do SENAC, introduz um novo elemento que permite pensar a dinâmica das relações dentro da barbearia. Conta ele que, para além da formação técnica, os profissionais educadores do SENAC dão instruções aos seus alunos sobre como se comportar em relação aos clientes e sobre como trabalhar em grupo. O papel dessa instituição de ensino profissionalizando será problematizado em outro momento. Por enquanto, cumpre entendermos que o cotidiano das barbearias vem sofrendo transformações que são correlatas às modificações ocorridas na dinâmica da vida urbana na contemporaneidade.

É neste sentido que conduz o depoimento de um dos profissionais da Elegante. Seu Renato tem 62 anos e trabalha na Elegante há mais de quatro décadas. Em uma entrevista realizada no interior da barbearia em um momento em que Seu Renato fazia uma pausa em seu trabalho, ele se recorda do cotidiano do salão na época em que ainda era um neófito na profissão:

Criança tinha dia pra cortar cabelo. Eles tinham dia porque salão estava sobrecarregado, muita gente! Hoje não, hoje criança corta cabelo em qualquer dia, porque não tem mais aquele “faça fila” né. Claro que não

pode se queixar. Os profissionais trabalham, os profissionais tem seus clientes, tudo e tal, bábábá, mas cada um tem consciência, pode testemunhar que antigamente casa salão se passava na frente e dizia: “Hoje não vai dar pra cortar! Olha como é que tá isso, tá lotado.

Em seu relato, o barbeiro aponta para uma dinâmica de trabalho diferente naqueles dias, quando os salões eram cheios de clientes e filas eram formadas para que as pessoas tivessem acesso ao serviço dos barbeiros. A união de pessoas na barbearia e em torno dos barbeiros acarretava certas formas de socição (Simmel, 2006) que remetem à sociabilidade, como aparece no trecho a seguir:

Tinha, tinha muitas barbearias, mas acontece o seguinte: os tempos eram outros. Antigamente se trabalhava até meia noite, certos salões trabalhavam até meia noite. Por quê? Tinha mais segurança, os velhinho depois das seis, sete hora da noite vinham cortar o seu cabelinho, era ponto de reunião, contavam histórias, se encontravam com os amigos.

Nesta entrevista, a barbearia narrada por Seu Renato surge como o que Michel Maffesoli (1987) chama de um local público que se apresenta como um “vetor de emoções comuns”, onde o costume de freqüentá-la expressa uma sensibilidade coletiva relacionada à prática dos espaços centrais de Porto Alegre. Emerge a imagem romântica da barbearia enquanto um espaço de sociabilidade masculino onde a cidade é praticada e narrada. Os senhores idosos freqüentadores da barbearia, cuja presença é evocada por Seu Renato, representam a própria nobreza moral daquele lugar, ao mesmo tempo em que as crianças tornam a barbearia um espaço familiar ao a adentrarem. As imagens trazidas à tona por Seu Renato fazem como que se imagina um ambiente cheio de gente, no qual as pessoas se perdem em um emaranhado de vozes que contam histórias e trocam experiências.

Estas mesmas imagens relativas à sociabilidade nas barbearias reapareceram quando entrevistei Sidney do Salão Degand e o barbeiro contrastou a rítmica da vida cotidiana em Porto Alegre à sua experiência de infância e juventude na barbearia do pai, a qual se localizava no bairro Santa Izabel na cidade de Viamão.

E na barbearia mais mesmo o pessoal lá do bairro né?

Ah, ali era tudo conhecido, tudo conhecido. Tinha uns que tavam lá, que os aposentados ficavam assim a manhã toda lá. Iam pra lá de manhã e só

saíam pra casa, pra ir pra casa pra almoçar. Ficavam lá batendo papo! Ih, igual aquelas barbearias de interior mesmo!

E como é que é aqui no Centro?

O pessoal... é mais o pessoal fixo já né, mas não que venha assim, não que a pessoa esteja toda hora indo pra lá, pra cá pra conversar, é poucos né. Mais é cliente mesmo já certo já, cada um com os seus profissionais, não é a mesma coisa que era. Eles vinham conversar... Já foi assim, teve um época que tinha um pessoal que vinha aí todo dia bater papo com a gente aí, ficar contanto história. Mas agora já não é mais. Tá todo mundo só na correria, tá sempre atrasado...

Por mais que tenha havido transformações no cotidiano de barbearias como a Elegante ou a Degand, os hábitos de desacelerar o trabalho, fumar um cigarro fora da barbearia observando o movimento da rua e manter uma conversa animada dentro da barbearia são reconhecidos como parte da memória da profissão. Em algumas ocasiões minha própria presença na barbearia – mesmo na posse da caderneta de anotações, máquina fotográfica, gravador digital e fazendo perguntas sobre aspectos de sua profissão – era interpretada no quadro de suas experiências de sociabilidade com seus clientes. Surpreendeu-me uma vez ouvir Seu Renato dizendo algo do tipo: “Sabe Pedro, nós aqui temos muita consideração por ti, porque nós sabemos que tu vem aí bater um papo, que tá aí sozinho na cidade e não conhece ninguém”, dando a entender que sua perspectiva sobre mim era contrária ao que eu imaginava. Se eu enxergava a mim mesmo como um pesquisador inconveniente que atrapalhava a jornada de trabalho de Seu Renato, o barbeiro me via enquanto uma pessoa carente que freqüentava a barbearia por não ter companhia em uma cidade estranha.

Em outros casos, a etnografia que buscava realizar servia de ensejo para que antigos episódios e personagens das barbearias fossem rememorados com jocosidade, como aparece no trecho de entrevista com Sidney destacado abaixo.

Pedro: E o senhor falou que tinha outras histórias dessas de barbeiro, de coisas que aconteceram...

Sidney: Ah, história assim que aconteceu tem de muito, né. Eu lembro da história do Zé, né. O Zé uma vez... Ele era muito namorador, sabe? Aí uma vez ele sumiu. Sumiu, não apareceu no salão. Aí o Toninho, que era o pai do Rodrigo aí, olhou no jornal e viu um cara tinha sido degolado com as características dele, de moto. Aí foram num necrotério e identificaram como sendo ele! Daí tinha o sobrinho dele que trabalhava aqui, era o João, se mandaram pra Mostarda pra avisar a família. Aí chegando lá foi o maior

estrondo, aquela estrada que é um inferno, foram numa moto pesada, uma 150. Aí chegando lá falaram do irmão deles. Aí falaram pra eles: “Pô, mas vocês não tem vergonha de mentir? O Zé recém-saiu daqui”. Não era o cara! Ele era muito namorado entendeu, ele era... Mas aí o Toninho achou que era o cara! Foi lá no necrotério e reconheceu que era o cara (risos)! E hoje esse cara já morreu. Aí hoje ele morreu de verdade mesmo.

Para além da jocosidade presente no episódio narrado e da lembrança de um ex-colega de trabalho, a narrativa de Sidney traz à toda novamente um drama comum nas barbearias de Porto Alegre. Trata-se do drama da finitude do ser, sempre presente nos relatos sobre as rupturas levam os salões a fecharem suas portas ou reduzirem de tamanho e que provocam a perda de antigos clientes para a passagem do tempo.

O que venho discutindo não quer dizer que não haja sociabilidade na Barbearia Elegante ou na Degand, ou que as relações estabelecidas no lugar estejam meramente circunscrita a aspectos do trabalho. Algumas vezes a sociabilidade floresce em função de um sujeito exterior ao cotidiano da barbearia. Há ocasiões em que esse sujeito exterior é o próprio pesquisador, às vezes sozinho, às vezes acompanhado de um amigo, mas que quebra o silêncio ao fazer perguntas e também suscitá-las: “Pedro, como vai o teu trabalho?”. Há também o caso de velhos senhores, clientes antigos, que vez por outra adentram as portas da barbearia. Seu Sílvio, um antigo barbeiro do salão afastado por problemas de saúde às vezes visita seu velho local de trabalho onde conversa um pouco com seus colegas e depois se põe a olhar fixamente o movimento da rua, calado, próximo à porta da barbearia. O trecho destacado a seguir corresponde a uma passagem de meus diários de campo:

Hoje um senhor baixinho e de cabelos brancos entrou na barbearia e cumprimentou seu Sílvio. Este, que a princípio parecia estar apenas de passeio, converteu-se de barbeiro semi-aposentado em ativo novamente. Foi uma rápida metamorfose: vestiu o colete verde-musgo com seu nome bordado e empunhou suas ferramentas que ainda estavam guardadas na barbearia. Cortou os cabelos do velho cliente. Terminado o serviço, os dois se cumprimentaram e seu Sílvio pôs-se novamente a fitar os carros transeuntes que passavam na rua.

No meu canto, fiquei imaginando o que ocorrera ali, naquele encontro entre um barbeiro e seu antigo cliente, na quantidade de experiência acumulada em todos aqueles cabelos brancos: os do barbeiro e os do cliente, cujas guedelhas caíam no chão após cada tesourada. Quantas histórias narradas, experiências e confidências compartilhadas mesmo que em silêncio. Para que um homem aceite ter sua face e seus cabelos tocados

por outro deve existir o mínimo de identificação e de empatia entre os dois. A intimidade que este contato requer repousa no estabelecimento de uma relação exclusiva entre o cliente e o seu barbeiro, de uma fidelidade e respeito que atravessam o tempo e, por vezes, gerações. Quando o velho cliente ultrapassa a porta da barbearia, seu Sílvia reavalia suas prioridades e veste seu colete novamente. Não apenas pelo dinheiro que receberá pelo corte, mas pelo privilégio de celebrar a relação com seu cliente e de honrar um compromisso feito há muitos anos atrás. Nada de risadas, sem excesso de palavras. Apenas o respeito e a satisfação de encontrar alguém que não chega a ser um amigo, mas que está longe de ser apenas um conhecido. O peso da idade se abate sobre os dois, mas ambos se certificam de que o outro está bem, com saúde, resistindo ao tempo e capaz de realizar o ritual periódico de encontro na barbearia.

Fica evidente que há lugar para a sociabilidade no cotidiano da Barbearia Elegante. O equívoco talvez seja o de imaginar a sociabilidade enquanto um estado contínuo que se prolongaria enquanto os seus participantes estivessem juntos. Ao contrário, a sociabilidade pode ser pensada enquanto momentos, instantes em que há uma troca de gentileza, um comentário pontual sobre o clima, uma reclamação sobre o barulho dos carros que passam em frente ao salão, enfim, qualquer forma de interação desinteressada. E se há um campo de sentido dentro do qual o silêncio é algo a ser compartilhado, então o próprio silêncio seria uma forma de sociabilidade.

Os momentos de silêncio também existem na Barbearia Central do Mercado Público, embora sejam mais raros. As formas de sociabilidade (Simmel, 2006) que se desenrolam na Barbearia de Seu Jenecy evocam o feitiço das “províncias de significado” de Park (1979), na medida em que este espaço do Mercado Público se destaca das demais barbearias no que diz respeito à relação de Seu Jenecy com seus clientes e com seu local de trabalho. Os engravatados, os moradores de classe média do centro da cidade, funcionários públicos e magistrados que se fazem presentes nas barbearias das ruas Acelyno de Carvalho e General Câmara contrastam com as pessoas simples que freqüentam o salão do Mercado Público. Os principais habitués da Barbearia Central que tive a chance de conhecer foram Kiko e Picanha, trabalhadores modestos do Mercado que acumulam as funções de *boy* e carregadores em uma peixaria e no restaurante Gambrinus, respectivamente.

A ambiência da barbearia e o teor das relações ali existentes que remetem a uma ética do lugar – a qual conforma uma estética, segundo Michel Maffesoli (1987) – permite

algumas práticas as quais causaram certo estranhamento a mim em relação à minha experiência anterior em outros estabelecimentos do tipo. Um trecho de diário de campo exemplifica o que proponho:

Hoje a barbearia estava cheia e um cliente/amigo/colega de mercado levou um amigo para cortar cabelo com Seu Jenecy. Quando chegou sua vez de ser atendido, o rapaz levantou-se, e para meu espanto tirou a camisa para não sujá-la com os pêlos provenientes de seu corte e sentou-se descamisado na cadeira do barbeiro que o atendeu prontamente e sem nenhuma repreensão.

Talvez a Barbearia Central seja o único lugar no mercado onde se conservem as antigas formas sociais que se desenvolviam antes da reforma e do enobrecimento do lugar. A “estética do baixo-ventre” (Bakhtin, 2010) presente em lugares como a feira e os mercadões populares, como aparece na etnografia de Viviane Vedana (2008) é a estética que se encontra nas interações que acontecem nesta barbearia. Tratar-se-ia o lugar do Mercado que é freqüentado pelos seus trabalhadores e aonde não chegam os turistas e os compradores de classe média que hoje freqüentam o Mercado Público da cidade. Essa “estética do baixo-ventre” encontra-se muitas vezes na oralidade dos sujeitos que se comunicam no salão, como mostra a narrativa de Seu Jenecy sobre um episódio curioso ocorrido em sua barbearia tempos atrás:

Jenecy: Eu cortei a orelha do cara! Primeira vez na minha vida! Com a navalha! Tu não imagina! O cara tava olhando uma revistinha pornô, lá em baixo no salão ali no lado do Bagé. O careca, o careca do Martin lá...

Picanha: Morreu aquele careca, nunca mais vi ele.

Jenecy: Não, não... ele tava olhando uma revistinha da Ilza Carla. Era gorda, tu entendeu? Uma xotinha bem pequenininha (risos). Cara, e o careca olhando ali “eu não acredito que essa bucinha é tão pequenininha da Ilza Carla!” E eu tô fazendo o pé do cabelo do cara aqui e o cara: “Pá!”. Conforme ele fez, a navalha pegou aqui assim (risos). Báh, cara. E agora pra estancar aquele sangue? Pior coisa que tem! É aqui [indica a orelha] e aqui no lábio, aqui no lábio é fulminante! Cara, eu fiz de tudo, eu fiz de tudo, eu fiz de tudo, tudo, tudo, tudo, aí me lembrei de uma coisa: “Bah, o seu Aldo, da [farmácia] Sulina, sempre me falou pra mim que eu tinha ter água oxigenada no salão. Bah, e tinha a farmácia do Miranda aqui, tu te lembra? Aí bah: “Ei Sergio, me pega um tubinho de coisa, eu pago, vai lá buscar ligeiro lá na corrida um tubinho de água oxigenada”. Aí o sérgio pagou ali pra mim e trouxe. E eu peguei o algodão, mandei o filho da puta, o cara meio deitar e botei o algodão parado ali. Estancou o sangue.

Eu digo “cara, como é que tu vai fazer isso aí, virar a cabeça cara, tu é louco cara, eu podia tirar a tua orelha fora se eu não sou tão rápido na hora de tirar a navalha!” Aconteceu isso aí. Aconteceu isso aí cara.

A narrativa de Seu Jenecy nos introduz no universo simbólico de sua barbearia e de seus freqüentadores na medida em que constrói um cenário marcado por uma sociabilidade masculina bastante forte e mediada por signos que remetam a uma beleza feminina de época na forma da atriz e vedete Wilza Carla. Também são evidenciadas as redes de amizade, trocas de favores e de saberes no Mercado, pois Seu Jenecy recorre a um dos habitués de sua barbearia para pegar um frasco de água oxigenada para tratar o ferimento do cliente, conforme havia sido indicado pelo farmacêutico do Mercado.

Cumprе ressaltar que Seu Jenecy trabalha na maior parte do tempo sozinho na Central, pelo menos quando seu filho Mirion não está atendendo na poltrona ao lado. Sendo este salão um espaço familiar para o barbeiro, e que se encontra situado dentro de uma outra “família”, isto é, o Mercado Público, Seu Jenecy acaba projetando sua personalidade sobre seu espaço de trabalho e sobre as relações que se desenvolvem no local de uma maneira bastante distinta do que ocorre em outras barbearias nas quais o espaço de trabalho é coletivo, tal qual a Barbearia Elegante, por exemplo.

Na Elegante o mais perto que cheguei de presenciar o modelo simmeliano ideal de sociabilidade ocorreu em um dia no qual levei minha namorada à barbearia e a apresentei aos barbeiros e à barbeira que lá trabalhavam. A excepcional presença de Juliane na Barbearia Elegante pareceu congregaг os barbeiros na medida em que todos eles se prostraram em torno dela para tentar descobrir quem era aquela garota. As perguntas feitas eram as de sempre: “nossa, mas vocês vieram de Belém pra cá?”, “está estudando?”, “tá passando muito frio?”. Seu Renato perguntou se estávamos com saudades de nossa terra. Ao respondermos que sim, o barbeiro deu início a uma narrativa sobre suas vindas a Porto Alegre quando criança.

Conta ele que sua mãe aposentou-se cedo por causa de problemas de saúde. Então, todo mês ela deveria viajar da região do Alto Taquari – lugar de onde a família de Seu Renato é natural – até a capital Porto Alegre para receber sua aposentadoria no INSS. A família inteira viajava junto, é claro. No percurso, o jovem Renato estranha os contrastes da capital com sua cidade natal:

Quando o barco tava chegando de noite em Porto Alegre o meu pai me chamava pra ver as luzes da cidade e dava pra ver todas aquelas luzes do cais do porto. Porque lá onde a gente morava não tinha iluminação, era tudo escuro.

A memória de Seu Renato depois o transporta para a proa do barco no qual a família voltava para casa após o passeio pela capital. Naquele espaço, o pequeno Renato ouvia o pai reconfortar a mãe dizendo: “A viagem é boa, mas o melhor é a volta pra casa”. E seu Renato justifica sua narrativa dizendo:

E essa história eu contei pra você ver que por mais maravilhoso que seja conhecer lugares novos, é sempre bom estar em casa. O meu pai passava dois dias longe de casa e já ficava com saudade. Por isso que eu fico pensando que vocês, que vêm de tão longe pra cá, devem sentir muita saudade da casa de vocês.

Naquele momento, Seu Renato tentava associar a sua experiência de infância à nossa experiência atual a fim de alcançar um estado de empatia baseado na semelhança dos elementos subjetivos de nossa experiência – o sentimento da saudade – e que muito se assemelharia ao “encontro etnográfico” discutido por Roberto Cardoso de Oliveira (2000). Ao mesmo tempo em que Seu Renato falava e, portanto, constituía-se como o centro das atenções no momento de sociabilidade, Dona Geci ficava interrompendo o barbeiro, dizendo que nós estávamos com pressa e dando a entender a Seu Renato que ele estaria sendo inconveniente.

3.3.2 Conflitos: “Tu não pode nunca dar a entender que tu é o rei da cocada preta”.

O incidente descrito acima entre Seu Renato e Dona Geci não foi um acontecimento isolado. Em outras de minhas visitas à barbearia foi possível perceber que a interação entre Dona Geci e Seu Renato evocava outra categoria simmeliana: o conflito (Simmel, 1983). Em alguns casos, como acabei de mostrar, minha própria presença na barbearia constituiu-se como uma fonte de conflito. Entre o barbeiro e a barbeira há uma relação conflituosa que se manifestou tanto na disputa por clientes – entre os quais me incluo – quanto na disputa por atenção e mesmo pelo posto de guardião da memória da barbearia e da própria profissão de barbeiro.

Com o passar do tempo, mesmo as visitas mais “descompromissadas” à barbearia – isto é, o que Gilberto Velho (2001) destaca como a utilização metodológica da sociabilidade que se desdobra na observação participante – serviram para que fossem presenciadas as situações de conflito no interior do salão. Em um desses momentos tive a oportunidade de conversar com Seu Valter, um dos profissionais da Barbearia Elegante. Eram três horas da tarde e o salão estava vazio. Dona Geci fumava do lado de fora do salão, e Seu Renato tinha ido pagar uma conta no banco. Eu estava sozinho com Seu Valter e resolvi lhe perguntar se ele tinha o mesmo tempo de trabalho na barbearia elegante que Dona Geci e Seu Renato e ele me respondeu que era mais antigo que os dois, trabalhando no local há quase 40 anos. Em seguida ele prosseguiu e sem que eu perguntasse, revelou:

Seu Valter: A Geci não era barbeira. Antes ela era manicure.

Pedro: Aqui nesse salão?

Seu Valter: É, aqui. Depois que ela inventou de ser barbeira, de alisar cara de homem.¹²

A fala de Seu Valter entra em contradição com as informações anteriormente apresentadas por Dona Geci. Em outro momento, ela havia contado que trabalha no salão há mais de 40 anos, porém não especificou a sua função no local. Logo, imagino que ela incorpore o tempo em que trabalhou como manicure ao tempo em que atuou como barbeira, dando a entender que é barbeira há mais de 40 anos, ou seja, a mais tempo que Seu Valter. Este, por sua vez, ignora o tempo que Dona Geci trabalhou como manicure no mesmo salão e assim defende a sua antiguidade no local.

As palavras de seu Valter também parecem encobrir certa resistência ao fato de Dona Geci ter se tornado barbeira depois de ter se profissionalizado como manicure. É possível pensar essa resistência da seguinte maneira: ela teria saído de uma profissão “feminina” como a de manicure para uma “masculina” que seria a de barbeiro, transcendendo a divisão sexual do trabalho e as hierarquias dentro da barbearia. Além disso, o barbeiro parece considerar a emergência de Dona Geci como barbeira uma ameaça à hegemonia masculina neste campo de atuação profissional específico. Tendo Dona Geci

¹² A expressão “alisar cara de homem” apareceu outra vez durante a pesquisa de campo durante uma conversa com Seu Renato na qual o barbeiro falava dos dilemas de sua juventude em relação a abraçar ou não a sua vocação de barbeiro. É claro que na fala de Seu Valter, por este estar se referindo a uma mulher, o sentido da expressão pode possuir outra carga semântica.

se tornado barbeira, ela agora teria como colega de trabalho e como concorrente uma mulher.

Esse último ponto de vista pareceu se alastrar pela conversa conforme íamos prosseguindo. Eu disse que via muitas mulheres nos salões trabalhando junto com os homens e seu Valter concordou, dizendo:

É, tem muita mulher trabalhando como barbeira. Ali naquela ruazinha que atravessa pra Andradas [Acelyno de Carvalho ou Rua 24 horas] tem uma loirinha lá que pra um homem disputar com ela, ele tem que ser bom. Eu passo por lá de vez em quando e fico olhando, tem cada cabelo que ela corta, que eu vou te contar, o cara pra competir com ela tem que ser bom.

Adiante, porém, ele mostra certo descontentamento com a situação dizendo que “a maioria dessas mulheres que é barbeira é mentirosa, não trabalha direito. Tem umas que são boas, mas a maioria é mentirosa. Assim como tem homem que é mentiroso também, tem muito barbeiro aí que não trabalha direito, esse pessoal mais novo”. Percebe-se que a crítica de seu Valter começa endereçada às mulheres, mas termina fazendo referência aos barbeiros que se profissionalizaram recentemente. No entanto, estes são dois fenômenos que não se encontram dissociados. Uma vez a própria Dona Geci afirmou que a presença de mulheres não era algo comum na época em que começou a trabalhar, a entrada de mulheres neste mercado de trabalho pode ser algo que vem acontecendo apenas recentemente¹³. Logo, a insatisfação de seu Valter sobre os novos barbeiros ressoa no fato de que mais mulheres têm ingressado na profissão de barbeira. Foi então que lhe perguntei:

Pedro: Mas por quê que o senhor acha que tantas mulheres tão entrando nessa profissão?

E Seu Valter foi categórico ao responder:

Porque as mulheres querem tomar o lugar dos homens. Hoje em dia elas é que querem pagar tudo. Ali mesmo, aqui na esquina, eu já vi várias vezes. O cara acaba de comer e vai embora, quem fica lá pra pagar é a mulher.

¹³ Este argumento será problematizado mais adiante.

Assim, ao mesmo tempo em que elabora suas interpretações sobre a dinâmica do mercado de trabalho onde está inserido, Seu Valter exprime suas visões de mundo e suas impressões sobre a passagem do tempo. Tudo isso o leva a refletir sobre sua situação profissional de barbeiro e sobre o que significa ser homem na contemporaneidade. No caso de Seu Valter a situação conflitiva instaura reflexividade, pois ele se questiona qual o seu lugar e o lugar do outro – as mulheres, os novos barbeiros – no mundo em que vive.

Este diálogo começou enquanto só estávamos eu e o barbeiro dentro do estabelecimento. Quando Dona Geci entrou no estabelecimento, seu Valter continuou a falar e, para o meu desconforto, a barbeira escutou a maior parte da conversa.¹⁴ Outra situação conflituosa presenciada na barbearia se deu enquanto Seu Renato era entrevistado por mim. Quase no fim da entrevista, seu Renato começa repentinamente a falar sobre o trabalho em equipe:

O que eu tinha pra lhe falar era isso, pra lhe passar assim o espírito do dia-a-dia, na verdade muita luta, muito jogo de cintura, porque trabalhar em grupo, quanto menos tu falar, melhor. Tem mais que tu concordar do que tu discordar. Jamais pode dar a entender que tu é o rei da cocada preta. Tem que ser humilde, tudo e tal, para que a gente tenha um bom relacionamento. Se tu começar a querer aparecer e mostrar que tu tem mais conhecimento que os outros, tu termina te dando mal.[...] Então a gente, até isso, para que o profissional seja bem sucedido tem que ter juízo, tem que ter a cuca no lugar, para que a gente viva em grupo e saber se respeitar, que segundo diz: o respeito é bonito e fortalece as amizades.

Minutos depois entendi que aquelas palavras eram um sermão endereçado a Seu Valter, que durante a entrevista estava atrás de mim e ficara fazendo troça de Seu Renato. Após a entrevista, seu Renato desabafou irritado: “Bá, eu falando com o menino aqui e o outro lá atrás fazendo graça! Dei logo uma chamada nele, não respeita, que é isso!”. Enquanto fala, Seu Renato gesticula com a mão, fazendo um sinal com o dedo indicador e o polegar, gesto que questionava a sexualidade do outro barbeiro.

A partir da situação exposta acima pode ser interessante pensar que o local do conflito nas situações sociais geradas pelo cotidiano na barbearia situa-se no limiar da sociabilidade. Especialmente no último caso relatado, enquanto Seu Renato era o único

¹⁴ Em outro capítulo me dedicarei a narrar a trajetória de Dona Geci como profissional.

entrevistado entre todos os profissionais do salão, o conflito surge quando um barbeiro começa a se sobressair entre os demais nos momentos de sociabilidade. No entanto, situação conflituosa semelhante se desencadeou quando seu Renato assumiu o papel de narrador, constituindo-se como o centro das atenções quando levei Juliane à barbearia. De fato, a situação de interlocutor da pesquisa faz com que Seu Renato quebre as próprias regras: ele acaba falando mais que os outros, mostrando seu conhecimento sobre a profissão, destacando-se entre os demais e, enfim, sendo inevitavelmente o “rei da cocada preta”.

A questão da convivência diária no espaço exíguo da barbearia, tal como foi colocada por Seu Renato, motivou-me a procurar compreender as táticas e estratégias (De Certeau, 1994) que estes profissionais usam em seu cotidiano para lidar com um problema que para Georg Simmel (1987) seria típico das grandes metrópoles e, para o caso desta pesquisa, se manifesta no microcosmos das barbearias como algo inerente às condições de trabalho nesse local. Tal problema seria exatamente a inevitável, excessiva e muitas vezes indesejável proximidade com o outro. Nesse sentido, enquanto Sidney e Paulo narravam as desavenças dos antigos barbeiros do salão, perguntei o seguinte:

Pedro: Mas como é que é trabalhar 20 anos, às vezes 40 anos com as mesmas pessoas?

Paulo: Mas não é sempre assim, né (risos), ele ta te contando as coisas mais... Tem, tem as rugas um com o outro. Bah, mas como tem!

Sydney: Por exemplo, o Paulo não se dá com o cara dessa cadeira aqui ó (risos). Eu não sei nem porquê, né...

Paulo: Eu não me dou com esse velho porque ele é implicante, ele é ranzinza, tem uma história já, a história começou assim ó: nós trabalhávamos aqui do outro lado, né. Aí nós tínhamos uma tevê e ela tava ligada. Aí tinha um velhinho, o Zannini, um barbeiro que trabalhava ali no canto, que tava com cliente na cadeira. Aí esse, esse velho foi lá, esse chupacabra, esse cururu (risos) foi lá e desligou a tevê. Aí eu perguntei pro senhor assim que tava na cadeira: “O senhor ta olhando a tevê?” E ele dise “tô”. E eu disse assim: “Como é que é ignorante, desliga a tevê quando o senhor tava olhando ali, ó!” É. Aí as nossas diferenças começaram aí. Aí foi, né, teve uma vez que ele encheu aquela minha cadeira de lixo, que não deu pra colocar no lixo aí ele colocou no pé da minha cadeira, né? Num dava, né. Aí ele pegou uma tesoura, veio pra cima de mim e eu disse: “Mas o que tu vai fazer com isso aí, ô ignorante! Vou fazer tu engolir essa tesoura!” Vários, vários profissionais que já passaram por aqui já quiseram dar nele! Não deram porque os outros aí: “Ah, não dá, não dá, não dá que ele é velho, doente, vai te incomodar!” Né? Aí ele fica nessa vidinha aí, né! Aí bah, eu não converso com eles que acho que faz uns dez anos aí. Mas

nem faz falta também, né? O ambiente fica meio ruim, mas fazer o quê, né?

Muitas vezes a disputa por espaço pode se dar de forma literal, para além da competição por clientes ou prestígio como profissional. É isso que mostra a narrativa de Sydney e Paulo que aparece a seguir:

Pedro: Achei muito bonita a cadeira.

Sidney: Tu pode fotografar ela, tira aí.

Paulo: Eu conto? Conto a história pra ele? (risos)

Sidney: Conta, pode contar! (risos)

Pedro: Ah, então peraí que eu vou até gravar!

Sidney: É que aí como os dois não se bicam, né, esse aí jogavam minha cadeira pra lá, pra dar mais espaço pra ele aqui. Aí eu chegava de manhã, botava no lugar. No outro dia o Paulo vinha e empurrava pra cá. Aí o Rodrigo resolveu fixar ela? É a única que tá fixa é essa aqui.

Paulo: As duas, as três aqui tão soltas. Tá, tá aqui, até pode tirar, colocaram um suporte ali no chão e fizeram um valinho aqui, ó. Fizeram um valinho e fixaram ela pro cara não empurrar, né. Mas não é que eu não me dê com o cara, mas ele é birrento, ele faz coisa pra irritar o cara. Aí a cadeira, ele chegava e colocava a cadeira dele bem em cima da minha aqui, ó. Como é que eu vou trabalhar né, meu? Não tinha condições. Aí eu que falei, eu disse: “Olha, eu quero que tu trabalhe aí e eu quero condições pra trabalhar. Como é que eu vou trabalhar com a cadeira do outro em cima da minha ali, olha?” Que ele atrapalhava eu e eu atrapalhava ele né. Ele quer um espaço tudo pra ele aqui, ó! Até do Rodrigo ele tava, as vezes ele tirou a dele. Nós não tinha condições de trabalhar! Aí pra parar com isso o Rodrigo mandou prender a cadeira no chão.

A história contada pelos dois barbeiros mostra que o conflito, pelo menos quando rememorado, pode assumir certa conotação jocosa. As historietas sobre as rugas do sempre bem-humorado Paulo com seu colega de trabalho animaram o resto da tarde na barbearia, fazendo com que a sociabilidade girasse em torno dessa situação conflituosa dentro da barbearia que levou o proprietário Rodrigo a fixar a cadeira do barbeiro no chão para que todos aproveitassem equitativamente o espaço do salão.

Isto me leva a pensar que, se o conflito é capaz de emergir da sociabilidade – assim como a sociabilidade pode ser gerada pelo conflito – então estas duas categorias

simmelianas não são antagônicas, sendo capazes de ser articuladas em refletir sobre situações etnográficas como as que descrevi neste trabalho. Para Simmel (1983) o conflito, tanto quanto a sociabilidade, é uma forma de sociação. Se a sociabilidade congrega os sujeitos em formas lúdicas de sociação, o conflito não é exclusivamente dissociativo, pois como coloca Simmel, “seus aspectos negativos e positivos estão integrados” (p.123). Em outras palavras, a unidade de um grupo como os profissionais da Barbearia Elegante ou do Salão Degand não está condicionada ao consenso, podendo ser encontrada justamente nos elementos que diferenciam e criam tensões entre os barbeiros.

A análise simmeliana da competição (Simmel, 1983) atesta que o a função do conflito nunca é o extermínio do outro, a não ser em casos extremos. No caso da barbeira e dos barbeiros, a competição se dá no espaço de trabalho e em relação a terceiros, isto é, clientes para quem vão oferecer seus serviços ou atenção nos contextos de pesquisa, ou à utilização mesma do espaço e dos equipamentos do salão. Assim, os elementos que geram competição acabam por juntar os sujeitos em torno de si, engendrando formas de sociação baseadas no conflito, já que os concorrentes competem mais em virtude daquilo que têm em comum do que em função dos elementos que os separam. O conflito, dessa forma, gera unidade porque estabelece um campo de sentido comum entre os que dele participam.

A dimensão conflituosa das relações sociais não é tão racional ou utilitária quanto parece, isto é, a competição ou o conflito nem sempre se dão em relação a fins exteriores previamente visados pelos concorrentes. Simmel chama atenção para a positividade da relação entre o conflito a subjetividade daquele que integra essa forma de sociação, principalmente nas situações cotidianas produzidas pelo trabalho em grupo na barbearia, onde que a proximidade com os outros é inevitável, mas nem por isso desejável. Nesse sentido, a aversão ou o conflito tende a emergir como uma alternativa ao comportamento *blasé* no tocante às maneiras de vivenciar e reagir às condições encontradas na vida urbana.

Isso não significa que em alguns casos o conflito possa tomar proporções catastróficas, como mostra o episódio narrado a mim por Sidney no Salão Degand enquanto cortava o meu cabelo. Segundo o barbeiro:

Lá no salão lá de cima que eu trabalhava antes tem uma história gozada lá! Era entre o Ricardo, o Ricardo e o Milton. Os dois se estranharam um dia lá, sabe? E aí se estranham e bah, partiram pra porrada mesmo. Aí o

Ricardo saiu correndo! Correu do Milton (risos). E aí foi aquela gozação, né, chamavam ele de “galo corrido”, todo dia nós chegava nele, eu o Valdo. Depois quando foi um dia que nós chegamos no salão cedo, o salão todo ensangüentado! Os dois tinham se pegado, os dois foram os primeiros a chegar! O Ricardo com um braço quebrado, o outro com a testa aberta, um bancaço que levou. Pergunta pra ele da próxima vez que tu encontrar com ele (risos), diz assim: “Vem cá, como é que foi a bronca tua como um barbeiro que tinha aqui, o Milton?”. O Milton, esse era uma bichona, né. Agora, era metido e brigava! Foi um fuzuê, acabou os dois indo pra rua. Aí depois o dono admitiu de novo eles. Chamou o Ricardo de volta, mas o Milton não veio mais. Até veio trabalhar aqui nesse salão.

Entendo este como um caso de exceção, no qual a agressão manifesta o desejo de aniquilar o concorrente. Embora a repercussão do evento tenha sido lúdica, na medida em que os demais colegas de trabalho faziam chacota de Ricardo por este ter corrido, o incidente de agressão física acaba afastando Milton do espaço da barbearia, rompendo os laços sociais capazes de engendrar sociabilidade ou conflito. As conseqüências desse episódio seguem na direção contrária ao que propõe Simmel, isto é, que a oposição “pode tornar a vida ao menos possível com pessoas realmente insuportáveis” (1983, p.127). Essa afirmação reflete no fato de que, muitas vezes, a provocação, as indiretas e a competição entre os profissionais de um mesmo espaço contribuem para criar uma tensão que quebra a monotonia do ambiente de trabalho. Por outro lado, opor-se uns aos outros lhes daria “satisfação íntima, distração, alívio, assim como, sob condições psicológicas diferentes, nos dá humildade e paciência” (1983, p.127). Neste ponto, o conflito enquanto forma de sociação começaria a se aproximar da sociabilidade. Repercutindo positivamente na subjetividade dos barbeiros e da barbeira, o conflito se torna um fim em si mesmo.

Relevantes enquanto efeito subjetivo do conflito, a humildade e a paciência foram alguns dos valores elencados anteriormente por Seu Renato como indispensáveis ao convívio da barbearia. Ou seja, estes seriam os mesmos valores necessários para o estabelecimento de uma sociabilidade bem sucedida. Assim, em termos de seus efeitos sobre o sujeito e de suas características formais, pode-se tratar o conflito como parte da sociabilidade ou mesmo como uma das maneiras que a sociabilidade tem de se manifestar. Isso é possível porque o conflito, como aparece em certas ocasiões nas barbearias estudadas, assume características de um jogo em que todos participam de alguma forma, chegando a ser tão lúdico quanto a sociabilidade deve ser.

Capítulo 4

Saberes e fazeres (1). Redes Sociais e Trajetórias de Trabalho

Jornal do Mercado - Nº 42 - Agosto de 2011 - Página 16

PERSONAGENS DO MERCADO

Carlos Jenecy: barba, cabelo e bigode no Mercado, há 50 anos.

A maior parte dos frequentadores talvez não saiba que o Mercado Público possui uma barbearia. Mas o fato é que ela está lá há 40 anos, tempo em que um dos seus principais personagens, Carlos Jenecy viu muitos clientes branquearem e perder os cabelos. Décadas depois, diz que pensa em trabalhar mais dois, três anos e parar: "Vai passando o tempo, estou com 71 anos. Este profissional está cansando. Não tenho mais pique para fazer 10 ou 12 horas por dia em pé na volta da minha cadeira", diz. Mas mesmo assim ainda fica até 12 horas em pé cortando cabelo e fazendo barba dos seus amigos fregueses, uma clientela altamente fiel. Casado há 41, dois filhos, Jenecy viu muita coisa, tanto no seu salão quanto no Mercado. Seu sonho é que o filho continue tocando a barbearia.

Ele começou no Mercado foi em 1972, no salão do seu amigo Ary, falecido em 1996. Na época Jenecy trabalhava na ferragem Franzen e nos fins de semana cortava cabelo no bairro onde se criou, cresceu e conheceu a esposa: Belém Novo. Inicialmente o salão era onde hoje é o Açogue Salami, no térreo. "Nesta época era com a máquina manual, barba à navalha. Mais tarde mudamos o para o lado do então restaurante Bagé, em 1978", lembra. No incêndio daquele ano o salão foi destruído por um incêndio, salvando-se pouquíssimas coisas, incluindo duas cadeiras antigas, clássicas de barbearia daquela época – em funcionamento até hoje. 20 dias depois tesouras e navalhas já estavam em ação nas mãos dos hábeis barbeiros. Com a reforma dos anos 90 a barbearia subiu para os altos do Mercado, na sala T4B, onde funciona até hoje. Depois da morte do



ajuda. Lembra ainda de Pedro Rocha, Neldo Bortolini e outros que, além de amigos, batalharam contra a demolição do Mercado. Dos tempos mais antigos lembra das brincadeiras quando tinha a barbearia ao lado da antiga banca do famoso Bagé, já falecido. O salão dava para os fundos do forno de uma padaria. Quando menos esperava, colegas da padaria despejavam um punhado de farinha neles. Recordar-se também de Roberto, um "ceguinho" que vendia bilhetes, parceiro de outras tantas brincadeiras: "Só pelo jeito que tocavam nele, ele reconhecia quem era. Uma vez em Teresópolis encontrei ele. Parei o Fusca e toquei nas orelhas dele, que disse: "Jenecy, tu aqui em Teresópolis?" Do salão, onde às vezes é um psicólogo, ouvindo histórias e aconselhando os clientes, também lembra de casos engraçados, como a vez que quase cortou ao meio a orelha de um cliente que estava ali há uma visita de mulher

do não é moicano ou até mesmo raspado. Ainda nos anos 70 fez mais um curso no SENAC, onde o filho também aprendeu as lidas com as melenas alheias. "Quando fiquei sabendo, ele já estava formado. Montei um salão em Belém e quando o Ari morreu, trouxe ele para cá". No Mercado, que considera sua segunda casa, construiu sua vida, desde quando começou com uma máquina manual, tesoura, pente e navalha. "Hoje é tudo descartável. O segredo de uma boa barba? Água morna, rosto bem ensaboado com creme e uma gilete boa. 15 minutos e já está bem feitinha", resume.

O Mercado na sua vida

"Quando entrei tinha certeza que ia vencer, porque a amizade já era grande. Até o Ari se apavorou: eu não esperava que tu tinha tanta amizade assim!" Acha que o velho local de trabalho mudou muito. "Talvez até para melhor", ardisse lembrando os tempos em

(Jornal do Mercado, nº 42, agosto de 2011)

4.1. Prelúdio do capítulo 4

No mês de setembro do ano de 2010 os alunos do NUPACS (Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) organizaram o IV Olhares Diversos e Contemporâneos, evento que proporciona espaço para que os alunos de graduação e pós-graduação exponham seus trabalhos de pesquisa. Entre os alunos expositores estava eu, que já havia realizado algumas visitas a campo, mas ainda buscava maior amadurecimento nos aspectos teórico-epistemológicos do trabalho, inclusive tendo em vista a escrita do Projeto de Pesquisa que daria origem a esta dissertação.

O debate que aconteceu após as apresentações orais dos trabalhos foi tão prolífico quanto as discussões sobre o mesmo tema realizadas nos eventos de escala nacional e internacional que participei ao longo desses dois anos de mestrado. Nesse sentido, a principal contribuição foi a do professor Dr. Carlos Alberto Steil, titular da UFRGS, o qual perguntou de que maneira eu trataria epistemologicamente o aprendizado e a prática do barbeiro em seu ofício. Esta foi uma pergunta difícil de ser respondida naquele momento, mas que norteou minhas reflexões sobre as artes de fazer (De Certeau, 1994) do ofício de barbeiro durante boa parte do tempo da pesquisa.

Trata-se de uma pergunta fundamental por dois motivos. Primeiro, porque tem implicações sobre a minha maneira de se construir conceitualmente as práticas de uma profissão e, conseqüentemente, organizá-las e representá-las no formato livresco. Segundo, porque conduz a uma reflexão sobre o cogito do(a) barbeiro(a) como um(a) trabalhador(a) manual. Isto é, coloca as seguintes questões: como se dá o conhecimento para o barbeiro? Como ele aprende e incorpora um “saber-fazer” (Chevalier, 1991) milimétrico, uma arte do detalhe cujos saberes muitas vezes não são passíveis de serem expressos verbalmente? Os dois capítulos que seguem constituem tentativas, esboços de respostas a essas perguntas.

Para começar a responder estas perguntas recorro ao clássico Marcel Mauss (2003) para dizer que o ofício de barbeiro é marcado por um conjunto de “técnicas corporais”, filiando minhas reflexões a um campo conceitual caro ao desenvolvimento da Antropologia como disciplina acadêmica. Contemporaneamente, Denis Chevalier (1991), então presidente da Missão Francesa para Estudos Etnológicos, escreveu para a revista *Terrain* que este conjunto de “técnicas corporais” não se limitaria ao exercício de um gesto

ou movimento específico no contexto de uma prática profissional. Como afirma Denis Chevalier (1991), um “saber-fazer” – conceito que o autor julga mais adequado para tratar de práticas profissionais – implica mais do que o domínio de um gesto singular, sendo antes o conjunto de competências adquiridas, incorporadas e transmitidas que se manifestam em tal ato técnico. Sendo assim, Ontologicamente, um “saber-fazer” é anterior ao ato técnico. Estando “presente a todo instante na atividade técnica, [um “saber-fazer”] é imperceptível nas atividades físicas do indivíduo. Está ligada às suas capacidades de julgar, prever, dominar um processo técnico e as relações sociais a ele associadas” (Chevalier, 1989, p.5).

Para Chevalier, um “saber-fazer” também é composto pelas relações sociais que o antecedem e o integram (1991, p.7). Isto ressoa em uma das propostas deste autor: a de não apenas descrever as funções das práticas de um ofício, mas de contextualizá-lo em sua dimensão sociológica. Nesse sentido, minha participação no projeto “Trabalho e Cidade: etnografia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea” foi fundamental ao possibilitar que fossem discutidas questões teórico-metodológicas relativas ao trabalho de campo que eu vinha desenvolvendo na época. Quinzenalmente discutíamos acerca da construção de redes sociais (Bott, 1976) no processo de pesquisa e da importância de observarmos como nossos interlocutores se movimentam por estas redes e pelo mundo urbano em sua trajetória de formação profissional. Estas discussões se alinham aos estudos sobre memória coletiva e itinerários urbanos no mundo contemporâneo desenvolvidos por Eckert e Rocha (2001), porque de acordo com estas autoras é justamente a partir dos gestos, performances, dramas, intrigas, laços sociais e sociabilidades dos habitantes que uma cidade se mostra aos pesquisadores (Eckert, 2010, p. 175).

Então, neste primeiro momento se faz necessário buscar o desvelamento das relações sociais que operam na formação de um barbeiro ou barbeira em Porto Alegre. Estas relações, repletas de dramas, intrigas, alianças e rupturas compõem em si mesmas uma parcela memória da profissão na cidade, pois trazem à tona a experiência dos interlocutores a respeito de seu ingresso no mundo do trabalho de Porto Alegre. Desse modo, se faz necessário apresentar as “trajetórias sociais” (Leite Lopes, 1976, p.15) – que no contexto do Projeto Trabalho e Cidade chamamos de “trajetórias de trabalho” – destes trabalhadores, assim como as “redes sociais” (Bott, 1976) de ingresso no mundo do trabalho para situá-los nos contextos das relações de trabalho no Brasil urbano. É sobre

estes aspectos do “saber-fazer” que se ocupa este capítulo. Os elementos cognitivos e epistemológicos do aprendizado e da prática do ofício serão discutidos no próximo.

4.2. Os barbeiros

4.2.1. Renato

Com 64 anos de idade e há 41 na profissão de barbeiro, seu Renato está aposentado, “apenas administrando”, como gosta de dizer. Apesar de sua diabetes, ele trabalha de segunda a sábado na Barbearia Elegante¹⁵ (localizada na Rua Jerônimo Coelho próximo à Avenida Borges de Medeiros). Todo dia às sete da noite deixa a barbearia e vai ao culto na Igreja Universal que fica próxima à rodoviária no Centro de Porto Alegre. Chega em sua casa no bairro da Glória em Porto Alegre somente às onze da noite para dormir e recomeçar sua jornada de trabalho no dia seguinte.

Entre os interlocutores que conheci até o momento, Seu Renato é aquele que demonstrou maior prazer em narrar e dramatizar suas experiências. Em uma das primeiras tardes em que fui à barbearia revelei a Seu Renato que estava interessado em saber mais sobre a profissão de barbeiro, pois realizaria uma pesquisa sobre este assunto. Sentado em um mocho de madeira no vão entre duas poltronas de barbeiro, ele começou a tecer comentários mais gerais acerca da profissão, como “antes era melhor, hoje não tem mais tanto barbeiro como antigamente” e, de repente, encadeou a seguinte narrativa que eu não tive a oportunidade de registrar com o gravador, mas procurei reproduzir em meu diário de campo.

Meu pai me dizia:

- Filho, vá aprender uma profissão. Olhe o seu irmão, ele tá bem!

- Eu, ficar alisando cara de homem? Ah, não!

Eu era jovem, né, achava que tava por cima... Aí meu pai foi e disse: “Não quer estudar, então vai trabalhar!” Aí fui trabalhar. Procurei trabalho e fui trabalhando, arrumando empreguinho aqui, emprego ali, em empresa, mas nunca durava, dava três mês e eles me mandavam embora, diziam “olha,

¹⁵ Este salão chama a atenção dos passantes pela sua beleza e requinte. Recentemente (no ano de 2007) fora reformado e redecorado, sendo que ao seu lado foi construído um bistrô que é administrado pela esposa e pelo filho do proprietário da barbearia.

seu trabalho é muito bom, mas temos que fazer cortes”. Aí comecei a pensar: “é, acho que tá na hora de eu aprender uma profissão, porque eu não paro em lugar nenhum”. Então eu entrei pro Senac.

Aí o meu pai ficou doente e uma vez eu fui fazer a barba dele e quando eu tava fazendo a barba dele, ele me disse:

- Meu filho, você vai ser um grande barbeiro!

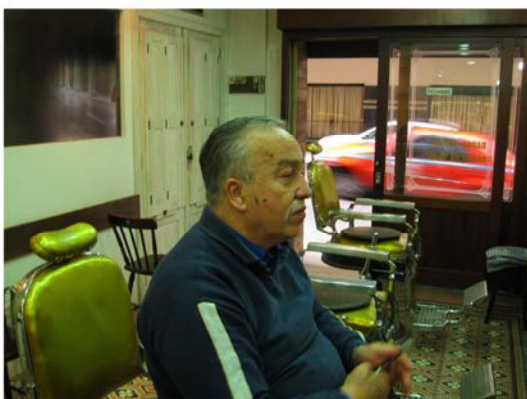
Porque quando eu passava a navalha aqui, debaixo do nariz dele, que essa pele aqui ela é muito sensível, sabe? Quando eu passava a navalha aqui, não estourava a pele! E o meu pai me disse: “meu filho, você vai ser um grande barbeiro” e as lágrimas escorrendo dos olhos.

E desde ali passou 40 anos, teve altos e baixos, mas nunca, graça a Deus, nunca me faltou trabalho.

Na narrativa acima Seu Renato dramatiza a sua condição de jovem relutante em abraçar a profissão de barbeiro – a qual possui antecedentes familiares, já que seu irmão é do ramo – para posteriormente, diante de um evento crítico com a enfermidade do pai, ir ao encontro daquele que seria o inevitável de sua vocação. As palavras do pai moribundo, incapaz até de barbear a si mesmo, revestem-se da autoridade simbólica que Walter Benjamin (1996) identifica como própria àqueles narradores que estão à beira da morte. O jovem Renato vê seu emocionado pai profetizar o sucesso do filho e assim toma coragem para seguir adiante em sua carreira profissional. Esta carreira agora seria justificada a partir de uma espécie de mito de origem, como é configurado no episódio narrado.

Antes, para o jovem Renato a especificidade da profissão – que também era a de seu irmão – estava ligada a expedientes que o jovem Renato enxergava como degradantes ou indignos na medida em que implicavam um contato muito próximo e até íntimo com pessoas do mesmo sexo, ou seja, “ficar alisando cara de homem”. Após o episódio com o pai, os estigmas relativos à profissão de barbeiro são re-significados. Agora, é a técnica que emerge como elemento redentor e determinante do ofício, sendo fundamental para a conversão de Seu Renato em um “grande barbeiro”. Como o próprio narrador explicou durante seu relato, a sua aptidão profissional é confirmada quando ele, ainda no início de sua formação, executa de maneira perfeita um procedimento considerado delicado para a maioria dos barbeiros, deixando seu velho pai maravilhado. Assim, a narrativa de Seu Renato contribui para confirmar sua vocação e exaltar sua excepcionalidade enquanto

profissional, justificando sua entrada no mundo do trabalho portoalegrense por meio da profissão de barbeiro.



Uma das virtudes de seu Renato enquanto narrador é a sua capacidade de divagar, devanear e fazer emergir uma história a partir de um simples comentário ou menção a um objeto da barbearia. Um desses casos ocorreu quando um amigo que me acompanhava na barbearia admirou-se das cadeiras de barbeiro bem conservadas do local. Essa foi a deixa para que Seu Renato irrompesse com uma narrativa que, naquele momento, não pareceu fazer o menor sentido. Não consegui realizar uma transcrição que se aproximasse do discurso direto de Seu Renato devido ao fato de ser um relato longo e aparentemente confuso. Portanto, a narrativa será representada como está no meu diário de campo, por meio do discurso indireto.

Seu Renato nos contou que, quando ainda estava no início de sua carreira de barbeiro, leu o anúncio de uma cadeira e de uma máquina elétrica de cortar cabelo por 900 cruzados. Ao mesmo tempo, foi avisado da existência um terreno à venda pelo mesmo valor na região da estrada para Viamão. O jovem aprendiz de barbeiro se viu em um dilema que, no entanto, foi resolvido com o surgimento de uma terceira possibilidade. Conta Seu Renato que nessa época trabalhava como porteiro em um edifício e lhe foi apresentada uma proposta que pareceu proveitosa naquele momento: a síndica ofereceu-lhe um cargo de zelador, acompanhado de um apartamento naquele mesmo prédio. Seu Renato recorda-se que, quando fez a primeira visita ao apartamento:

- Quando eu entrei naquele apartamento eu vi que ele tava novinho... Se eu te disser que aquele piso de madeira tava brilhando, o sinteko fez arder os meus olhos!

Só havia uma condição para que seu Renato conseguisse o emprego e o apartamento: ele deveria ser casado.

Àquela altura de sua vida, Seu Renato já fazia o curso de barbeiro no SENAC e era noivo. O barbeiro conta que sua empregadora já sabia que ele estava noivo e então lhe disse que providenciasse o matrimônio, pois deveria se casar dentro de um mês se quisesse o emprego. Assim, o jovem Renato abriu mão do terreno de 900 cruzados e comprou a cadeira e a máquina que estavam à venda em uma barbearia na Avenida Salgado Filho.

Em um mês, casou-se e tomou posse do imóvel no prédio onde passou a ser zelador. Quando terminou o curso no SENAC foi trabalhar na Barbearia Elegante.

Tempos depois, Seu Renato foi procurar novamente um terreno nas proximidades de Viamão, pois segundo o barbeiro afirmou, ele e sua esposa procuravam um local mais calmo e com mais espaço para criarem os filhos que já estavam a caminho. Conta Seu Renato que, dois anos depois, um terreno nas mesmas imediações daquele que anteriormente custava 900 cruzados estava agora custando onze mil. Seu Renato tentou barganhar:

- Mas e à vista, quanto é que fica?

- Ah, aí à vista muda de preço!

- Quanto?

- Quatro m...

- É meu! – Gritou Seu Renato sem deixar o vendedor completar a frase.

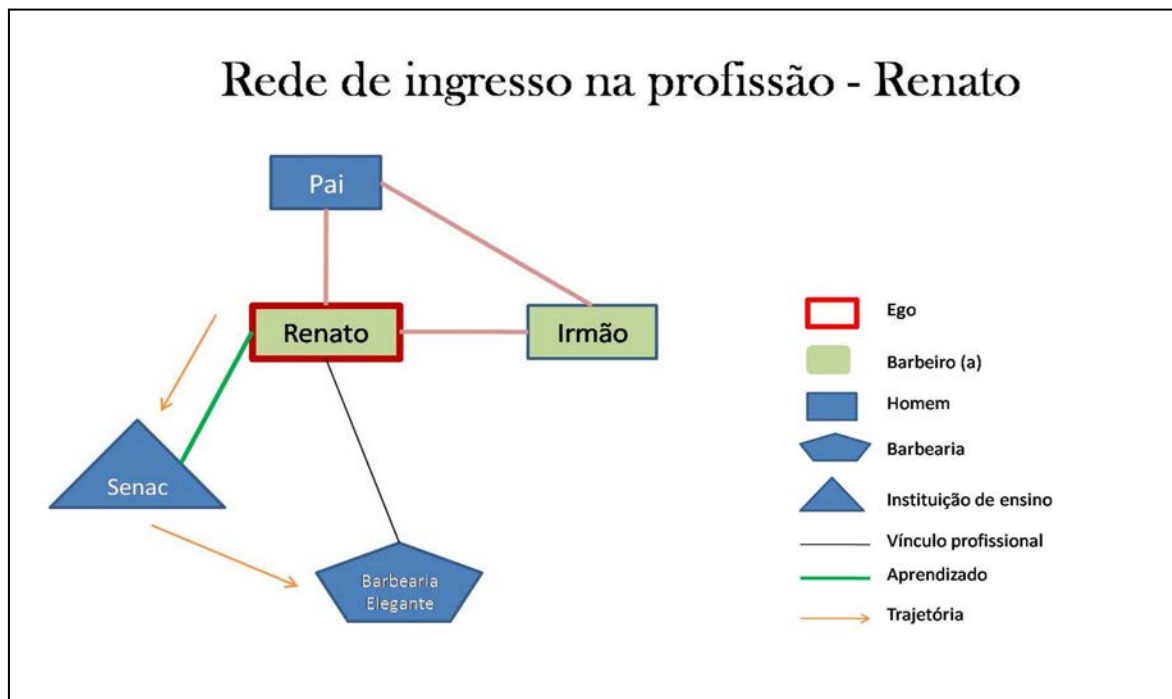
Combinaram que seriam dois mil de entrada e mais dois mil a serem pagos no momento de entrega da escritura. Seu Renato mudou-se para a chácara onde criou seus filhos e viveu até certo tempo. No final da narrativa ele voltou-se a nós e refletiu sobre o sentido de suas palavras:

- Mas por quê que eu tô contando essa história? Pra vocês verem que se eu tivesse comprado o terreno, ele tinha multiplicado o valor. Enquanto que a cadeira, ela só se desvalorizou. Quando a gente não tem experiência, não sabe pensar olhando lá na frente... (Trecho de diário de campo, 25 de setembro de 2011).

A narrativa acima remete a parte da trajetória profissional de Seu Renato, que nasceu na região do Alto Taquari, no interior do Rio Grande do Sul. Esta história se refere a um momento em que o jovem Renato já saiu da casa de sua família e se encontra em Porto Alegre em busca de seu sustento. A temática do encontro com a vocação profissional também está presente, porque mesmo quando Seu Renato inicialmente trata a compra dos instrumentos da profissão – cadeira e a máquina – como equivocada ou precipitada, compreende-se depois que o terreno comprado por Seu Renato foi pago com os dividendos gerados pela cadeira e a máquina.

O terreno teve seu valor bruscamente multiplicado, mas mesmo assim Seu Renato foi capaz de comprá-lo com o dinheiro ganho por meio de seu trabalho. É certo que o terreno oferecido por 900 cruzados teria rendido muito mais capital a longo prazo, mas ele não traria, por si só, o sustento de Seu Renato e de sua família de forma imediata. O emprego de zelador, ao contrário, lhe garante moradia e a remuneração necessária para continuar o curso no SENAC¹⁶. Ao mesmo tempo a escolha da compra da cadeira e da máquina possibilita que ele disponha de um mínimo de capital incorporado para se lançar no mercado de trabalho após o término de seu curso profissionalizante.

¹⁶ SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.



O relato do barbeiro também introduz outra problemática ao trazer à tona o papel do SENAC como a instituição de ensino formal pela qual Seu Renato teve que passar para poder ingressar no mercado de trabalho portoalegrense. Instituições formadoras como SENAC têm importância neste trabalho porque constituem parte das possíveis redes de relações sociais implicadas nos processos de aprendizado e ingresso em um ofício ou profissão. Seu Renato, por exemplo, precisou trabalhar para arcar com as despesas de um curso profissionalizante de barbeiros. No entanto, a importância do SENAC para a formação profissional do barbeiro Renato pode ser relativizada no que diz respeito às vicissitudes da prática cotidiana da profissão ao longo dos anos, como ele mesmo contou:

Aí achei melhor à noite aproveitar o tempo e entrei no SENAC. Entrei no SENAC, coisa e tal, e depois de um ano de SENAC a gente sai com noção de como começar uma profissão. Mas na realidade, o aperfeiçoamento vem no tempo. Perguntei depois pra um colega que tava trabalhando: “Em quanto tempo posso me considerar um profissional?” [O colega respondeu] “Olha, sem medo de errar: depois de vinte anos tu vai saber o que tu tá fazendo [risos]” E assim foi.

É bastante recorrente (baseando-me no que o trabalho etnográfico mostrou até agora) entre os barbeiros de Porto Alegre que estes realizem um curso no SENAC. No

entanto, este tipo de curso mais parece ter como objetivo legitimar a condição do barbeiro diante do Estado – e, por conseguinte, dos colegas de trabalho e da clientela – como alguém capaz de exercer a profissão, além permitir a sua entrada como profissional em algum salão. No entanto, não se pode esquecer que o irmão mais velho de Seu Renato também era barbeiro. Nos termos do antropólogo Gilberto Velho (2003), o campo de possibilidades do exercício do saber-fazer no âmbito da rede familiar permitiu uma transmissão da prática profissional tanto quanto um aprendizado afetivo em relação à identidade ocupacional.

4.2.2. Jenecy

O ingresso definitivo de Seu Jenecy no mercado de trabalho se confunde com a história de sua entrada como profissional no Mercado Público de Porto Alegre. Da mesma forma, a sua personalidade também é indissociável de sua Barbearia, onde ele trabalha na maior parte do tempo sozinho, já que seu filho Miriom só atende no estabelecimento pelo turno da manhã. Além disso, a trajetória de Seu Jenecy dentro da Barbearia Central reflete as transformações que o Mercado Público sofreu ao longo dos anos. Por estas razões, Seu Jenecy é mais do que o barbeiro da Central. Ele é o barbeiro do Mercado, pois sua trajetória de trabalho corresponde, em grande parte, ao percurso de sua inserção neste espaço vital para a cidade de Porto Alegre, assim como à vivência ao longo dos anos das vicissitudes e rupturas ocorridas no cotidiano do Mercado, este universo que o barbeiro chama de “família”, uma rede que alimenta laços de pertença. [Categoria Trabalho – Palavra-chave Trajetórias de trabalho].

O trecho de entrevista a seguir, realizado no interior da Barbearia Central, evidencia como Seu Jenecy interpreta seu ingresso na profissão:

Olha, o meu começo, já ta gravando mesmo? O meu começo mesmo foi aqui na Voluntários [da Pátria]. Eu trabalhava numa ferragem, Ferragem Franzen e no momento que eu trabalhava lá eu tirei o curso de barbeiro. Aí comecei a trabalhar lá em Belém Novo, onde eu moro, sábado e domingo lá. Aí depois em 73 mais ou menos, conheci um amigo lá no SENAC, que é onde entrou aquela onda dos “cabelo comprido” e eu fui mais me especializar lá. E é onde eu conheci o Seu Ary. Grande sujeito! E ele me chamou pra vir pro mercado montar uma Barbearia. Aí colocamos uma Barbearia aí em 75.

Novamente é notada a presença do SENAC como elemento, no plano institucional, que possibilita a entrada de jovens como Jenecy no mercado de trabalho. Mais tarde, o barbeiro me especificou que na realidade cursara o SENAC por duas vezes: na primeira obteve o diploma de barbeiro e na segunda lapidou seus conhecimentos sobre como tratar as melenas alheias, especializando-se em técnicas mais próximas das dos cabeleiros e condizentes com as formas de usar e pentear o cabelo que eram moda na época. Nesta segunda vez em que cursou o SENAC, Jenecy também conheceu Ary, personagem de importância fundamental na sua trajetória. Um diálogo gravado durante uma entrevista realizada na Barbearia entre Jenecy e Picanha, um dos habitués mais regulares do salão, pode evidenciar melhor a relação entre Jenecy e Ary:

Picanha: O Jenecy quando ele começou a cortar cabelo, ele pegava o cabelo do Ary e fazia igual!

Jenecy: Não, não, não! Eu posso, eu até aprendi a cortar cabelo mas na zona lá!

Picanha: Mas tu aprendeu com o Ary também.

Jenecy: Cortei uns dois anos ou mais lá. Cortava de graça, entende, o cabelo da gurizada. Depois, que eu tirei meu curso!

Picanha: O Ary te deu aula, não foi?

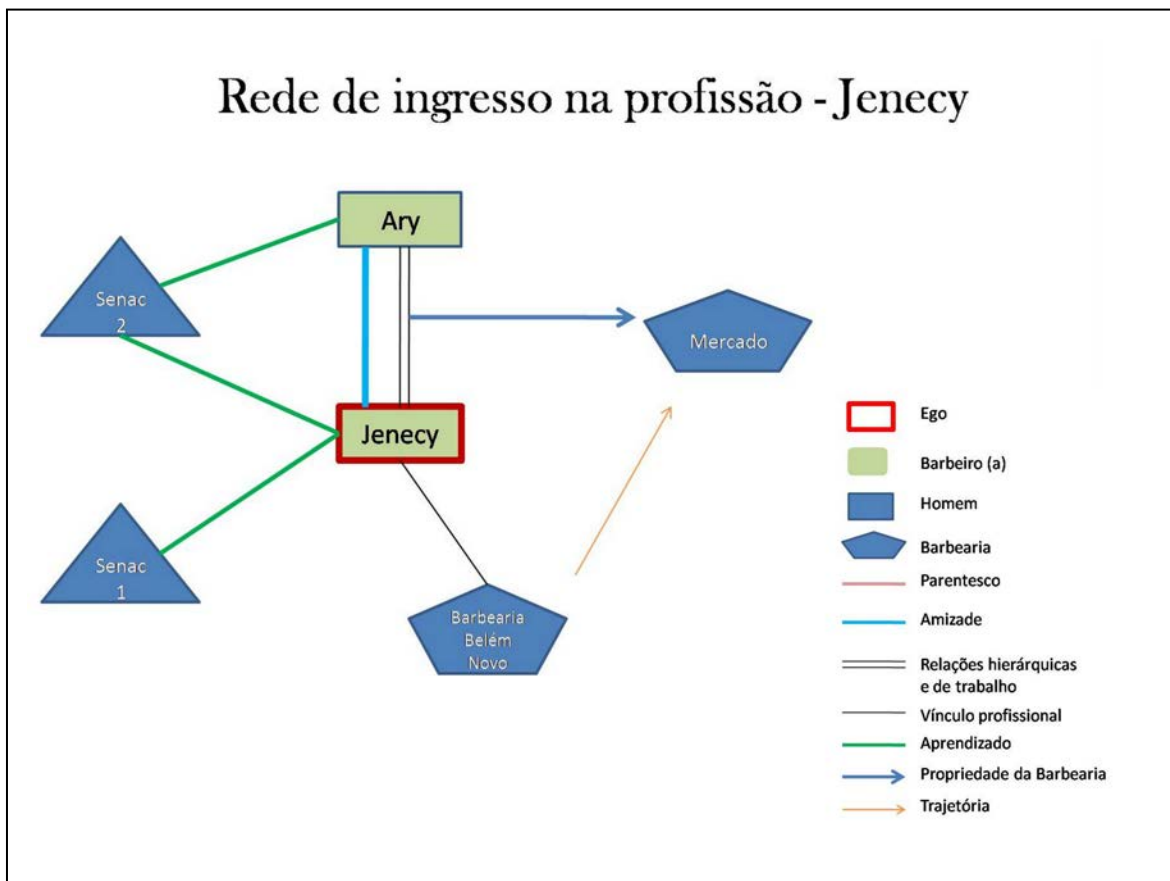
Jenecy: Não!

Jenecy: Não o quê? O Ary era teu pai, era como um pai pra ti! Fez de tudo pra ti!

Jenecy: Sim, mas me ensinar, não.

Picanha: Ele assinou o boletim pra ti passar no colégio...

Nesta discussão, o argumento de Seu Jenecy era de que ele possuía seu estilo próprio de cortar cabelo, já que vinha trabalhando como barbeiro mesmo antes de conhecer Ary. Porém, em vários momentos de meu campo ficou evidente a gratidão e o respeito que Jenecy tem pelo seu amigo, que já faleceu faz alguns anos. Segundo seu Jenecy, Ary era o tipo de pessoa que “só faltava tirar a cueca pra te dar se tu tivesse precisando”. Em outra ocasião, o barbeiro me contou que no início Ary era o proprietário do salão no Mercado. Portanto, ele saiu de Belém Novo para ser acolhido na Barbearia do amigo, já que, sendo um barbeiro ainda jovem e sem muita experiência, não possuía capital para investir em um salão próprio. Com o tempo, Jenecy e Ary passaram a ser sócios na Barbearia Central.



Um dia, quando perguntei se as cadeiras do salão eram antigas, Seu Jenecy me respondeu: “Do incêndio que teve só sobraram essas cadeiras, o registro, os documentos da minha gaveta, os do Ari queimaram tudo e essa imagem de padre Réus”. “Que incêndio foi esse?” – perguntei. Então o explicou que mais ou menos em 1973 havia ocorrido um incêndio em um supermercado que ficava ao lado da barbearia e que o fogo se alastrou até o estabelecimento onde Seu Jenecy e Ary então trabalhavam. O incêndio destruiu toda a barbearia e os dois amigos tiveram que recomeçar tudo a partir da “estaca zero” com apenas as cadeiras, os documentos de seu Jenecy e a imagem do Padre Réus. Assim, Ary propôs uma sociedade ao amigo. Este entrou com uma parte do dinheiro para a reconstrução do lugar e os dois puderam reerguer a barbearia.

Este incêndio ocorrera antes das mudanças de local por que a barbearia passou ao longo dos anos dentro do Mercado Público. Segundo Jenecy, seu estabelecimento:

Era lá no, no outro canto lá do mercado, ao lado dum afiador que tinha ali, o afiador Marmelada, um antigo afiador. E aí de lá depois nós descemos pra baixo, ficamos aqui de baixo do restaurante Bagé. Ficamos um bocado

de anos ali. E dali nós viemos aqui pra cima. Agora aqui faz 18 anos. Há 18 anos... Aí depois quando nós subimos pra cá, meu sócio faleceu... aí a filha dele vendeu a parte dele pra mim e eu fiquei aí no salão, junto com meu filho, que eu botei ele pra trabalhar comigo. São 37 anos aqui no mercado. Trabalhando.

Nota-se mais uma vez como as narrativas de Seu Jenecy têm como referência os laços sociais existentes no Mercado, agora evocados na forma do antigo afiador chamado Marmelada. Ao mesmo tempo, o trânsito da barbearia pelo Mercado é indicativo das reformas deste lugar levadas a cabo pelo poder público e que, em várias de suas etapas, alteraram a localização das bancas e a configuração dos laços de sociabilidade que existiam no Mercado. Conforme conta Seu Jenecy:

Olha, não assim ó: a maior parte dos banqueiro lá de baixo vieram aqui pra cima, que essas salas tavam tudo desocupada, então as banquinha deles ficaram aqui em cima. Então claro que trabalhavam meia boca né, 70%, 50% só, entendeu? Aí quando terminaram a reforma, aí desceram pros seus lugares, né, lógico. E nós, nós ficamos trabalhando lá em baixo, nós não subimos aqui pra cima. Só subimo aqui pra cima quando terminou as obra lá em baixo, aí nós subimo aqui pra cima. Nós ficamos lá num cantinho trabalhando.

A trajetória de trabalho de Seu Jenecy elucida novamente a importância das redes sociais (Bott, 1976) e mais ainda das redes informais (Lomnitz, 2009) para o ingresso bem sucedido na profissão de barbeiro. No caso de Seu Jenecy, os laços sociais que possuía com os trabalhadores do mercado desde o tempo em que trabalhava na Ferragem Franzen na Rua Voluntários da Pátria foram essenciais no sentido de constituir uma clientela que possibilitou ao jovem barbeiro se manter de forma bem sucedida em um novo espaço de trabalho: o Centro de Porto Alegre. Hoje o barbeiro busca, a partir dessas relações que constituem o seu “capital social” (Bourdieu, 1998), inserir seu filho na mesma profissão, fato que só confirma a dedicação e o orgulho com que Seu Jenecy exerce seu ofício há quase 40 anos.

Concluo, portanto, este tópico sobre a trajetória de Seu Jenecy com um trecho de meu diário de campo escrito após uma de minhas últimas visitas à Barbearia Central.

O verão chegou e uma tarde ensolarada convida a um passeio pelo centro de Porto Alegre. Assim como as contas atrasadas, possíveis apenas de

serem pagas em bancos bastante específicos que não encontro perto de casa. Então fui ao centro nesta sexta-feira e, na volta para casa, resolvi fazer uma parada despretensiosa na barbearia de seu Jenecy no Mercado Público. Por muita sorte encontrei seu Jenecy em um momento raro: acabava de cortar o cabelo de um cliente e não havia ninguém na fila de espera. Sentei-me peguei o jornal e fiquei lendo enquanto o barbeiro terminava. De vez em quando trocávamos algumas palavras. No corte de cabelo, há momentos em que o barbeiro fala, conversa, interage na sociabilidade da barbearia e há momentos em que sua atenção completa é requerida para a operação que executa. No segundo caso geralmente está o momento em que se faz o “pezinho”, isto é, o contorno do cabelo que segue por cima das orelhas descendo pelo pescoço. A ferramenta responsável por tal movimento é o navalhete, no qual a lâmina tem contato direto com a pele. A mão precisa estar firme, porém sem força. O mais importante é o “ter jeito”, diz seu Jenecy. Trata-se de uma operação delicada, em que um movimento em falso do barbeiro – ou do próprio cliente – pode resultar em um corte profundo.

Quando terminou de cortar o cabelo do cliente, seu Jenecy sentou-se ao meu lado e eu lhe contei que estava transcrevendo as entrevistas que nós havíamos gravado. Foi então que ele disse que esse trabalho era muito importante para ele e disse que tinha um álbum escondido em sua casa, um álbum que ninguém conhecia em que ele havia escrito a sua própria história desde criança. Seu Jenecy então revelou passagens de sua trajetória – que posso chamar de uma trajetória de trabalho, pois o trabalho esteve presente na sua vida desde muito cedo – que não haviam entrado nas entrevistas que realizamos. Conta o barbeiro que nasceu em Arado, uma localidade próxima ao Belém Novo onde seu pai morava em uma cabana, em um local que ele descreve como “só mato”. Aos seis anos de idade o menino Jenecy já trabalhava, andando todo dia por três quilômetros pela beira da praia com uma lata de leite em cada mão para serem entregues no Belém Novo. Seu Jenecy lembra que quando fez oito anos saiu de Arado para ir morar com os seus padrinhos no Belém Novo. Esses padrinhos tinham um bar, onde seu Jenecy passou a trabalhar. Conta ele que moravam em um local onde não havia água por perto. Portanto, o pequeno Jenecy tinha que carregar água de longe para abastecer uma obra de alvenaria que os padrinhos mantinham. Trabalhou no bar dos padrinhos até os 18 anos, quando foi para o exército. “Sem ganhar um centavo”, fez questão de frisar o barbeiro. Ao que me pareceu na narrativa de seu Jenecy, os padrinhos fechavam e abriam negócios com certa frequência. Por esta razão, seu Jenecy tem essa trajetória toda documentada em fotos, pois a cada vez que os padrinhos abriam um novo bar, uma foto era tirada para marcar a ocasião. Daí a simpatia que seu Jenecy tem pelas fotos do trabalho e a importância que ele confere para o registro fotográfico de sua trajetória. E este retorno da memória de Jenecy à sua infância vem corroborar o seu sucesso como profissional e o reconhecimento desse sucesso que representam iniciativas como meu trabalho e outras publicações, a exemplo do Jornal do Mercado onde o barbeiro também apareceu há pouco tempo na secção “Personagens do Mercado”.

4.2.3. Sidney

No Salão Degand, o profissional de quem mais me aproximei foi Sidney, a ponto de gravar duas entrevistas com o barbeiro no salão onde este trabalha. Morador da cidade de Viamão na região metropolitana de Porto Alegre, Sidney trabalha de segunda a sábado, saindo de sua casa às 7:30 da manhã para chegar no salão Degand por volta das 9:00. Estaciona o seu carro no largo na Praça Zumbi dos Palmares no bairro da Cidade Baixa – próximo onde fica o salão onde sua esposa trabalha como cabeleireira – e vai caminhando até a Rua Acelyno de Carvalho, onde fica a barbearia em que trabalha. No fim do dia faz o percurso inverso para voltar à sua morada.



Esta mesma imagem do deslocamento de Viamão até Porto Alegre se faz presente quando o barbeiro relembra a barbearia de seu pai no afastado bairro de Santa Isabel, local onde a família de Sidney foi morar quando chegou de Santa Cruz do Sul.

Naquela época, quando o pai começou lá era tudo chão batido. Ali era... tinha um ônibus só quando a gente foi pra lá. Acredita nisso? Ele vinha de manhã, trazia o pessoal e depois de noite, era uma viagem pra ir e outra pra voltar. Inclusive a lomba do sabão ali também era tudo chão batido. Aí na época trabalhava bastante porque não tinha salão, né, não tinha barbearia.

A barbearia de Santa Isabel foi o lugar onde Sidney aprendeu a fazer barbas e cortar cabelos, sempre sob a supervisão de seu pai. As memórias de Sidney sobre esse espaço que mescla o familiar e o laboral se encontram atreladas às narrativas do barbeiro sobre sua trajetória de trabalho:

Pedro: Como é que era lá na barbearia do teu pai?

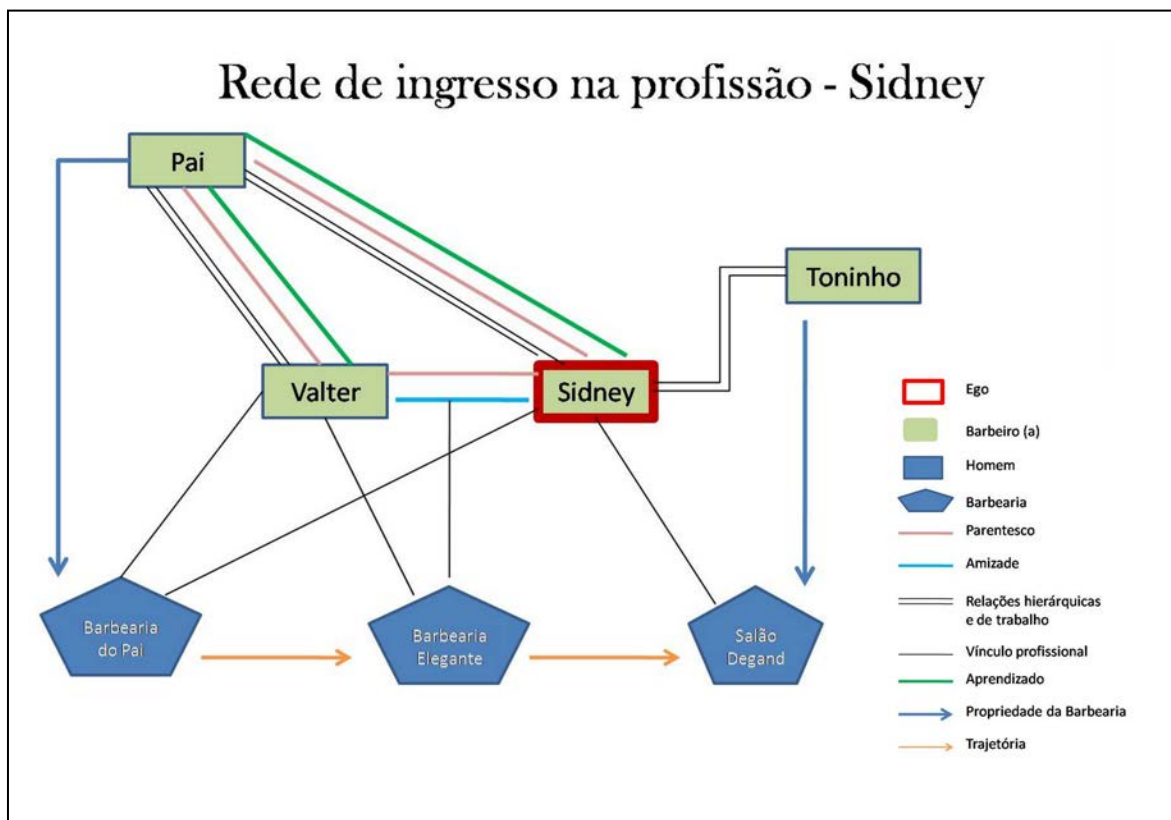
Sidney: Ah, lá era uma barbearia mais simples assim, tinha só cortar cabelo e mais nada. Não usava, na época ele não usava secador, né, não tinha nada demais, era uma barbearia bem simples assim. Trabalhava bastante! Mas era cortar cabelo. Na época era máquina manual ainda, nem elétrica. Se chegasse lá com o cabelo molhado ele esperava secar o cabelo pra cortar com a máquina. E era bem trabalhado, trabalhava bastante. O pai fazia jogo de bicho né, aí ele pagava um pra ficar fazendo, porque ele não tinha tempo de ficar fazendo, ele trabalhava direto. [...].

Pedro: E era só ele como barbeiro?

Sidney: Na maior parte do tempo sim, né, depois o Valter trabalhou um tempo com ele, que aprendeu com ele também, né, aí ficou trabalhando lá. Depois eu vi outro barbeiro mais antigo, o Deolício, foi trabalhar com ele lá, aí no mais era isso assim. Até que ele parou. Aí quando ele parou ele largou pra mim. Eu trabalhei lá também, eu trabalhei dos 14 anos até os 18. Aí fui pro exército. Do exército eu vim pra cá.

O relativo isolamento do bairro de Santa Isabel em Viamão e a falta de lugares onde as pessoas pudessem cortar cabelo no local imprimiam um volume de trabalho considerável ao pai de Sidney. Ao mesmo tempo, a rítmica com que esse trabalho era executado no cotidiano do bairro permitia que os clientes esperassem até que seus cabelos estivessem secos para serem cortados. Quando diz “do exército eu vim pra cá”, Sidney não se refere propriamente ao Salão Degand onde hoje trabalha, mas à região central de Porto

Alegre, cuja dinâmica contrasta com a do bucólico salão onde Sidney passou sua infância e juventude.



A pessoa chamada Valter a quem se refere Sidney em sua narrativa é o mesmo Valter que trabalha há quase 40 anos na Barbearia Elegante e que é casado com a irmã de Sidney. Trabalhando já há certo tempo na Barbearia Elegante e sendo então o “gerente” do salão, é bastante provável que Valter tenha influenciado na admissão do jovem Sidney como profissional na Barbearia Elegante depois que este retornou do exército. Assim, Sidney ainda chegou a trabalhar três anos na Elegante antes de mudar-se para o Salão Degand. De todo modo, observa-se as redes sociais solidárias ligadas à prática da profissão de barbeiro agindo novamente tanto nos processos de aprendizado do ofício, quanto na admissão nos locais de trabalho. Entretanto, na trajetória de Sidney o aprendizado institucionalizado em instituições como o SENAC é substituído pelo aprendizado junto ao pai, um profissional da área.

4.2.4. Rubens

O sempre gentil e bem-humorado Seu Rubens (72 anos) exerce a profissão de barbeiro há aproximadamente 58 anos. Há pouco tempo tornou-se proprietário – em sociedade com seu colega de trabalho Bráulio – da Barbearia Elite no bairro Rio Branco. No entanto, a relação de Seu Rubens com este bairro remonta a tempos anteriores ao seu ingresso na Barbearia Elite, quando ainda era um aprendiz na barbearia onde seu pai e seu avô trabalhavam. Seu Rubens ainda guarda o endereço onde aprendeu seu ofício: “Era aqui na Mariante, antigamente Perimetral. Era no 524”. Conforme o barbeiro conta:

Eu comecei trabalhando com o meu pai, com o meu avô com treze anos. Daí eu fui evoluindo, fui comprando salão, fui vendendo salão e hoje eu estou aqui...

E eles eram barbeiros?

Eles eram barbeiros, todos os dois eram barbeiros. Eles tinham um salão: dois pais, dois filhos, um neto e um avô, seis pessoas, entendeu?

E o que o senhor fazia no salão com essa idade de treze anos?

Não, eu já era barbeiro! Já era barbeiro, como quatorze anos eu já era barbeiro formado! Porque eu comecei com treze anos. O meu pai sofreu um acidente e cortou o pulso. Ele não pôde mais, ele não pôde trabalhar por muito tempo. E aí eu tive que assumir o posto do meu pai. Eu disse “não, eu vou trabalhar!”. Aí foi! Aí depois ele ficou bom, continuou trabalhar e continuou nós três trabalhando. Uns bons cinquenta e quatro, cinquenta e cinco anos, essa é a média que eu levei pra chegar até aqui. Eu tô com setenta e um anos, comecei com treze, tô com cinquenta e oito anos de profissão!

Ao rememorar o início de sua trajetória profissional, Seu Rubens lança mão de uma narrativa, em certo sentido, heróica. O tema da enfermidade do pai, fazendo com que o jovem Rubens tome a decisão de seguir sua vocação mais cedo do que talvez teria feito em circunstâncias diferentes, aproxima este relato da narrativa de Seu Renato exposta anteriormente quanto ao seu caráter “iniciático”. A frase “não, eu vou trabalhar!” assumida por sua “identidade narrativa” (Eckert e Rocha, 2010) no momento da entrevista aparece como o momento chave em que o menino se converte à profissão. Ao mesmo tempo, assumir a responsabilidade de ocupar o posto do pai na barbearia simboliza a entrada na idade adulta para o jovem Rubens.

Outro elemento marcante na rede de relações que marca a trajetória de trabalho de Seu Rubens é a profissão que sua avó exercia. Este assunto veio à tona enquanto o barbeiro conversava com Roberto, um dos habitués da barbearia e morador do Bairro Rio Branco.

Rubens: Pois tu vê, a minha avó foi a primeira massagista de Porto Alegre.

Cliente: Massagista?

Massagista! Minha avó foi a primeira massagista de Porto Alegre. O Dr. Leite, quando foi diretor do pronto socorro, qualquer coisa que ele via, ele dizia: “Vai lá com a Perina, vai lá com a Perina”. E aí a velha resolvia os problemas

Cliente: eu vi jogadores, jogadores chegavam ali pra serem atendidos...

Rubens: Ah é! O Salvador, o Salvador, aquele, tinha um braço duro. Sim. Ela fez ele ficar normalmente. Fez sessenta massagens nele e nesse tempo ele pertencia ao Pão dos Pobres. Ele era do Pão dos Pobres, foi criado no Pão dos Pobres. Minha irmã tem até hoje o aparelho que a minha avó fez pra levantar peso. Fez uma caixinha com uma alça. Então ele primeiro começou com a caixa vazia a fazer exercício. Aí foi subindo. Começaram a botar areia naquela caixa. Depois foram botando pedra naquela caixa. E depois como fim, eles botavam aqueles pesos de armazém, de ferro, botavam pra ele levantar. Aí quando botou uns cinco quilos aí ele já tava bom.

Não só o avô e o pai eram de Rubens eram barbeiros, como sua avó era massagista. Esta realizava um trabalho que muito se assemelha, pelo que pude entender a partir da conversa que gravei, à fisioterapia ou à terapia ocupacional dos dias de hoje, uma vez que a senhora trabalhava a reabilitação física de seus “pacientes”. Fica então evidente que Seu Rubens pertence a uma linhagem familiar de profissionais que trabalham com cuidados com o corpo de seus clientes, o que permite vislumbrar a profissão de barbeiro de maneira diferente, isto é, como parte de um conjunto de práticas e técnicas que visam o “cuidado de si” (Foucault, 1985).

Assim, da mesma forma que Sidney, Seu Rubens aprendeu o ofício de barbeiro no interior da família, afirmando que nunca participou de um curso profissionalizante do SENAC ou de outra instituição. Quando lhe perguntei como havia aprendido a profissão que exerce até hoje, a questão lhe pareceu óbvia e Seu Rubens a respondeu com educação, mas sem muita paciência:

Aprendi com o meu pai e com meu avô, mais com o meu avô que com meu pai, o meu pai tava inutilizado do braço e não podia trabalhar, né. Ficou

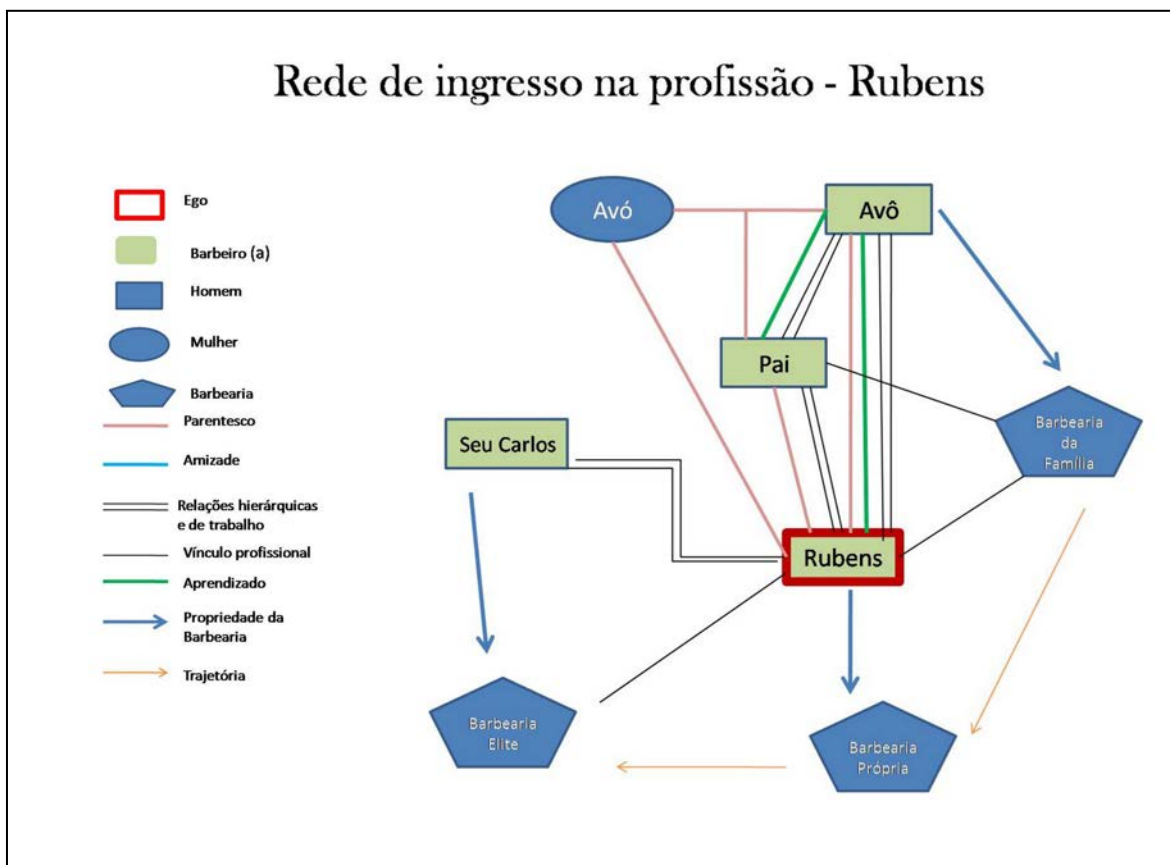
assim, mais de um ano parado, né, eu é que assumi. Eu trabalhava oito horas por dia.

De fato, onde a pergunta hoje em dia parece mesmo óbvia diante do que percebi ao longo da etnografia buscando as redes de inserção de meus interlocutores na profissão. Aprender o ofício junto à família livra o jovem iniciante do ônus que representa o investimento em um curso profissionalizante. Mas não se trata apenas disso. Como o próprio Renato já avaliou, a formação no SENAC tem um peso relativo quando comparada à vivência cotidiana na profissão, quando o barbeiro aprende realmente os improvisos, os atalhos, as minúcias e as técnicas mais adequadas para lidar com diferentes tipos de cabelos e barbas e rostos. No entanto, se fazer um curso de alguns meses no SENAC pode ser de grande ajuda na legitimação do profissional que entra no mercado de trabalho, então que papel legitimador não terá diante de seus colegas de trabalho, dos clientes e do dono da barbearia – se este for o caso – o fato de um jovem aspirante a barbeiro ter nascido, se criado e aprendido um “saber-fazer” (Chevalier, 1991) na barbearia de sua família?

Houve, no entanto, um momento na trajetória de Seu Rubens em que sua família já não estava mais presente. No entanto, o “saber-fazer” que lhe foi ensinado permitiu que seguisse sua trajetória e sustentasse sua família. Quando lhe perguntei sobre o salão do qual foi proprietário no bairro Morro Santana, Seu Rubens respondeu:

Lá eu trabalhei sozinho, o salão era só meu. Já não tinha mais meu avô. Meu pai também já não tinha mais. Aí eu tive que fazer a vida sozinho, meter o pescoço. Depois do Morro Santana eu fui pro Paraná, trabalhei no Paraná mas não deu certo o Paraná não... Ficava muito longe da família e tudo, mesmo quando eu fui com a mulher, mas não dava certo. Aí vim pra Porto Alegre de novo. Aí vim trabalhar nesse salão. Nesse salão, mas era na Fernandes Vieira. Aí eu trabalhei lá 29 anos, 30, por aí. Aí aqui ficou mais 5.

Ao voltar do Paraná, Seu Rubens ingressou na Barbearia Elite, que era situada no Bairro do Bom fim mudou-se há cinco anos para o Rio Branco. Assim, o barbeiro encerra uma espécie de ciclo em sua trajetória profissional, voltando a trabalhar a poucas quadras da antiga barbearia de seu avô, onde hoje existe um prédio que, embora de construção recente, parece estar abandonado.



Entre um corte de cabelo e outro que o barbeiro fazia durante uma das tardes em que eu estive no salão, conduzíamos a entrevista. Quando achou que esta devia ser encerrada, Seu Rubens concluiu sua *performance* de um modo que resumiu e ratificou sua trajetória em relação à importância que a profissão de barbeiro teve na sua vida: “E é isso aí. Foi tudo na base da tesoura!”.

4.2.5. Francisco

O barbeiro “Chico”, como é conhecido no bairro, é o proprietário e o único profissional a trabalhar na Barbearia Líder. O estabelecimento é localizado no bairro do Bom Fim, na Rua João Telles bastante próximo à Avenida Oswaldo Aranha. Trata-se de uma pequena peça de fachada pintada de branco que contrasta com o roxo do prédio que a envolve e abriga o Bar Ocidente, uma tradicional danceteria/casa de shows portoalegrense. Seu Francisco mora na cidade de Viamão e vem a Porto Alegre para atender seus clientes

na barbearia Líder até mesmo nos domingos, dia em que o barbeiro só trabalha pela parte da manhã.



Assim como foi o caso de outros interlocutores desta pesquisa, a trajetória de trabalho de Seu Francisco foi marcada pelo deslocamento do seu bairro de origem – para Chico a cidade de origem – em direção à região central de Porto Alegre. Ao narrar sua mudança para um salão localizado no Bairro do Bom Fim (ele foi colega de trabalho de Seu Rubens durante muitos anos na Barbearia Elite), Seu Francisco trouxe à tona os percalços e dilemas que acompanharam esse deslocamento:

Trabalhei um ano no Partenon. Aí eu consegui com um amigo meu que era do exército, que tinha um senhor que era barbeiro aí no Colégio Militar e mandou eu ir aí pra ver se eu conseguiria um emprego de barbeiro aí no Colégio Militar. Entendeu? Eu não me lembro o nome do barbeiro, era o Seu... E aí eu conversei com o senhor, com esse barbeiro, e aí ele me olhou e disse: “Olha, tu não tem jeito de barbeiro! Quanto tempo tu trabalha de barbeiro?” Aí eu falei: “Já tô há quatro anos”. “Ah, então tu vai aprender mais então, pra depois tu vir aqui!” Seu Jacinto! Trabalhava no colégio militar. Aí: “Vai aprender mais e depois tu vem aqui”. “Tá, tudo bem”. Aí passado um mês mais ou menos, eu trabalhando ali na Barão do Rio Amazonas, já tinha uma clientela mais ou menos em pouco tempo, né, aí chegou uma senhora lá que queria falar comigo. Mandou o filho dela falar comigo. Aí ele me falou tudo, que o marido dela tinha uma barbearia na Fernandes Vieira e perguntou se eu não queria ir trabalhar pra ele aqui. Aí eu disse pra ela que eu não tinha condições de trabalhar no Centro, que eu

ainda era novo, que não era bom ainda. Mas ela insistiu, disse: “Vai lá, vai lá, que tu acerta com ele!”

Seu Francisco parece operar de maneira diferente a oposição Bairro/Centro em Porto Alegre, pois quando eu chamo seu estabelecimento de barbearia “de Bairro” por estar localizada no Bom Fim, ele se refere a este mesmo espaço como “Centro”. Desta vez, a partir da narrativa do barbeiro, fica evidente o quanto “trabalhar no Centro” é indicativo da consolidação profissional do barbeiro, uma vez que ele mesmo afirmou: “Eu não tinha condições de trabalhar no Centro, que eu ainda era novo, que não era bom ainda”.

É certo que ser “bom” significa, por um lado, dominar com perícia um “saber-fazer”. Por outro, ser “bom” também implica na capacidade de manejar as relações com os clientes, cultivar laços sociais através das “artes de dizer” (De Certeau, 1994) e de ouvir, de modo formar uma clientela fiel e ser capaz deste feito mesmo quando há bons profissionais trabalhando no mesmo espaço ou na barbearia vizinha. Nesse sentido, cumpre ressaltar que, quanto mais nos aproximamos do Centro, maior é a concentração de barbearias por quarteirão em Porto Alegre [Pasta “Ritmos temporais” – “Vista panorâmica”]. Portanto, Seu Francisco define: “O barbeiro bom é aquele que acerta o cabelo do cliente, não adianta saber cortar!”

O aprendizado de Chico se deu de forma diferenciada em relação aos outros interlocutores desta pesquisa. Suas redes de relações o levaram para fora do estado do Rio Grande do Sul, como o barbeiro conta:

Francisco: Eu tinha um tio meu que trabalhava na Marinha Mercante e ele era muito meu amigo, entendeu? Então ele passou aqui no Sul de viagem, vinha vindo do Norte. E ele viu que eu não ia bem no que eu fazia e me propôs me levar pro Rio [de Janeiro] pra eu aprender a profissão de barbeiro. Perguntou se eu aprenderia: “Claro que aprendo!”. E aí eu fui com ele. Fiquei um ano, um ano e pouco em Nova Iguaçu. E lá eu aprendi, lá eu me tornei barbeiro. Eu tinha dezenove anos. Aí eu fiquei lá um ano e vim embora, vim pra Rio Grande, que eu sou de Rio Grande. E de Rio Grande eu vim pra cá. Trabalhei um ano em Rio Grande como barbeiro e depois vim pra cá. Tô há quarenta e quatro anos em Porto Alegre, aliás, há quarenta e cinco. Quarenta e quatro no Bom Fim, trabalhando aqui.

Pedro: E porque que o senhor foi pra Nova Iguaçu, não tinha curso aqui?

Francisco: Tinha Curso aqui. Não, eu trabalhava em Rio Grande e em Rio Grande não tinha curso. E o meu tio, ele me levou pra aprender com um

profissional mesmo! Tinha um amigo dele em Nova Iguaçu e aí eu fui pra lá pro salão dele pra aprender, né.

Seu Francisco não tinha familiares que exerciam a profissão de barbeiro e nem fez um curso profissionalizante de qualquer tipo. No entanto, beneficiou-se nos laços de amizade que o tio possuía com um barbeiro dono de salão na cidade de Nova Iguaçu. Assim, o curso de Chico foi “particular”, como ele afirmou uma vez. O salão de Seu João, onde Chico se tornou barbeiro, parecia ser um local reconhecido por formar profissionais, pois segundo Seu Francisco, vários barbeiros iniciantes já haviam sido treinados naquela barbearia. No entanto, em Nova Iguaçu ele havia vencido apenas uma etapa no seu processo de estabilização na profissão de barbeiro. Quando mudou-se de Rio Grande para Porto Alegre após ter trabalhado apenas um ano como barbeiro em sua cidade natal, foi um desafio para Seu Francisco inserir-se em uma barbearia na capital. O trecho de entrevista a seguir mostra parte desse processo:

Pedro: Quando o senhor veio pra cá foi difícil encontrar lugar pra trabalhar aqui?

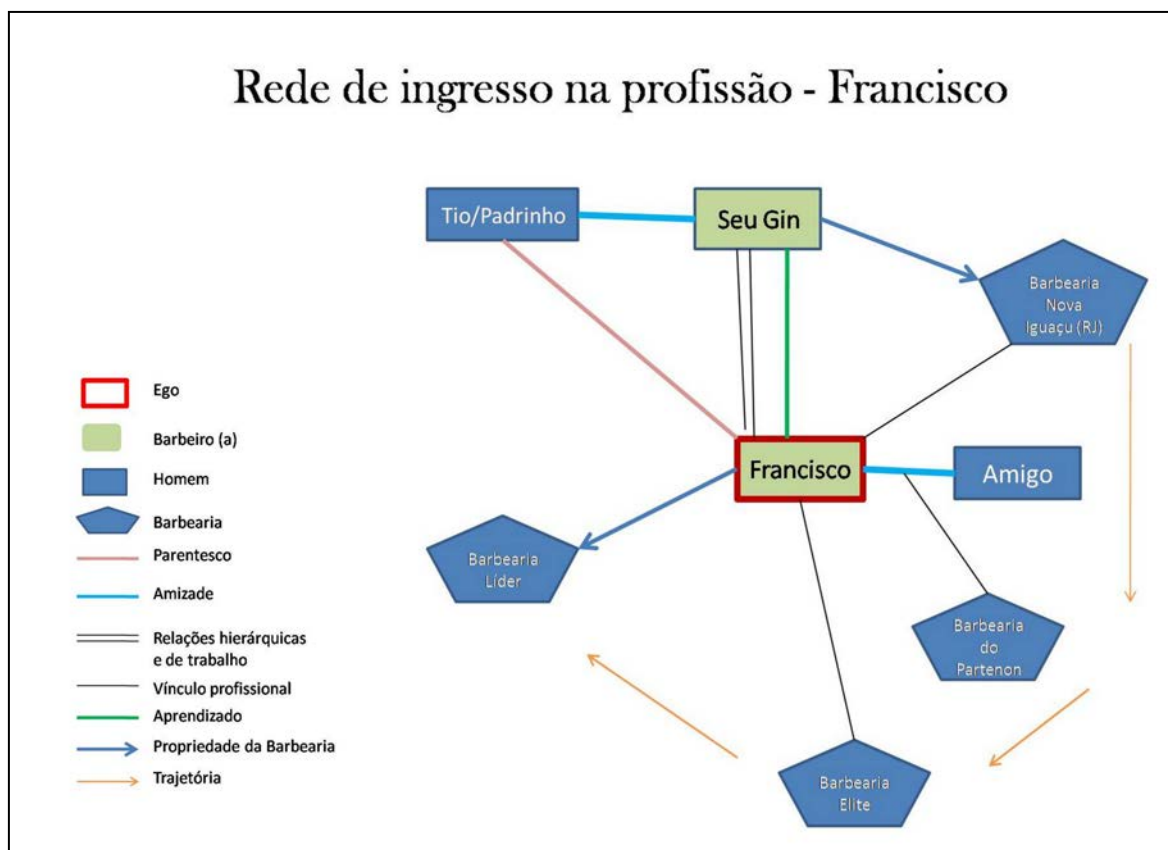
Francisco: Ah, no primeiro sempre foi. Passei acho que um mês parado. Aí foi que eu consegui, por intermédio de um amigo meu. Eu vim morar no Partenon. Aí lá eu conheci um amigo meu, uma pessoa lá que tornou-se meu amigo e consegui um emprego de barbeiro lá no Partenon. Ali na Bento Gonçalves com a Barão do Amazonas, onde era antigamente o restaurante Rancho Poletto. Aí fui trabalhar lá.

O restante desta narrativa que culmina na chegada de Seu Francisco na Barbearia Elite no Bom Fim já foi exposto acima. Hoje o barbeiro mantém a Barbearia Líder sozinho, mas já teve companhia por um tempo em seu local de trabalho. A cadeira sempre vazia ao lado da sua evoca Jorge, um jovem profissional com quem Seu Francisco dividiu o espaço de sua barbearia. Durante a entrevista que me concedeu em um sábado de manhã na sua barbearia, Chico lembrou a época em que Jorge trabalhou na Barbearia Líder:

Tinha um rapaz que trabalhou comigo aqui, que um barbeiro ali que trabalhou comigo na Fernandes Vieira me indicou ele, o Jorge. Eu tava aqui no hospital, o Jorge foi lá, conversamos, perguntei se ele era barbeiro mesmo: “Sou!”. “Faz barba?” “Faço!”. Então eu falei pra ele: “Fica lá, arruma lá, trabalha lá.” Era maio. Aí eu falei pra ele: “Vai, que em julho, maio, junho, julho, em julho eu volto!” Aí fiz o tratamento bem e em julho eu voltei. Aí um dia de semana eu tava em casa e aí tava enchendo o saco

da patroa e ela disse: “Olha, no sábado nós vamos sair!” “Onde é que nós vamos?” “Nós vamos lá no Waltinho”. Aí quando chegou sábado eu já vim pensando que se desse certo o passeio eu ia falar com o Jorge que era pra mim voltar. Aí eu cheguei aqui e nós conversamos, conversamos e eu disse pra ele: “Olha, a partir dessa semana se eu quiser eu já venho aí, mas não pra trabalhar, mas venho aí”. Aí quando deu segunda feira, me preparei e vim. Vim, vim direitinho, sem medo, entendeu? E continuei vindo. E quando eu cheguei aqui ele disse: “Olha Chico, tem um problema aí... eu não sei fazer barba!” Eu disse: “Tá, mas e daí, o quê que tu queres que eu faça? Tu vai aprender agora. Agora tu vai aprender!” Aí ele veio, passei as instruções pra ele. E tu sabe que ele passou a fazer barba melhor do que eu? Fazia barba melhor que eu! Me tirou freguês de barba e tudo mais, quando ele aprendeu comigo! Aí depois já virou a cabeça, já queria fazer chave, aprender a ser chaveiro, aí não deu certo. Trabalhou um tempo comigo aí, aprendeu a fazer chave também, mas já não deu certo. Já queria fazer chave e cortar cabelo tudo ao mesmo tempo! Ou uma coisa ou outra! Aí ele foi pra chave. E depois largou, largou a chave, largou a barbearia, largou tudo, não quis mais nada. Mas era bom o rapaz. E eu ajudei ele, bah!

No momento da entrevista, ao narrar a maneira como havia ajudado o pupilo, a voz de Seu Francisco deixou escapar uma ponta de orgulho e satisfação pelo fato de o barbeiro ter tido a oportunidade, no decorrer de sua vida, de ajudar alguém da mesma maneira que foi ajudado por seu tio/padrinho e pelo barbeiro Gin, com quem aprendeu os saberes e fazeres que transmitiu a Jorge. A lembrança de Jorge aparece nítida e relevante na trajetória de trabalho de seu Francisco porque está ligada a um momento de ruptura e superação na vida do barbeiro. A doença que lhe acometera – deixando-o internado no Hospital de Clínicas onde recebeu a visita de Jorge – havia sido um acidente vascular cerebral que atingiu principalmente as suas pernas. Ora, o barbeiro trabalha com as mãos e – sobretudo – com os olhos, mas precisa manter-se de pé por bastante tempo durante sua jornada de trabalho. Como Seu Francisco conta, seu retorno à barbearia foi gradual e pôde sê-lo porque Jorge estava cuidando de seu patrimônio ao trabalhar na Líder enquanto o dono do salão estava recobrando sua saúde.



Hoje Chico parece recuperado de seu “derrame”. Muitas vezes encontro-o no caminho para a Lancheria do Parque, cumprimento-o e observo-o caminhando ainda com certa dificuldade. Na rua ele parece apenas um senhor idoso entre os muitos que dominam as calçadas do Bom Fim. Na barbearia, porém, ele rejuvenesce, conversando e trabalhando às vezes até as sete da noite. Enfim, o segredo da saúde de Seu Francisco parece ser a sua barbearia, aonde ele vai receber suas doses diárias de trabalho até mesmo aos domingos.

4.3. As mulheres

4.3.1. Geci

Quando retornei à Barbearia Elegante decidido a realizar uma pesquisa sobre os salões de barbeiros de Porto Alegre, surpreendi-me ao encontrar uma mulher atuando em uma profissão considerada essencialmente masculina como a de barbeiro. Em meus passeios pelo centro já havia identificado mulheres trabalhando nas barbearias como

manicures, cabeleireiras ou esteticistas. Mas Dona Geci (73 anos) era barbeira há bastante tempo e se identificava como tal. Nesta ocasião, Dona Geci cortou meu cabelo e assim o fez sucessivamente até sua aposentadoria no primeiro semestre de 2011.

O trecho de diário de campo que segue mostra uma de minhas primeiras aproximações ao universo das barbearias de Porto Alegre, quando Dona Geci tornou-se definitivamente minha barbeira:

Espero que o PPGAS se responsabilize por gastos médicos, pois hoje quase perdi uma orelha fazendo trabalho de campo. Quando cheguei à barbearia, hoje pelas 11 da manhã, Dona Geci imediatamente me reconheceu, embora minha última visita à Barbearia Elegante tenha ocorrido em meados do mês de julho. Um outro barbeiro se apressou em me atender, mas tive que dizer: “obrigado, mas vim cortar cabelo com a Dona Geci”. Toda faceira, Dona Geci me acompanhou até sua poltrona (a mais próxima da porta de entrada da barbearia) e eu disse que queria meu cabelo como da vez passada.

Acho Dona Geci uma personagem bastante interessante. Tem setenta e poucos anos, como me falou. Está sempre muito elegante e tem um ar sedutor que parece intrínseco à sua personalidade. Fala e não completa as frases, faz insinuações e piscadelas solicitando a minha cumplicidade. Das duas vezes em que a vi ela usava uma boina preta de croché e estava com as unhas feitas. Hoje ela vestia-se toda de preto tinha uma manta de tecido dourado em volta do pescoço. Usa bastante maquiagem e tem uma pinta cuidadosamente desenhada abaixo do olho esquerdo.

Ela começa a cortar meu cabelo. Primeiro com a máquina, pelos lados. Terminadas as laterais, a barbeira faz o ‘pé’, ou seja, contorna as áreas próximas ao pescoço e às orelhas com a navalha. Neste momento eu quase perco uma orelha quando a lâmina escorrega da mão de Dona Geci. Eu solto um ‘ai!’ e ela brinca: ‘Não vai chorar, não foi nada, olha só!’. Rapidamente ela pega sua colônia – carregada de álcool – molha seus dedos e os passa no local ferido pela navalha, ‘nem valeu a pena chorar, tá vendo?’. Quando termina de fazer o ‘pé’, ela passa a colônia no meu pescoço. Arde um pouco e vai arder de novo quando eu tomar banho, pois não estou acostumado com a lâmina da navalha.



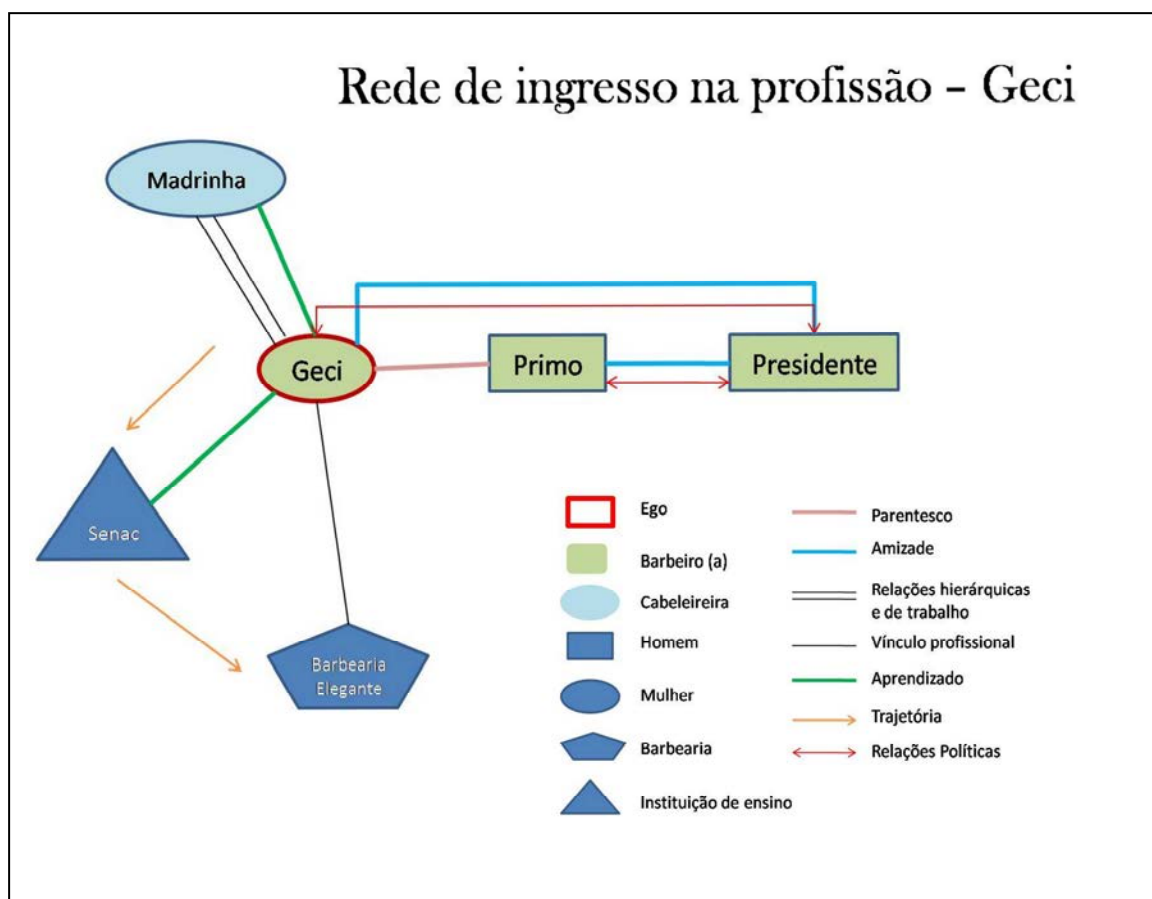
Solícita sempre que pedia para fotografá-la trabalhando, gentil e receptiva para um bom bate-papo, Dona Geci era reticente em relação a falar sobre sua trajetória. Na única entrevista que me concedeu, fez questão para que fôssemos para o lado de fora da barbearia. Ali o som de sua voz frágil mal se sobrepunha ao ruído dos carros e ônibus que cruzavam Avenida Borges de Medeiros. A entrevista foi cronometrada pela duração do cigarro que a barbeira fumou. Ela não queria ser entrevistada. Dessa forma, o pouco que sei sobre Dona Geci é o que chegou a mim por meio de conversas informais com a barbeira e pelas fofocas que ouvia no cotidiano da barbearia. No entanto, um dos poucos trechos recuperados da referida entrevista revelam aspectos interessantes da trajetória da barbeira. Assim, Dona Geci contou como começou na profissão:

Na profissão eu comecei com treze anos. Trabalhava numa casa de família e ela [a patroa] era cabeleireira. Quando eu terminava de fazer o serviço, era o trato: aí eu ficava olhando ela trabalhar. Aí passei um tempo, casei, vim pra Porto Alegre. E fazia uns dez anos que eu tava em Porto Alegre. Eu morava em Santa Cruz do Sul. Aí fui indo cada vez mais e passei a manicure. Fui manicure por uns vinte anos. Aí achei que manicure num tava, num tava mais bom de trabalhar que cabeleireiro, aí parei.

Como Dona Geci assinalou, começou sua carreira profissional na Barbearia Elegante como manicure ao seguir um anúncio de jornal que solicitava uma profissional desta área. Embora já soubesse cortar cabelos desde os trezes anos de idade, seu ingresso na barbearia elegante se dá conforme a hierarquia e a divisão de gênero do trabalho naquele espaço. Segundo a interlocutora, conseguiu chegar a barbeira devido à ação de um primo que também era barbeiro – assim como um de seus tios – e conhecia o presidente do sindicato da categoria na época. Assim, Dona Geci faz um curso profissionalizante de barbeiro no SENAC e é admitida na categoria graças à sua rede de relações composta por outros barbeiros e representantes políticos deste segmento profissional.

Mas uma das peculiaridades da rede de relações que possibilitou seu ingresso na profissão é a presença de uma figura feminina com quem Geci, aos treze anos, cultivou uma relação hierárquica de trabalho, mas também aprendizado: sua patroa que era cabeleireira. Esses laços de solidariedade feminina remetem – guardadas as especificidades regionais – às relações entre “madrinha” e “afilhada”, em que a patroa assume o papel de “madrinha” no sentido empregado por Luísa Dantas (2008) em seu trabalho sobre “crias de família”, isto é, meninas (em sua maioria) que se deslocam do interior do estado do Pará

para trabalharem informalmente fazendo serviços domésticos em uma casa de família em Belém. Porém, não nos esqueçamos de pensar esta figura da “madrinha” enquanto “madrinha de iniciação”, uma vez que apresenta e guia Geci através das artes de um ofício.



Em uma de nossas conversas eu lhe perguntei se os barbeiros homens que já trabalhavam no local não estranharam quando ela passou de manicure a barbeira do salão e ela me respondeu: “Eles não podiam fazer nada. Eu sempre me deu muito bem com o Ilson, ele sempre foi muito amigo meu”. Dona Geci referia-se a Ilson Schambeck, o dono do salão que é um médico bioquímico e quem já tive a oportunidade de conhecer. Portanto, além dos contatos políticos e familiares, a barbeira ainda tinha uma boa relação com o dono do estabelecimento, o que facilitou sua guinada profissional dentro do local de trabalho. Quando ela diz “eles não podiam fazer nada”, referindo-se aos colegas de trabalho, Dona Geci deixa entrever que sua mudança de profissão não se deu sem certa

dose de conflito, o que é compreensível: ao tornar-se barbeira, ela teria saído de uma profissão “feminina” como a de manicure para uma “masculina” que seria a de barbeiro, transcendendo a divisão sexual do trabalho e as hierarquias dos papéis sociais de gênero dentro da barbearia.

Mas o que faz do ofício de barbeiro uma “profissão masculina” a ponto de causar estranhamento a existência de uma mulher trabalhando como barbeira? O tópico seguinte – uma digressão, de certa forma – dá pistas para o esboço de uma resposta a esta pergunta. Além disso, procura lidar com várias questões que emergem a partir da trajetória de trabalho de Dona Geci.

4.3.2. Papéis sociais e papéis profissionais

Ainda há pouco, enfatizei que Dona Geci se autodeclarava barbeira porque percebi que não é rara a presença de mulheres em estabelecimentos como as barbearias do centro da cidade. Estas trabalham como manicures, esteticistas e às vezes cabeleireiras, integrando estes espaços que são vistos folcloricamente como essencialmente masculinos. Estas mulheres desempenham, na divisão social e na hierarquia das barbearias, papéis sociais femininos. Ao declarar-se uma barbeira, Dona Geci desafia a divisão do trabalho e a hierarquia da Barbearia Elegante tornando-se uma exceção nesse universo. Embora não seja a única barbeira a trabalhar na cidade – como tenho percebido em minhas observações em campo¹⁷ – ela realiza um trabalho que é tido como masculino e é destinado ao público masculino.

Diante desta situação de campo surgiram algumas questões que norteiam as reflexões que realizei em um *paper* escrito como requisito avaliativo para a disciplina “Antropologia das relações de gênero e da sexualidade” ministrada pela professora Dr.^a Fabíola Rohden. No referido trabalho eu buscava responder algumas perguntas que haviam surgido a partir do contato, em meu campo de pesquisa, com uma mulher que desempenhava um papel profissional usualmente associado a homens. Algumas dessas questões como, por exemplo, entender como a presença de Dona Geci na barbearia

¹⁷ Pude observar no Salão Fígaro, localizado na Rua General Câmara bem próximo à Rua da Praia e que não fez parte da etnografia que realizei em Porto Alegre, a presença de uma mulher que aparentava ter por volta de 35 anos trabalhando em meio aos homens do salão. Do lado de fora do salão, avistei-a de guarda-pó branco fazendo a barba de um cliente.

repercute entre os barbeiros do salão, foram tratadas no capítulo em que discuti sobre as formas de sociabilidade (Simmel, 2006) nas barbearias em que pesquisei. A trajetória de trabalho de Dona Geci também ajuda a compreender como se dá a inserção da barbeira em seu local de trabalho e de que forma sua formação profissional difere da de seus colegas. Agora, empenho-me em ponderar sobre de que maneira o fato de ser mulher incide sobre a atuação profissional de Dona Geci. Além disso, espero que a presença de uma barbeira em meio a tantos barbeiros possa ajudar a revelar aspectos do universo simbólico da profissão.

O senso comum associa o trabalho de barbeiro a uma atividade essencialmente masculina, voltada para o público masculino e constituidora de uma ambiência que engendra laços sociais (Maffesoli, 1987) e formas de sociabilidade (Simmel, 2006) praticadas entre homens na metrópole de Porto Alegre. Porém, o que fundamenta de fato esta profissão como sendo masculina? Haveria dois elementos articulados que contribuem para corroborar o caráter masculino da profissão de barbeiro. Em primeiro lugar, proximidade histórica com uma rede social formada por homens de ciência, conforme é evidenciado em trabalhos como os de Tânia Pimenta (1999) e Bethânia Figueiredo (1998). Em segundo, a circulação desses homens pelo que a antropóloga feminista Susan Okin (2008) especifica como a esfera pública, a qual se encontra em oposição ao âmbito doméstico.

Sobre o primeiro elemento, o trabalho da antropóloga da ciência Nelly Oudshoorn (1994) enfatiza a importância de examinar as redes sociais articuladas na produção de conhecimento científico. Nesse sentido, ao examinar a hierarquia do exercício de atividades ligadas à medicina no Brasil colônia¹⁸ – na Minas Gerais setecentista para Figueiredo (1999) e no Rio Janeiro para Pimenta (1998) – tem-se boticários e barbeiros como o mais baixo segmento de uma escala que era composta por médicos e cirurgiões (Figueiredo, 1999, p.256). Dessa forma, o barbeiro encontrava-se articulado dentro de uma rede de ofícios cujo mote principal era os cuidados com o corpo. Caracterizados como cirurgiões-barbeiros, muitas vezes executavam pequenos procedimentos cirúrgicos, já que os instrumentos utilizados por barbeiros e cirurgiões eram basicamente os mesmos (Pimenta, 1998, p.312). Embora o barbeiro não necessitasse de formação acadêmica como os cirurgiões propriamente ditos, seu trabalho estava vinculado ao ambiente de produção

¹⁸ Estas hierarquias que já eram observadas nas maneiras de exercer a profissão médica na Europa medieval.

de conhecimento científico, atividade essencialmente masculina até o século XX, conforme aponta Oudshoorn (1994, p.75).

Mesmo no século XX, a ciência configurou-se enquanto um projeto predominantemente masculino, o que pode refletir, conforme as proposições de Okin (2008), um maior afinamento historicamente construído dos homens com a esfera pública, lugar em que se desenvolvem as discussões científicas e as relações de trabalho. Para Okin, a distinção entre público e privado – que se desdobrará em uma diferenciação entre público e doméstico – está baseada em uma perspectiva masculina tradicional que pressupõe a existência de esferas generificadas da vida social. Desse modo, diferentes naturezas e diferentes papéis naturais de homens e mulheres ressoariam em aptidões sociais diferentes, sendo a esfera pública freqüentemente mais associada a atividades e valores masculinos, enquanto que o âmbito doméstico e a condição feminina se encontrariam naturalmente consubstanciados.

A idéia de que naturezas diferentes implicam o desempenho de papéis sociais distintos introduz a imagem paradoxal e ambígua da mulher sozinha no espaço público, imagem que espelha a barbeira Geci no exercício de seu papel profissional. O relacionamento de Dona Geci com alguns de seus clientes revela como, por vezes, os outros interpretam a presença de uma mulher trabalhando em meio aos homens dentro de uma barbearia. Em uma de minhas primeiras visitas, a barbeira contou-me que há muitos anos, um de seus clientes lhe propôs que fosse morar com ele em Belém do Pará, proposta que Dona Geci não aceitou. O fato de Dona Geci ser casada não inibia nem este e nem outros clientes de cortejarem a barbeira, o que parece acontecer até os dias de hoje. Com 72 anos, Dona Geci prefere atender os homens mais jovens. Quando lhe perguntei o porquê dessa preferência, ela me respondeu: “É que esses velhos ficam querendo me namorar!”. Nesses momentos em que a vaidade de Dona Geci se entrelaça com um sentimento de auto-preservação, ficam evidentes as táticas e estratégias (De Certeau, 1994) da barbeira para a conquista de seu espaço na Barbearia Elegante.

Em outra ocasião, quando Dona Geci havia acabado de cortar meu cabelo e fazer minha barba, passou colônia em meu pescoço e em meu rosto. Eu a elogiei dizendo que nunca havia sido tratado tão bem em uma barbearia. E então ela declarou: “A mulher sabe como agradar o homem.” Nesse momento, a oposição entre público e doméstico – nos

termos de Okin (2008) – sublimou-se totalmente na barbearia. Dona Geci havia transposto para um espaço público por excelência, o do trabalho, as virtudes privadas femininas referentes à intimidade do lar e a modelos de conjugalidade específicos em que, como a barbeira afirmou, “a mulher tá sempre pensando numa maneira de agradar o homem”. A fala da barbeira conduz a um giro interpretativo no que diz respeito a considerar a profissão de barbeiro enquanto um fazer masculino, pois para Dona Geci o que a destaca e a torna uma boa profissional nessa área dominada por homens é justamente o fato de ser mulher.

Opiniões como as de Dona Geci alinham-se com a perspectiva trazida no trabalho do sociólogo indiano Faizan Ahmed (2006). Este autor reflete sobre a construção de masculinidades entre barbeiros, cabeleireiros e esteticistas no contexto das metrópoles indianas, definindo seus interlocutores enquanto “homens que trabalham em salões de beleza”. Nesse sentido, a honra masculina (Pitt-Rivers, 1992; Fonseca, 2005) emerge como uma categoria relevante para compreender o universo dos barbeiros em Nova Dehli, uma vez que, para Ahmed, o trabalho em salões de Beleza na Índia – da mesma forma que em alguns contextos brasileiros – é tradicionalmente associado a atividades femininas, tais como o cuidado com a aparência e com o corpo¹⁹.

Isto pode ajudar a entender o porquê de a sexualidade²⁰ do barbeiro ser constantemente trazida à tona nas situações de sociabilidade e conflito (Simmel, 1983) na Barbearia Elegante, sendo ora reafirmada, ora questionada entre os barbeiros quando estes se referem uns aos outros. Como o leitor pôde conferir quando narrei a trajetória de trabalho de Seu Renato, este barbeiro problematizou – em uma espécie de mito de origem pessoal na profissão – o toque e o contato íntimo entre dois homens que a prática do ofício de barbeiro requer. Embora haja complicações relativas à presença de Dona Geci no espaço público da barbearia – o que a leva a preferir atender os clientes mais jovens ao invés dos mais velhos que a cortejam – nunca presenciei alguma forma de verbalização do tabu do toque da mulher barbeira no cliente homem. Ao contrário, a própria barbeira estigmatiza o trabalho de seus colegas. Uma vez, enquanto conversávamos do lado de fora

¹⁹ O trabalho de John Hobberman (2005) sobre o uso de hormônios como a testosterona indica, no ocidente, a dificuldade histórica das organizações de saúde em lidar com a falta de cuidado dos homens com a própria saúde e com seu corpo.

²⁰ Aqui a sexualidade é entendida enquanto “uma descrição geral para uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o que Michel Foucault denominou de “o corpo e seus prazeres” (Weeks, 1999, p.49)

da barbearia eu, ela e um amigo, Dona Geci teceu um comentário curioso a respeito de Seu Renato:

Dona Geci – O Renato é muito vaselina.

Pedro – Como assim, vaselina?

Dona Geci – Ele gosta de ficar alisando muito.

Este trecho de conversa revela algo sobre algumas concepções relativas à prática do ofício de barbeiro para homens e para mulheres. Mais uma vez, o fato de Dona Geci ser mulher lhe confere vantagem em relação aos colegas, pois a condição feminina lhe permite a prerrogativa de embelezar os homens e de transcender o tabu do toque a que estariam submetidos os barbeiros do sexo masculino. Para Seu Renato, “alisar cara de homem” é um problema aparentemente resolvido para o barbeiro em seu mito de origem no qual ele barbeia o pai doente. Porém, a fala de Dona Geci indica que esse problema é atualizado a cada vez que o homem barbeiro atende um cliente, configurando uma espécie de “mitopráxis”²¹ (Sahlins, 1990). Tocar no rosto do outro é preciso, mas deve sempre ser feito com moderação.

A inserção de Dona Geci na barbearia, assim como as suas repercussões no relacionamento desta com seus colegas de trabalho faz com que se revelem as ambigüidades, contradições e dilemas da profissão, principalmente no que diz respeito às relações de gênero no espaço de trabalho. Estas ambigüidades conduzem a profissão de barbeiro ou barbeira a uma zona liminar, onde papéis de gênero masculinos e o femininos se interpenetram, fazendo com que os sujeitos que trabalham na profissão – neste caso os homens – estejam constantemente reafirmando a sua sexualidade seja por meio de narrativas como a de Seu Renato, que revelam os dilemas de um jovem no momento da

²¹ Nas reflexões do antropólogo Marshall Sahlins (1990), o conceito de “mitopráxis” é utilizado para aproximar e criar diálogo entre dois conceitos que aparecem como antagônicos para a Antropologia Clássica: a Estrutura e a História. Tais conceitos são tratados como antagônicos porque o olhar estrutural sobre a realidade privilegia a sincronia, enquanto que a História possui um olhar diacrônico, considerando a categoria “tempo” como relevante para suas análises. Dependendo da sociedade estudada pelo antropólogo, predominará, em alguns casos, a lógica estrutural e, em outros, a lógica da História. Sendo assim, o conceito de “mitopráxis” é utilizado para designar os momentos em que um evento extraordinário parece ameaçar a ordem estrutural de uma sociedade. A “mitopráxis” implica então na interação dialética entre o evento histórico e a estrutura. O evento é incorporado pela estrutura, ao mesmo tempo em que a estrutura é transformada e “atualizada” pelo evento, fazendo com que se entrelacem o mito (estrutura) e prática (história).

escolha de sua carreira profissional, seja por meio de comentários como os de Dona Geci sobre seu Renato ou de piadas e fofocas que emergem nos momentos de sociabilidade e conflito entre os profissionais da Barbearia Elegante.

4.3.3. Maria

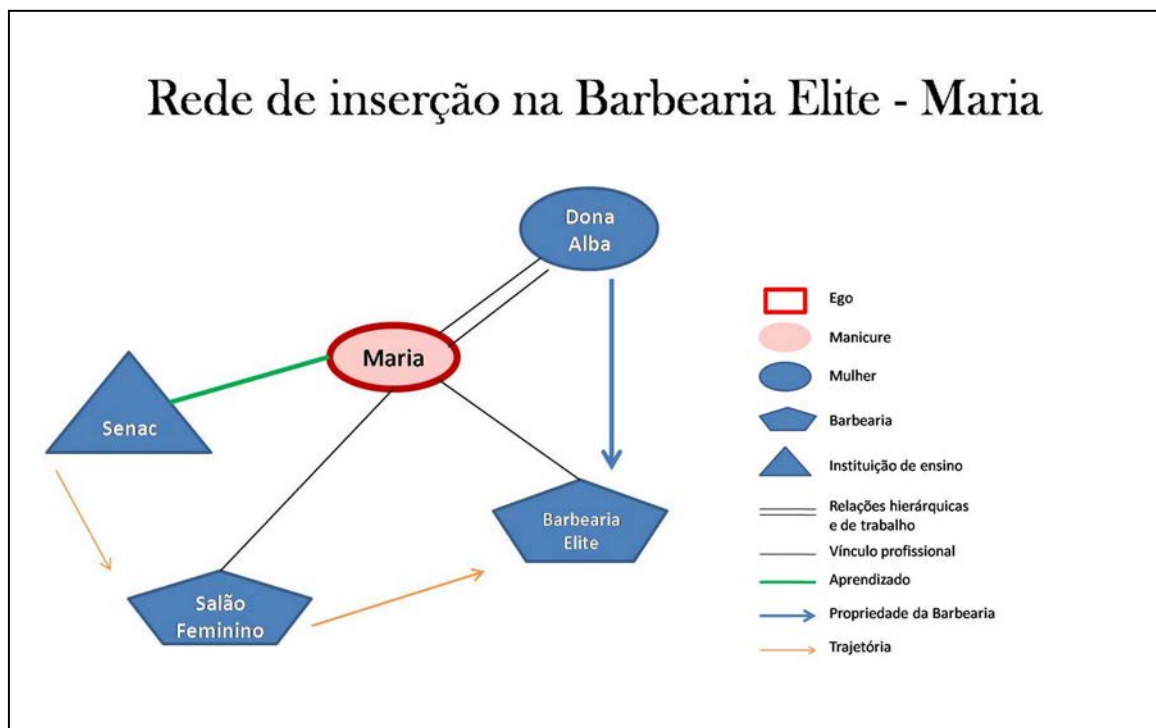
Na vidraça que separa o interior da Barbearia Elite do espaço da rua, a presença de Maria no salão é anunciada em letras pintadas de preto e vermelho: “manicure para homens”. Depois de ter visto tantas manicures no interior dos salões do Centro da cidade e de ter tomado conhecimento de que Dona Geci ingressou na Barbearia Elegante como manicure, não me surpreendeu encontrar Maria trabalhando no salão da Rua Miguel Tostes no Bairro Rio Branco. Nas vezes em que fui ao estabelecimento em que Maria trabalha, era sempre ela quem oferecia uma xícara de café e dizia para que me sentasse e me sentisse à vontade. Assim, percebi que Maria atribuía a si a tarefa de receber e acolher os clientes e visitantes da barbearia.

Quando comecei a frequentar a Barbearia Elite, inicialmente apenas para me aproximar e entrevistar o barbeiro Rubens, a manicure foi bastante atenciosa e conversamos um pouco sobre meu trabalho. Em uma tarde de sexta-feira, quando eu já havia terminado de tirar algumas fotos do salão, Maria perguntou se eu não gostaria que ela fizesse minhas unhas. Achei que esta poderia ser uma experiência interessante e, além do mais, a oportunidade de entrevistar Maria sobre sua trajetória profissional. Então, enquanto Maria fazia minhas unhas, pudemos realizar a entrevista na qual ela me revelou alguns elementos de sua trajetória e inserção profissional na Barbearia Elite:

Aqui nessa barbearia eu tô cinco anos. Mas antes eu já trabalhei 30 anos com mulher em salão de beleza de mulher. Só de mulher. Fazia cabelo e unha. Há 30 anos, mas aqui é cinco anos. Porque aqui eu escolhi atender somente homens por ser especializado barbearia, né? Então é isso que eu te falei, eu trabalho para homem, de unha. Porquê? É uma escolha, porque homem não espera atender mulher, que é um trabalho mais demorado. Se eu não estiver liberada pra, assim, atender a unha dele quando ele chega, ele não vai esperar eu atender uma mulher, que o trabalha dura umas duas horas pra ser atendido. Até porque é um trabalho especializado pra homem. Corte de unha e alguns tiram a cutícula, outros não. Outros querem só o corte de unha pelo fato de comodidade até, de cortar aqui comigo, pela higiene, uma boa apresentação, ficar com a unha bem aparada, bem lixada e até fazendo o brilho, né. Tem uns que fazem o brilho com polimento natural. São poucas as manicures de barbearia que fazem ainda o polimento

natural, eu uso uns produtos especializados que deixam o brilho natural mesmo. Outros já pintam de incolor mesmo, outros não pintam. E eu já tenho bastante experiência nessa parte de atender eles, ter essa disponibilidade assim de deixar esse espaço pra esse tipo de trabalho.

No trecho de entrevista acima, na qual a manicure fala de suas escolhas profissionais e do redirecionamento que teve a sua carreira, são expostas as estratégias de que Maria lançou mão diante do campo de possibilidades (Velho, 2003) que a sua formação como manicure oferece. Além de a barbearia ser um local adequado para o atendimento de homens, é possível calcular que a rotatividade do público masculino seja maior devido à simplicidade do trabalho que é feito em comparação com o trabalho de manicure para mulheres, como Maria ressaltou. Em outra ocasião Dona Geci disse algo parecido ao explicar porque preferia cortar cabelos masculinos em detrimento dos cortes femininos. Para a barbearia, o corte masculino é mais simples, prático e menos demorado. Assim, Dona Geci especulava que o tempo levado para atender uma mulher – dependendo do serviço realizado – equivalia ao tempo que ela levava para cortar o cabelo de cinco senhores.



No decorrer da entrevista, Maria continuou a relatar a especificidade de seu trabalho na barbearia, além de explicar como foi contratada:

Pedro: E como foi pra vir trabalhar aqui?

Maria: É, eu tava sem trabalho e fiquei procurando, aí cheguei aqui, me ofereci, falei com a dona, uma senhora que já tinha 80 anos que herdou a barbearia do esposo, né, que era barbeiro também e faz 5 anos que eu to aqui. Eu falei com ela, eu também já tava decidida a mudar um pouco o trabalho de manicure de mulher, não queria mais trabalhar em salão de mulher e aí cheguei aqui e me adaptei ao sistema de homens. Que atender homens o trabalho é parecido com podólogo, né, também. Porque a gente vai cortar as unhas do pé, aí tem calosidades. São senhores que tem problema com postura, aí preferem que eu corte as unhas do pé pra não se dobrar...

Neste trecho de entrevista Maria dá a entender que a mudança do trabalho com mulheres para o com homens representa para ela crescimento profissional. Como Maria afirmou, seu trabalho agora implica em mais do que tratar apenas das unhas de seus clientes, na medida em que trabalha com senhores idosos e desempenha funções que, segundo ela, estão mais próximas das de uma podóloga. Maria conta que realizou um curso no SENAC que a ajuda a lidar com o público da barbearia elite. Segundo a manicure:

Eu tenho também SENAC com o curso de relações públicas. Então tu tem que saber lidar com essas pessoas, alguns vem com cadeiras de rodas, outros vem com dificuldade de caminhar. Tem que saber lidar com essas pessoas, além de fazer bem a unha deles ou um corte de cabelo, tem que saber tratar as pessoas de uma forma mais dedicada.

No relato anterior, Maria também introduz uma mulher na rede social (Bott, 1976) hierárquica do salão. Trata-se de Dona Alba, antiga proprietária da barbearia, a qual foi responsável pelo ingresso de Maria no salão, na medida em que a manicure tratou de sua contratação diretamente com Dona Alba. Nesse caso é possível observar, da mesma forma que na trajetória de Dona Geci, uma rede social onde atuam relações de trabalho e solidariedade femininas no mundo urbano portoalegrense.

4.3.4. Uma presença invisível

A presença de mulheres trabalhando nas barbearias hoje em dia poderia ser interpretada como uma busca desses estabelecimentos por se adaptarem às exigências de mercado, oferecendo outros serviços além de “cabelo” e “barba” para competir com os modernos salões de beleza. Essa interpretação pressupõe a idéia de uma “descaracterização” das barbearias “tradicionais” que estariam cada vez mais próximas de acabar, tornando-se salões de beleza comuns. Entretanto, o contato com personagens como Dona Geci e Maria permitiu pensar que a presença de mulheres trabalhando nas barbearias pode estar relacionada muito mais às redes de relações e às trajetórias de trabalho que possibilitam a sua presença nestes locais, do que a uma adaptação dos salões de barbeiros às demandas de mercado atuais.

A trajetória de Dona Geci mostra que há 40 anos (se levarmos em conta que ela trabalhou como manicure por 20 anos e como barbeira por mais 20) já era possível encontrar mulheres trabalhando junto aos homens dentro das barbearias de Porto Alegre. Da mesma forma, Maria reconhece a anterioridade da presença de uma manicure na Barbearia Elite em relação à sua própria contratação, além de ratificar que o fato de haver uma mulher trabalhando neste tipo de salão não atenua o apelo especificamente masculino que estes espaços possuem:

É como eu tava te falando, a dona, essa senhora que tava antes aqui, antes de vender pros barbeiros, era há 40 anos ali na Fernandes Vieira. Essa barbearia aqui, 40 anos. Ali teve uma manicure 25 anos. Essa senhora se aposentou, ela também só fazia de homem, ela não fazia nunca de mulher. Ela era assim bem especializada também, só com unhas de homens, nem de vez em quando ela fazia de mulher.

A presença de mulheres trabalhando em barbearias ou mesmo como barbeiras também é retratada por literatos que registraram o cotidiano de Porto Alegre em suas páginas. Mesclando recordações pessoais com relatos de terceiros, Juremir Machado da Silva (1991) escreve sobre as antigas barbearias de Porto Alegre e, em um dado momento de sua prosa, se dedica às mulheres que trabalhavam nesses espaços:

Na Rua Silva Só existia uma “barbeira”, a dona Joaquina, que cortava o cabelo da molecada com aquelas máquinas manuais. Em cima de uma prateleira, além da tesoura, escova, navalha, havia um vidro de mercúrio e um de algodão. Ela invariavelmente enfiava a maquininha no couro

cabeludo da gente e sempre voltávamos para casa aos prantos com a cabeça manchada de mercúrio e apenas um topete no alto da testa. Dávamos graças a Deus que ela não cortasse nosso pescoço com a navalha na hora daquela “aparadinha” na nuca. (Machado da Silva, 1991, p.43-44).

E um pouco adiante escreve sobre uma manicure que trabalhava em uma barbearia do bairro do Bom Fim:

Na frente da minha casa havia a barbearia do Floriano. Lá dentro, além dos barbeiros, trabalhava uma manicure. Os homens iam lá fazer as unhas e namoravam a “dona boa”, como se dizia então. Eram longos romances, que faziam nós, meninos, entrando na adolescência, sonhar com os carinhos daquela manicure. (p. 44).

Este último trecho chama atenção para questões de gênero dentro da barbearia no que diz respeito à presença de uma mulher em um ambiente masculino, o que reflete um duplo tabu ao qual já me referi anteriormente neste trabalho: o da mulher que exerce uma atividade tida como masculina e endereçada ao público masculino, bem como o tabu da mulher desacompanhada no espaço público (Okin, 2008, p.311). No primeiro trecho transcrito este tabu parece ser resolvido pela maneira como Dona Joaquina direcionava seu trabalho a um determinado público: ela atendia a “molecada” do bairro.

Só depois de um tempo freqüentando a Barbearia Elegante pude entender o porquê de Dona Geci ter me atendido no dia em que entrei na barbearia pela primeira vez, mesmo quando todos os outros barbeiros estavam disponíveis: ela me atendeu por conta de minha idade. A barbeira diz que grande parte de sua clientela é formada por homens mais jovens. Mas por quê? “Os velhos ficam querendo namorar comigo”, confiou-me Dona Geci. Isso sugeria que sua permanência na barbearia não se dava sem constrangimentos relativos ao fato de ser mulher e tampouco sem uma tácita divisão sexual do trabalho. Esses constrangimentos estão relacionados ao que Maria me contou durante nossa entrevista:

A pessoa tem que ter muito tato pra lidar com cliente, muita experiência de saber tratar as pessoas, saber pegar na mão. E uma coisa fundamental que acontece com a manicure no salão, é trabalhar como profissional, não misturando o trabalho se envolvendo com os clientes. Algumas barbearias tem caso, assim, de manicure se envolver com clientes, como em qualquer área, né. Tem que separar bem essa parte, atender o cliente profissionalmente. Às vezes a pessoa tá um pouco carente, aí vem fazer a unha, aí pega na mão... Se a manicure não é bem profissional, ela deixa que

o cliente traga junto os seus problemas pessoais, né. Tem que saber lidar com isso, isso é bem importante na relação cliente/profissional, eu penso assim, pelo menos.

Dessa forma, Maria e Geci ajudam a compreendermos que não só a presença de mulheres nas barbearias de Porto Alegre é mais comum do que se pensa no senso comum, como também há um conjunto de saberes e fazeres – saber como escolher os clientes, saber como tratá-los, saber pegar na mão, saber separar o pessoal do profissional – ligados às questões de gênero que emergem do cotidiano deste campo profissional. Os relatos dos barbeiros com quem interagi na pesquisa também fizeram com que viesse à tona esta presença de mulheres nos salões de barbeiros que muitas vezes é invisibilizada pelo olhar folclorizante que muitas vezes recai sobre a profissão. Instigado pelas experiências de Dona Geci e Maria, comecei a perguntar aos meus interlocutores do sexo masculino se eles conheciam ou conheceram mulheres que trabalhavam como barbeiras. No Salão Degand, este assunto repercutiu da seguinte maneira:

Pedro: Aqui o que me surpreendeu foram as mulheres trabalhando no salão como manicure e tudo...

Paulo: Não tem isso lá?

Pedro: As mulheres trabalhando com os barbeiros não...

Paulo: Trabalhar no salão junto com homem, não?

Pedro: Não... barbearia é só o barbeiro.

Sidney: Já teve mulher que trabalhava aqui que não atendia mulher, era só homem.

Paulo: Só homem!

Sidney: A... qual era o nome? Trabalhava lá no cantinho, na cadeira que era do seu...

Paulo: Seu Cabral.

Sidney: Era a mulher de um piloto.

Rodrigo: Ela só queria cortar o cabelo de homem!

Sidney: Não, ela só cortava cabelo de homem e fazia barba. E bem feito! A mulher, ela sabia cortar!

Paulo: Eu trabalhei num [salão] que tinha uma mulher lá, ela cortava cabelo de homem e fazia barba. E com mulher ela não trabalhava, era só com homem.

Rodrigo: Um sábado aí ela fez treze barbas. Treze barbas!

Sidney: um sábado de manhã!

Rodrigo: E sabe o que é, é um saco fazer barba! Fazer umas quatro, cinco corrida, o cara já pede pra parar, tomar um cafezinho. Aqui a gente faz seis barbas e já fica assim: argh!

Seu Francisco, da Barbearia Líder no Bairro do Bom Fim, contou que também já havia dividido a barbearia com uma colega de trabalho:

Eu já trabalhei com uma barbeira. Uma boa profissional também. Mas também, era daquele jeito: quando queria ir embora, quando cismava de ir embora pra casa e parar de trabalhar e me deixava na mão! Por isso mesmo que eu parei de trabalhar com colegas do meu lado. Porque eles são muito incertos. Quando a gente pensa que eles tão trabalhando, eles tão indo embora! Deixa a gente mal, me deixava mal. Mas era, era barbeira mesmo, direitinho! Trabalhava melhor do que muito barbeiro profissional, muitos, muitos colegas.

Na fala de Seu Francisco sobre sua colega aparece o contraste que o barbeiro percebe entre o “ofício masculino” e o “temperamento” (Mead, 2002) feminino da barbeira com quem trabalhou. Parece relevante ressaltar também que em ambos os trechos de entrevista transcritos as impressões e opiniões sobre as referidas mulheres barbeiras conferem a estas uma excepcionalidade no que diz respeito ao domínio de um saber-fazer (Chevalier, 1991), como se a presença dessas mulheres nas barbearias fosse defendida ou justificada pelo fato de estas serem exímias profissionais.

O estranhamento diante do contato etnográfico com mulheres que trabalham nas barbearias de Porto Alegre como barbeiras ou manicures diz respeito, em grande parte, ao meu estranhamento diante dos diferentes arranjos e configurações do trabalho nas barbearias de Porto Alegre, o que contrasta bastante com minhas experiências etnográficas e pessoais junto aos barbeiros de Belém, minha cidade de origem.²² Assim, por mais que se tratem de uma presença invisível, que quando revelada causa um misto de espanto e curiosidade nos colegas de profissão, espectadores de eventos acadêmicos e leigos, as

²² Entre o que chamei de “experiências etnográficas” incluo o já referido trabalho no corpo dessa dissertação em parceria com meu orientador de Iniciação Científica (Silveira e Soares, 2007). Entre minhas “experiências pessoais” estão os passeios na companhia de meu avô quando este vai ao barbeiro mais próximo de sua casa. Em ambos os casos conheci barbearias simples e pequenas onde seus proprietários trabalham sozinhos, sendo este um contexto muito diverso do da cidade de Porto Alegre, com seus belos e amplos salões de barbeiros.

trabalhadoras das barbearias de Porto Alegre constituem uma realidade mais antiga do que se imagina, integrando parte da memória da profissão e dos salões de barbeiros na cidade de Porto Alegre.

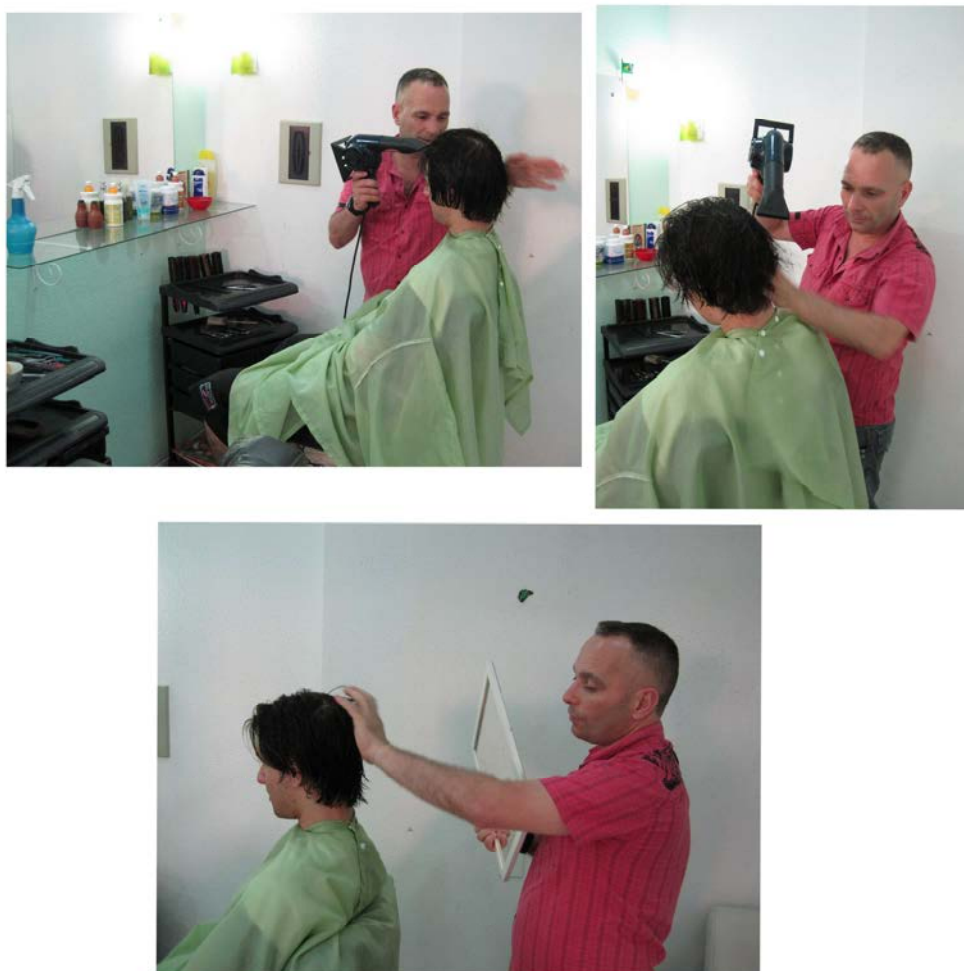
4.4. Joel: um cabeleireiro masculino

Indicado como um potencial interlocutor por um professor da universidade que é seu cliente há mais de 10 anos, Joel (39 anos) trabalha no Salão Santos e Cia., que se situa na Rua General Câmara (ou Rua da Ladeira), famosa por concentrar um grande número de lojas de livros usados e barbearias. Nesta pesquisa, Joel foi o primeiro profissional que conheci cujo pai também exerceu o ofício de barbeiro. Na profissão há pouco mais de 20 anos, Joel nunca fez curso profissionalizante, algo bastante recorrente para os barbeiros que conheci em Porto Alegre. Quando o conheci percebi que o recorte geracional de sua idade apontava – juntamente com a camisa cor-de-rosa que usava, o brinco na orelha e as “luzes” nos seus cabelos – para uma construção de masculinidade diferente da dos barbeiros com mais de 60 anos da Barbearia Elegante, por exemplo. A própria maneira com que Joel se define como profissional já coloca a possibilidade de se pensar outros arranjos relativos à vivência da profissão de barbeiro em Porto Alegre:

Cara, eu acho que, eu acho que tudo é momento. Eu gosto do que faço, né, acima de tudo gosto do que faço. O cliente hoje, ele que vai me dizer o que ele quer. Assim como eu posso me colocar, dependendo do cliente, como barbeiro, também pode chegar um cliente e eu me colocar como cabeleireiro. Vai muito do cliente, né. Às vezes, se você pegar um cliente dos seus 19 anos, 30, eu não posso me colocar como barbeiro, tenho que me colocar como cabeleireiro. Ele vai querer uma coisa mais moderna, um moicano disfarçado, desfiado, navalhado, mas também tenho aquele cliente que quer como barbeiro: aquele veinho que é meu cliente, aquele senhor que quer que eu corte o cabelo dele só na tesoura, faça uma barbinha só na navalha, tá entendendo? O local é que vai me determinar. Eu sou um barbeiro que me aperfeiçoei e me tornei um cabeleireiro masculino. Mas também não deixei de ser barbeiro.

Para Joel, a definição de sua identidade como trabalhador é relacional, dependendo do cliente que ele atende no momento, de suas preferências em relação ao tipo de barba ou de cabelo que deseja. A sua condição ambígua de cabeleireiro masculino/barbeiro evidencia algumas das formas pelas quais o ofício de barbeiro se transforma e assim

continua a durar na cidade de Porto Alegre. Mas não é apenas isso. Ao discutir sobre um ofício como o de barbeiro, é preciso considerar que estes são portadores de um “saber-fazer” artesanal que remete a um “saber-viver” (Chevalier, 1991, p. 9). Este “*savoir-faire*” conserva uma aura própria às coisas do sagrado e por isso seria mantido quase como em segredo, compartilhado dentro da comunidade étnica ou entre pais e filhos. Portanto, essa identidade profissional ambivalente de Joel está relacionada à maneira como uma tradição familiar é acomodada dentro da trajetória de trabalho do interlocutor.



Joel começou a trabalhar na barbearia do pai no bairro portoalegrense de Sarandi. Conta ele que à tarde, depois de voltar da aula, acompanhava o pai em seu trabalho, aprendendo o ofício aos poucos. Primeiro, trabalhava apenas com a máquina elétrica, para depois progressivamente aprender técnicas mais complexas, o que já inclui o uso da navalha para fazer barbas e contornos no corte de cabelo. Em conversas informais ele

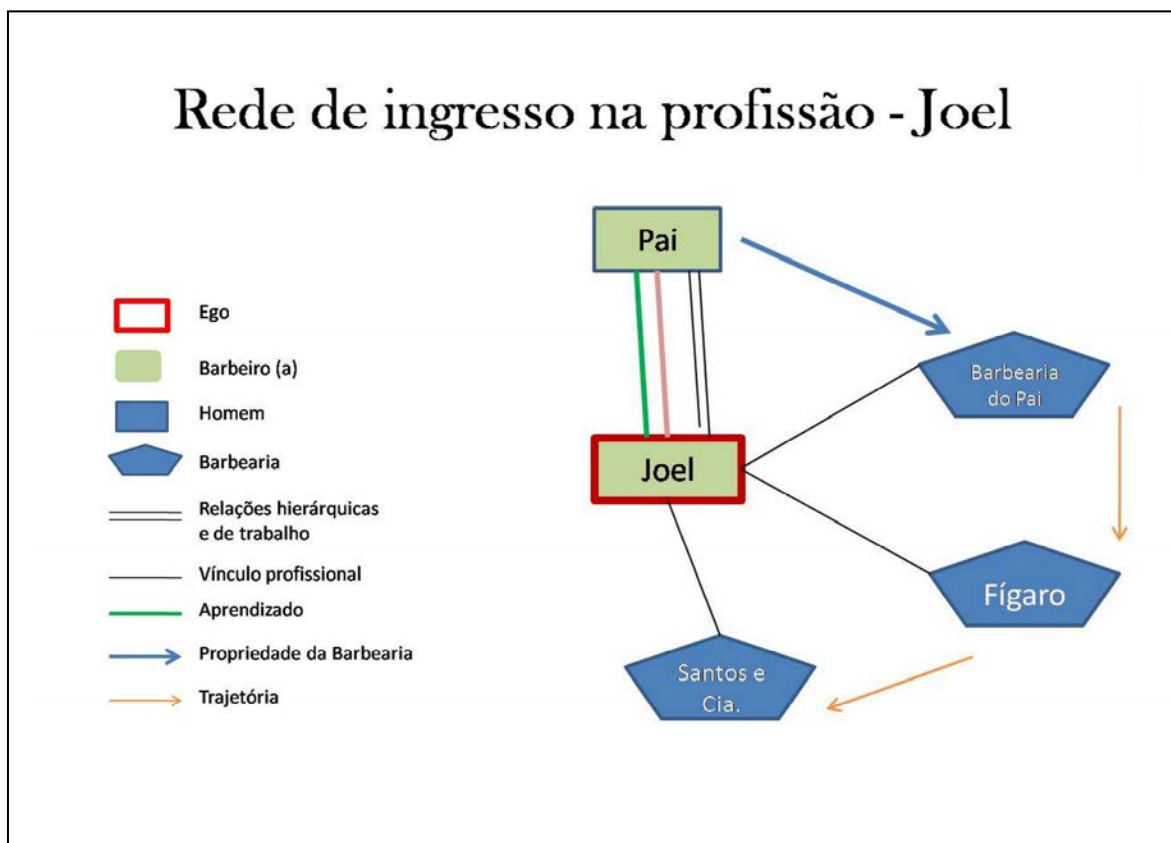
contou que quando era jovem não havia tantas possibilidades como “hoje em dia”. Para comprar um tênis, uma calça jeans – necessidades ou caprichos de um jovem de 15 ou 16 anos – ele deveria trabalhar e adquiri-los com o seu próprio dinheiro.

Em um cálculo bastante racional ao estilo do sujeito de Alfred Schutz (1979), Joel avalia suas opções em relação ao seu “campo de possibilidades” (Velho, 2003), isto é, a sua realidade objetiva associada aos constrangimentos e estímulos culturais presentes em seu meio social. Ao conversarmos sobre as minhas escolhas pela Antropologia e a formação acadêmica, Joel re-avalia suas possibilidades de sucesso profissional e financeiro em relação à sua formação educacional, pensando sobre o que um jovem com o colegial completo poderia fazer de modo a lhe trazer o máximo de retorno em conformidade com o seu grau de escolaridade. Ele conta que o ofício de barbeiro e cabeleireiro lhe pareceu uma boa opção, tendo em vista a possibilidade de aprender as artes de fazer com o próprio pai, sem um custo adicional de um curso técnico ou uma faculdade. Sua “cultura”, como Joel define o tipo de conhecimento que é veiculado nas universidades, é adquirida a partir do contato com seus clientes, conforme ele declara:

E o legal dessa profissão é que tu consegue assim, por exemplo, tem o professor Bernardo, com uma cultura fantástica, uma pessoa fantástica, tem um juiz que é esse que faz toda sexta comigo cabelo e barba. Esse é o legal da profissão, tu diferenciar várias culturas, pessoas de todos os níveis, deputados e tal. E isso é legal, que te abre um leque, porque as vezes é uma pessoa que não teve uma via cultural, que nem eu né. Estudar, né, antigamente não tinha essa via cultural de estudar. Com o que eu que me peguei? Eu me peguei com uma profissão que me leva a ter essa cultura, né. Se quiser falar de política comigo eu falo, se quiser falar de futebol comigo eu falo, qualquer área eu domino, né, um globo, eu não sei tudo, mas procuro entender o todo, justamente por essa diversidade de clientes.

Joel trabalhou na barbearia de seu pai até que este falecesse. Julgando pouco vantajoso continuar mantendo sozinho a barbearia do pai no bairro de Sarandi, Joel vendeu o estabelecimento e foi viajar pelo sul e sudeste do Brasil trabalhando e adquirindo experiência como barbeiro e cabeleireiro. Morou em Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo antes de voltar a Porto Alegre. No retorno à capital do Rio Grande do Sul, foi trabalhar na Barbearia Fígaro, que de acordo com Joel é a mais antiga de Porto Alegre. Da mesma maneira que Dona Geci, foi atraído por um anúncio de jornal que requeria um barbeiro. Dirigiu-se até a Fígaro, fez um teste que consistia em cortar o cabelo e fazer a

barba de um cliente sob a supervisão do dono da barbearia, Seu João, e foi imediatamente contratado.



Há três anos está no Salão Santos e Cia., o que considera uma melhoria em sua carreira profissional, pois na Barbearia Fígaro era “comissionado”, isto é, tributava uma porcentagem de seus ganhos ao dono do estabelecimento. No Salão Santos e Cia., Joel é “locatário”, ou seja, paga um preço fixo mensal pelo uso do espaço, orgulhando-se de que sua renda mensal excede em muito o valor fixo que paga ao dono do salão. Além disso, o Salão Santos e Cia é um “salão masculino”, o que se define da seguinte maneira por Joel:

A barbearia mais antiga de Porto Alegre é aquela lá. Aquela lá ó! Fígaro! Eu trabalhava lá, eu comecei lá. Lá é a barbearia mais antiga que existe, eu até dei uma entrevista pro Teledomingo, pra menina Kelly, e ela me falou sobre as barbearias. Não é o caso da nossa: isso aqui já é um salão masculino, diferente de uma barbearia. Tu vai me perguntar: “Qual a diferença Joel?” Tem diferença! Numa barbearia tu faz um trabalho, assim é, mais básico: um corte de cabelo e uma barba. Aqui não, aqui tu faz umas

luzes masculinas, aqui tu faz um cabelo desfiado numa navalha, tá entendendo? [...] Os cara lá [na barbearia] são bem cru. Tu chega lá e ele vai cortar teu cabelo e fazer a barba, não tem como lavar, não tem nada. Aqui não, tu chega aqui a gente corta, a gente lava, tu diz: “Pô Joel, o que tu acha de fazer umas luzes?”. Tem como, eu tenho um lavatório. É diferente, rola um sonzinho, e tal, tá, tá, tá, o papo é outro!

As experiências de Joel são bastante relevantes para este trabalho porque ajudam a superar as dicotomias entre tradicional e moderno que se duplicam na oposição entre barbeiro e cabeleireiro. Por mais que Joel busque estabelecer diferenças entre as práticas de uma profissão e as de outra, na sua trajetória e experiência profissionais encontram-se consubstanciados saberes e fazeres que sintetizam uma maneira específica de acomodar o ofício de barbeiro às transformações do mundo do trabalho – ou incorporar as técnicas e saberes dos cabeleireiros ao *modus operandi* dos barbeiros. O mesmo pode servir para uma reflexão sobre o espaço do “salão masculino”, esta nova categoria que emerge a partir do trabalho de campo. Trata-se de uma categoria relevante para a pesquisa na medida em que representa expressões mais atualizadas de antigas formas de vida social no mundo urbano, mostrando que o ofício de barbeiro está longe de se extinguir, estando em processo de constante transformação.

Capítulo 5

Saberes e Fazeres (2). Técnicas de Aprendizagem e Habilidades



5.1. Prelúdio do Capítulo 5

Este capítulo prossegue com a tarefa de responder à questão feita em um evento pelo professor Carlos Alberto Steil sobre a qual me referi no início do capítulo anterior, isto é, como se dá o conhecimento de seu saber-fazer (Chevalier, 1991) para o barbeiro? Tal questão incorre em outras, porque a aquisição dos conhecimentos da profissão requer um aprendizado e este aprendizado implica em uma atitude diante do conhecimento que é adquirido. Em outras palavras, existe uma epistemologia do ofício de barbeiro, que proponho ser a epistemologia do trabalho do artesão em geral. Portanto, este capítulo se dedica a uma reflexão sobre o cogito do trabalhador manual ao analisar suas habilidades e técnicas de aprendizagem [Categoria Cotidiano – Artes de fazer e Técnicas corporais].

5.2. O cogito do artesão

A questão colocada pelo professor Carlos Steil chama atenção para o caráter filosófico da Antropologia enquanto disciplina acadêmica, na medida em que tal questão reflete as preocupações de pensadores como Gaston Bachelard (2006). Em seu livro “A poética do devaneio”, Bachelard (2006, p.15) pergunta-se sobre como se dá para o outro – no caso o poeta, chamado pelo autor ora de “sonhador de palavras” (p.37), ora de “artesão da linguagem” (p.45) – a tomada de consciência sobre si mesmo, pergunta que para o autor é essencialmente fenomenológica. A Antropologia parece ter muito a contribuir neste debate, uma vez que conta com um arcabouço teórico e metodológico que a torna capaz de lidar com tais questões que dizem respeito às maneiras pelas quais as alteridades constroem a realidade.

Se a Antropologia Clássica buscou relativizar hábitos e costumes de selvagens, a Antropologia Contemporânea vem ajudando a desnaturalizar as próprias bases epistemológicas do pensamento ocidental que a tornam possível enquanto uma área do conhecimento²³. Tendo isso em mente, porque não repensar a generalidade do cogito

²³ As reflexões de Viveiros de Castro (2001) são um exemplo de como o próprio relativismo cultural – um dos elementos basais da Antropologia Moderna – pode ser problematizado quando considerado uma atividade do espírito estendidas aos povos ameríndios que o autor estuda. Para este autor, que também realiza uma espécie de fenomenologia do conhecimento para os povos ameríndios, o ato intelectual de relativizar é conveniente, sobretudo, às cosmologias ocidentais que objetificam o mundo para conhecê-lo. Se a perspectiva do homem sobre o mundo está no espírito, então vemos as mesmas coisas de maneiras diferentes, sendo que relativizar é reconhecer essas formas distintas de ver o mundo como legítimas. Mas se a

cartesiano como uma constante na condição humana? Em outras palavras, seria possível pensar na existência outras formas de consciência para o ser humano que não estejam fundadas na separação entre sujeito e objeto, o eu e o outro ou entre a mente e o mundo, como sugerem alguns autores com os quais trabalharei neste capítulo (Bateson, 1987; Ingold, 2010). A crítica de Bachelard (2006) em relação à forma como algumas correntes da Psicologia reduzem as “imagens poéticas” a recalques da psiquê repousa justamente na conclusão de que tais correntes estabelecem uma distância racionalizadora entre o eu cognoscente e o outro objetificado, tornando impossível a proposição de Bachelard segundo a qual “A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tais como elas se acumulam no devaneio” (2006, p.52).

Neste tópico em especial, penso no barbeiro como uma espécie de artesão ou artífice, na medida em que ele exerce domínio sobre um tipo de matéria – os pêlos do corpo humano – e domina todas as etapas dos processos materiais sobre os quais é o responsável (Leite Lopes, 1976, p.56)²⁴, ou seja, o corte de cabelo ou a feitura da barba. Se ser um *expert* em um saber-fazer significa desenvolver a capacidade de “prever as reações da matéria” (Chevalier, 1991, p.5) e o trabalho de um barbeiro ou barbeira consiste na criação de formas na barba e no cabelo para estetizar o outro, então trata-se de uma atividade que se deve, em grande parte, à imaginação das formas que a matéria pode assumir. Devemos considerar então que enquanto o barbeiro trabalha os tecidos pilosos, o seu cogito de artesão se perde naquilo que este se encontra fazendo, imiscui-se no próprio ato de cortar cabelo ou barbear, onde ator e ação se vêm consubstanciados em um devaneio sobre a matéria (Bachelard, 1991).

Não se trata de um trabalho guiado pelo saber objetivo. Não se explica e não se calcula o ângulo de inclinação da navalha que corre sobre o rosto do cliente e nem o ritmo e a velocidade com que se bate a tesoura sobre os cabelos. Isso não significa que o profissional execute seu trabalho de forma mecânica, mas sim que no momento em que se põe a estetizar o outro uma forma diferente de consciência habita o artesão e entra em

perspectiva sobre o mundo está no corpo, como acontece entre povos ameríndios, então estes vêm mundos diferentes da mesma maneira, tornando suas concepções sobre a realidade irredutíveis a qualquer relativismo cultural.

²⁴ Tal definição de José Sérgio Leite Lopes (1976) em seu livro “O vapor do diabo” tem bastante influência das idéias de Karl Marx (1988), para o qual o artesão é o antecessor do operário na história dos meios de produção. Assim, o primeiro é definido em função do segundo, o qual não reconhece o produto de seu trabalho e é alienado dentro do processo produtivo capitalista.

ação, sendo o que Bachelard (2006) chama de cogito do sonhador. É neste estado de consciência que se torna possível “adentrar num domínio que ‘não se observa’ onde já não nos dividimos entre observador e coisa observada. Então o sonhador se confunde com o seu devaneio” (Bachelard, 2006, p.43)

5.3. Gestos, técnicas e ferramentas

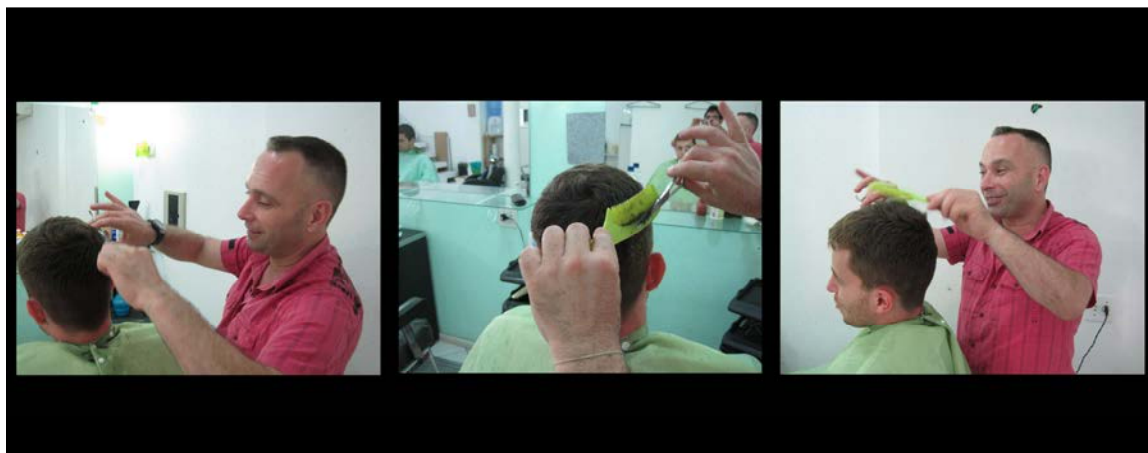
Em termos gerais, o ofício de barbeiro se caracteriza por um conjunto de gestos técnicos (Leroi-Gourhan, 1984) e técnicas do corpo (Mauss, 2003) bastante específico. Por um lado, esses gestos técnicos e técnicas do corpo marcam a distinção dos barbeiros em relação a outros profissionais que também agem sobre a matéria prima representada pelos cabelos humanos, isto é, os cabeleireiros. Por outro, tal repertório próprio de gestos, técnicas e ferramentas constituem uma tradição²⁵ profissional que é transmitida ao longo de gerações. As etnografias por mim realizadas na cidade de Porto Alegre (RS) e no distrito de Icoaraci em Belém (PA) (Silveira e Soares, 2009) mostraram que nesses dois contextos os profissionais observados – não obstante o seu respectivo estilo pessoal de trabalho – utilizam as mesmas técnicas e materiais na hora de cortar os cabelos e barbear seus clientes.

Joel, do Salão Santos e Cia., desfruta da condição profissional ambígua de ora considerar-se um barbeiro e ora se apresentar como um cabeleireiro masculino. Transitar entre esses dois universos faz com que o barbeiro/cabeleireiro masculino reflita sobre as especificidades da profissão de barbeiro em relação à de cabeleireiro, pois a cada vez que assume um desses papéis é capaz de observar-se como um Outro através dos olhos do personagem que incorporou. Assim, ao situar seu aprendizado de um saber-fazer (Chevalier, 1991) dentro de uma linhagem profissional, Joel chama atenção para aquilo que considera a especificidade do ofício de barbeiro:

Eu sou filho de barbeiro né. Na realidade eu sou um filho de barbeiro. Eu nasci, cresci aprendendo, ou seja, eu fui obrigado a, eh, obrigado não, eu tive a opção, graças a deus tive a opção de ser barbeiro. E vou dizer assim ó: uma das coisas da diferença do barbeiro pro cabeleireiro é uma assim ó, uma das coisas mais difíceis de fazer no barbeiro, é saber fazer o pente corrido. Pente corrido é aquilo que a gente tira a marca das máquinas. Tu

²⁵ A idéia de “tradição” com que trabalho apóia-se nas reflexões de Marcel Mauss (2003) sobre as Técnicas do Corpo e será desenvolvida nas páginas adiante.

passa uma máquina 1 e passa uma 3 em cima ela vai ficar marcada. Só os barbeiros geralmente conseguem fazer isso. Geralmente o cabeleireiro ele tenta tirar com máquina. Nós não, nós fazemos o chamado pente corrido. Cortamos de tesoura com o pente andando [faz o barulho da tesoura correndo], tá entendendo? Seria uma coisa só pra te provar se tu visse como é que funciona. Essa é a diferença clássica.



O gesto específico referido por Joel consiste em usar o pente como alavanca para cortar as mechas com a tesoura, consistindo no que Joel chama de “pente corrido”. Nenhum dos barbeiros que conheci tocava os cabelos dos clientes com as mãos, segurando as pontas que serão cortadas entre os dedos, como fazem geralmente os cabeleireiros. Na maioria das vezes, o cabelo não é molhado antes do corte. Seu Maranhão, o barbeiro do meu avô em Belém do Pará uma vez falou: “Se molhar o cabelo antes do corte, como é que eu vou saber como vai ficar o corte depois de seco?” Isso não quer dizer, entretanto, que não possam trabalhar também de outra forma, pois ao longo de sua carreira alguns profissionais vão acumulando conhecimento sobre a profissão, fazendo experimentações e agregando saberes à tradição que lhes foi transmitida.

Joel, por exemplo, conta que fez “cursos de aperfeiçoamento” cujo objetivo era aprender “como cortar o cabelo com navalha” ou “como desenhar uma barba”. Seu Jenecy, por sua vez, conta que primeiro fez o curso de barbeiro e depois realizou o curso de cabeleireiro, onde adquiriu as nuances necessárias para trabalhar na “onda dos cabeludos”, conforme o barbeiro contou. A partir desses cursos pontuais de aperfeiçoamento, os barbeiros/cabeleireiros aumentam seu repertório de técnicas e gestos, incorporando à sua

prática profissional aqueles ensinamentos que melhor lhe servirem e inventando seus próprios gestos.

Joel não apenas sabe cortar o cabelo de seus clientes desfiando-o com a navalha – o instrumento utilizado prioritariamente para fazer a barba correndo sobre a superfície do rosto – como uma vez o vi fazendo o “pente corrido” utilizando a navalha no lugar da tesoura. Uma vez, Dona Geci criticou Seu Renato porque este fazia o “pente corrido” com a máquina elétrica de cortar cabelo: “Isso não se faz!” disse a barbeira. Seu Jenecy contou que aprendeu um “truque” no SENAC para “desbastar” o cabelo, isto é, reduzir o volume e as pontas que ficam arrepiadas depois do corte. Esse recurso de seu Jenecy é bastante utilizado pelo barbeiro porque se adéqua a uma parte de sua clientela, segundo ele diz:

O cabelo crespo é o mais difícil de cortar. Quando o cliente ainda pede ele bem baixinho, aí tu faz ele a tesoura, aí depois com a lâmina, aquela laminazinha de desbastar, tu bota um cremezinho aí tu alisa ele, fica bem lisinho, bem rente.

Para realizar esse procedimento, Seu Jenecy também conta com ferramentas especiais. Na realidade, são as mesmas tesouras e navalhetes de sempre, porém adaptados para produzir o efeito que o barbeiro deseja imprimir sobre o cabelo.



Entre os barbeiros com quem tive contato, a barba sempre era feita com o navalhete, uma versão mais atual da antiga navalha. A navalha assemelha-se a uma faca ou a um bisturi, nos quais uma lâmina estende-se como prolongamento de um cabo. A diferença da navalha é que esta se dobra ao meio de modo que o fio de sua lâmina seja acolhido dentro do cabo de madeira, marfim e seus “genéricos” ou plástico. O navalhete nada mais é que uma adaptação da navalha para o uso de lâminas descartáveis do tipo *gillete*, que são trocadas cada vez que um cliente diferente é atendido.

Em um trecho de nossa entrevista, Seu Renato discorreu sobre sua trajetória de vida, chegando ao assunto de seu casamento. A profissão de sua esposa – cabeleireira – que converge e contrasta com o ofício de Seu Renato, instaura no barbeiro certa

reflexividade sobre seu campo profissional e ele traz à tona as transformações de seu ofício ao longo do tempo no que diz respeito aos seus instrumentos de trabalho, tais como a navalha:

Mas a coincidência que eu me casei com 23 anos, dia do meu aniversário. E a coincidência que a minha esposa, ela era interna no colégio de freira e exercia já essa profissão. E casei e ela exerce essa profissão até hoje. E inclusive eu tenho filhas que no trabalho fazem companhia pra ela, na área de cabeleireira. Então na profissão, paralelamente, temos alguma coisa em comum, nós dois exercitando a tesoura, cortando cabelo. Claro que a profissão de cabeleireira tem outras... tem outras opções, né, pintura, permanente, escova e mais alisamento. E hoje tem tanta coisa moderna aí, um avanço, que na área de cabeleireiros houve um crescimento que a gente não pode negar. Um crescimento dentro da profissão de opções, né. Então os cabeleireiros tiveram que competir no mercado e eles tiveram que remangar as mangas e buscar conhecimento e aperfeiçoamento para acompanhar uma concorrência muito grande no mercado, pra competir.

Então, quem o fez isso aí tem somado, tem somado. E quem não se interessou a fazer, por incrível que pareça, não acompanhou o modernismo, né. Então a gente está aí acompanhando essa evolução, que na verdade todos nós ganhamos: os profissionais, os clientes. Então, houve crescimento em todas áreas em todos os sentidos e em todos os aspectos. Antigamente a gente levava, perdia tempo afiando uma navalha. Atendia um cliente e esse cliente vinha com uma barba muitas vezes que, por fazer fora já, a barba dele não era moleza, por isso não fazia em casa. Então pegava uma navalha e o fio virava. Aí tu ficava, né, afiando, amolando aquela navalha até acertar o fio. Aí quando tava muito bem fazendo essa barba, chegava umas duas ou três e o fio da navalha virava. Olha: verdadeiro sacrifício! Muitas vezes os profissionais pensaram: “Olha, se eu passar o dia inteiro fazendo barba, se der essa coincidência amanhã eu largo essa profissão”. Porque já tava assim, ó, pronto pra chutar o balde!

Para seu Renato o advento do navalhete, substituindo a navalha que dificultava sua jornada de trabalho, resultou em maior praticidade, já que poupa o barbeiro da necessidade de amolar a lâmina constantemente. Seu Jenecy também parece partilhar dessa opinião, mas introduz outro elemento relativo às mudanças na profissão:

Jenecy: E hoje, hoje aí é tudo descartável, não tem mais navalha, problema de doença aí...Eu tenho esterilizador, mas eu não uso navalha. Só descartável. Gillette, aparelho, tudo!

Pedro: Mas é melhor porque não tem que ficar amolando sempre né...

Jenecy: Aah, sim! E se eu pegar a navalha, a navalha mesmo legítima navalha e botar aqui no esterilizadorzinho ali ela perde o fio. Aí tu tem que dar no couro aí, ó [passa a lâmina nas mãos], entendeu, pra pegar fio.



Seu Jenecy dá a entender que as transformações sofridas pela profissão de barbeiro também estão ligadas a questões sanitárias, já que o barbeiro coloca o “problema de doença” como um dos fatores que levaram à substituição da navalha pelos navalhetes, nos quais são utilizadas lâminas descartáveis. Mas os navalhetes não são as únicas inovações dos barbeiros quando se trata de fazer barbas. Em Porto Alegre já observei Seu Rubens, Seu Jenecy e Joel lançarem mão de aparelhos prestobarba “tipo bic” ao atenderem seus clientes. Todos o fizeram da mesma forma: ao terminarem de barbear alguém com o navalhete, passaram uma vez o prestobarba pelo rosto do cliente como uma forma de “acabamento”, deixando o rosto menos áspero pela tirada da barba. Percebo, portanto, o uso desse aparelho como um elemento complementar, pois o trabalho principal é realizado com o navalhete.

Seu Bráulio é o profissional que divide a Barbearia Elite com Seu Rubens, cuja trajetória de trabalho foi narrada anteriormente. Seu Bráulio nasceu no Rio Grande do Sul, mas foi criado no Rio de Janeiro, onde seu pai era dono de um salão. Ele diz que começou por conta própria a aprender a cortar cabelo e fazer barba, tendo sido ajudado nesse aprendizado pelos barbeiros que trabalhavam no salão de seu pai. Segundo Bráulio, não havia escola para barbeiro no Rio de Janeiro e o procedimento para se legitimar como profissional era o seguinte: o aspirante a barbeiro ia até o sindicato dessa categoria na

companhia de uma “cobaia” e no sindicato ele deveria cortar o cabelo dessa “cobaia” diante das autoridades sindicais para então receber seu diploma de barbeiro.

Em uma ocasião em que conversávamos de maneira informal na Barbearia Elite, Seu Bráulio me deu dicas sobre como fazer a barba usando navalha. Ele recomenda que, na primeira vez em que se passa a navalha pelo rosto do cliente, a lâmina deve correr a favor dos pêlos. Se for desejado um barbear ainda mais rente, então é necessário passar a navalha uma segunda vez, agora na direção oposta à dos pêlos no rosto. Sempre gesticulando como se estivesse a segurar uma navalha e apontando para o próprio rosto, Bráulio também advertiu: a navalha é passada no rosto sempre em movimentos verticais, nunca na diagonal; ao correr, a lâmina deve estar sempre inclinada, quase deitada, nunca de pé, isto é, jamais formando um ângulo de 90° com o rosto do cliente.

Nessa mesma conversa comentei com Seu Bráulio que alguns barbeiros já utilizavam aparelhos prestobarba no barbear de seus clientes, mas mesmo assim não abriam mão de trabalhar com o navalhete. Então, o barbeiro me fez perceber a importância do uso do navalhete mesmo na presença de outros instrumentos como os aparelhos “tipo bic” ou a máquina elétrica. Para ele, a navalha é essencial para “fazer o contorno” na orelha, no pescoço ou na nuca. O aparelho prestobarba não oferece a mesma precisão que o fio de um navalhete no fazer de contornos, no desenho de linhas e formas. Seu Jenecy, por exemplo, ressentiu-se da forma como são formados os profissionais de sua área atualmente:

A merda toda é que isso tá acabando, né. Os guri não querem mais aprender. Pegam uma máquina que nem essa pretinha e vão passando no cabelo. Não fazem o pézinho aqui atrás, não fazem o contorno.

A queixa de Seu Jenecy refere-se à sua constatação de que os jovens cabeleireiros já não aprendem certas técnicas e gestos relativos ao uso da navalha ou do navalhete para fazer os contornos no cabelo ou, como Jenecy denominou essa etapa do corte de cabelo, “fazer o pézinho”. Se o barbeiro diz que a sua profissão “está acabando” devido ao abandono ou desconhecimento desses expedientes pelos novos profissionais, então percebemos a importância que Seu Jenecy confere a esse conjunto de técnicas e gestos como parte de uma tradição da sua profissão. Nesse sentido, se o pente corrido é o gesto específico do ofício de barbeiro, a navalha ou o navalhete aparece como a ferramenta por excelência do barbeiro ou barbeira.





Não pretendo reduzir os gestos e técnicas dos barbeiros à sua dimensão utilitária, explicando-os pela sua função dentro de um processo material ou em relação efeito estético que produzem no cabelo ou na barba. Já situei o “pente corrido” e o uso da navalha enquanto parte dos gestos, técnicas e materiais que integram uma tradição da profissão de barbeiro observada em Porto Alegre, Belém e, quem sabe, outros lugares do mundo. O que quero argumentar agora com base nas reflexões do antropólogo e arqueólogo André Leroi-Gourhan (1984, p.117) é que estes gestos característicos do ofício do barbeiro se encontram consubstanciados ao próprio trajeto humano no mundo.

Segundo este autor, a criação de formas na arte paleolítica não se deu sem que o ser humano tivesse começado a imprimir movimentos repetitivos sobre a matéria de forma a criar ritmos. Assim, Leroi-Gourhan (1984, p.118) argumenta que o trabalho das mãos na arte paleolítica foi capaz de criar ritmos que harmonizam o tempo em intervalos regulares e produzir formas que humanizam o espaço e a matéria bruta. Entre os gestos que são fundantes na entrada dos *Australantropos* na humanidade estão o ato de martelar, que consiste em percussões lançadas repetitivamente sobre a matéria e o ato de serração ou raspagem que o autor define como “percussões oblíquas deitadas” (Leroi-Gourhan, 1984, p.118).

Não consistiriam estes dois gestos – de percussão e de raspagem – na base das operações técnicas que são fundamentais para o ofício de barbeiro? O movimento de percussão é encontrado sob o invólucro do “pente corrido” e nos movimentos da tesoura que se agita ora freneticamente, ora desapressada, dependendo do estilo pessoal do profissional que a maneja. Não é gratuito que o hábito de movimentar a tesoura em um dado ritmo durante o corte de cabelo é chamado pelo barbeiro Sidney de “bater tesoura”. Os movimentos pendulares da mão fazem com que as lâminas da tesoura se encontrem, golpeando as mechas de cabelo. Mas o hábito de “bater tesoura” não está estritamente relacionado ao corte. Sidney conta que seu pai tinha o hábito de “bater tesoura”, enquanto ele próprio não tem. De fato, seus golpes no cabelo são únicos e precisos. Jéssica, uma amiga e colega de mestrado que levei um dia na Barbearia Elegante, percebeu que Seu Renato “batia tesoura” duas vezes entre cada golpe no cabelo de Juan, outro amigo da pós-graduação que tinha os cabelos cortados no salão. Ao “baterem tesoura” os barbeiros imprimem um ritmo ao seu trabalho. Leroi-Gourhan (1984) diria ser essa marcha de mãos o que torna possível a “captura e a imobilização dos volumes, fonte de uma reanimação

puramente humana” (p.118). Os barbeiros ou barbeiras parecem reconhecer que a criação de formas harmônicas está ligada ao estabelecimento de uma frequência para seus gestos de trabalho.

Tanto a navalha quanto a tesoura constituem desdobramentos de um utensílio mais elementar, a faca. A tesoura não é senão duas facas sobrepostas ligadas por um parafuso que agem uma sobre a outra como uma alavanca a partir do contato com a mão humana. Se o movimento da tesoura é percussivo, vertical e realizado com o intuito de cortar, o movimento da navalha se mostra mais afinado ao objetivo de raspar-cortando como se removesse impurezas, agindo sobre superfícies ásperas e hostis para produzir objetos lisos, planos e livres de rugosidades. Dessa forma, o movimento de serração ou raspagem apareceria como a base para o trabalho executado pela navalha na remoção dos pêlos do rosto. Assim, situo a questão da “duração” (Eckert e Rocha, 2001) do ofício de barbeiro no mundo urbano portoalegrense, no que diz respeito aos seus gestos e operações técnicas, dentro do percurso que conduz ao florescimento do comportamento figurativo entre os seres humanos (Leroi-Gourhan, 1984, p.179).

5.4. Máquinas

A difusão e adoção das máquinas elétricas de cortar cabelo pelos barbeiros e outros profissionais dos “negócios da beleza” pode ser interpretado dentro do quadro das mudanças ocasionadas pela industrialização da sociedade brasileira, o que incide na propagação e popularização de equipamentos eletro-mecânicos como as tais máquinas de cortar cabelo motorizadas. Para além dessas questões, a adesão ao uso da máquina elétrica por parte de profissionais como os barbeiros introduz uma nova relação entre o trabalhador e sua matéria prima, assim como pode transformar as suas concepções sobre o trabalho em si mesmo.

A maneira como Leite Lopes (1976, p.56) define o artesão deixa evidente que este personagem se opõe historicamente ao operário. A visão marxista trata de forma condescendente o artesão, associando-o às “formas antigas e medievais” de trabalho (Marx, 1988, p. 59) que se distinguem da forma burguesa, isto é, o trabalho como indústria. Um dos traços mais marcantes dessa forma de trabalho burguesa é a presença das

máquinas substituindo ou otimizando o trabalho humano desde a revolução industrial do século XVIII (Sennett, 2009, p.50). O economista e escritor norte-americano Richard Sennett (2009, p.97) discute que, do contexto da revolução industrial setecentista até os dias de hoje, a máquina assume uma condição ambígua ante o artesanato, sendo encarada por vezes como uma ferramenta amistosa e por outras como inimiga a partir do momento em que substitui o trabalho das mãos.

Em sua análise sobre o trabalho dos artífices, Richard Sennett (2009) define estes pela sua dedicação a fazer um trabalho bem feito por si mesmo. Esta definição faz com que o conceito de artífice ou artesão transborde do campo das habilidades manuais. Um artífice pode corresponder tanto a um ourives quanto a um músico, uma arquiteta ou um técnico de laboratório. O que os aproxima é o orgulho que sentem pelo trabalho bem feito. Sennett sustenta com vigor o que chama de “materialismo cultural” (2009, p.18), isto é a análise das maneiras como as coisas são feitas e não do que essas coisas representam, para fazer jus à vulgata de seu trabalho, isto é, que o trabalho manual considerado mais simples é pleno de atividade intelectual. No terceiro capítulo de seu livro ele se dedica às máquinas e assim problematiza o ponto principal de seu argumento de uma forma que pareceu interessante para o caso desta dissertação: se fazer é pensar, então quanto desse pensar é sublimado quando a máquina assume para si a tarefa de fazer para o ser humano?

Em alguns momentos do trabalho de Leite Lopes (1976) sobre os operários do açúcar do estado de Pernambuco, o maquinário da fábrica aparece como o verdadeiro alzo do trabalhador, na medida em que a relação do homem com a máquina nesse contexto conduz a duas rupturas. A primeira diz respeito ao distanciamento entre o trabalho do operário e o seu resultado, já que a cadeia de produção e um maquinário colossal exterior e agressivo se encontram entre o trabalhador e o produto final de seu trabalho. A segunda ruptura é relativa à separação entre as mãos e o cérebro do trabalhador, já que este seria o responsável por operar e, por vezes, apenas vigiar as máquinas que realizam o trabalho de fato.

Se o trabalho do artesão pode ser caracterizado pela total identificação e envolvimento do trabalhador com a matéria de seu trabalho, a tradição intelectual responsável por refletir sobre o trabalho e os trabalhadores pode considerar o uso de máquinas nocivo à transmissão de saberes e fazeres como os de barbeiro. No entanto, os

interlocutores desta pesquisa já mostraram seguidas vezes não se furtam ao uso das máquinas elétricas na prática cotidiana de seu ofício. É o que Seu Rubens declara ao situar tais avanços tecnológicos dentro de sua trajetória de trabalho:

No tempo das máquinas que não eram elétricas também, quando eu aprendi as máquinas não eram elétricas, eram tudo à mão, aí era um sacrifício pra se cortar um cabelo também, mesmo com a máquina de mão era um sacrifício! Depois que veio as elétricas, aí se tornou melhor, as máquinas alemãs eram muito boas! Aí começaram, depois que apareceu as máquinas elétricas apareceu barbeiro de tudo que era jeito! Inclusive Porto Alegre, a cada esquina tem dois barbeiros! Tu vais ver aqueles salões lá no centro [refere-se às escolas ou cursos de barbeiro] produzem mais de 120 barbeiros em seis meses, oito!

A fala de seu Rubens coloca em questão os limites físicos do ser humano que são superados pelo uso de uma máquina robótica, em que o motor mecânico realiza o trabalho que antes pertencia à musculatura da mão. A máquina é mais forte, trabalha com mais rapidez e, ao contrário do barbeiro, nunca se cansa, excedendo as capacidades humanas comuns. Por um lado, Seu Rubens considera positivo o advento das máquinas, da mesma forma que Seu Renato comemorou a chegada dos navalhetes que funcionam à base de lâminas descartáveis. Por outro lado, a fala de Seu Rubens alinha-se à opinião expressada por Seu Jenecy ainda há pouco sobre o emprego das máquinas elétricas. Os dois barbeiros, no entanto, não se posicionam contra estes avanços tecnológicos, mas sim ante a sua má utilização que conduz ao que consideram a banalização de sua profissão.

A popularização das máquinas de cortar cabelo pode implicar em transformações das relações de aprendizado da profissão e das artes de fazer (De Certeau, 1994) ligadas ao corte de cabelo. Nesse sentido, este “mal emprego” das máquinas remete às provocações de Sennett (2009) a respeito o uso de ferramentas mecânicas cujo objetivo é facilitar o aprendizado e a prática de um ofício manual. Segundo este autor, as máquinas mal empregadas impedem que as pessoas aprendam um ofício, gesto ou técnica pela própria experiência, isto é, “separam o entendimento mental humano do aprendizado instintivo, repetitivo”(Sennett, 2009, p.50). As questões relativas ao aprendizado do ofício de barbeiro serão discutidas em um tópico que aparece logo a seguir.

Ainda conforme Sennett (2009), a máquina muda a relação das mãos com a matéria porque introduz padrões de excelência inalcançáveis para o ser humano. A máquina

trabalha com gradações que correspondem a números e estes números dizem respeito ao “pente” que será acoplado à máquina. Diz-se “quero a 1” ou “pode passar a 2” ou “o teu cabelo fica bom na altura da 3”. A máquina conhece a altura do cabelo ou o comprimento da barba que são desejados no momento do corte e é capaz de aplicar esse efeito de forma milimetricamente igual a todo cabelo ou à barba. Mas a máquina não conhece o rosto dos clientes, com suas assimetrias, falhas, cicatrizes, espinhas, verrugas e nem a cabeça, com seus desníveis e imperfeições.

Assim, por mais que a máquina seja responsável por uma parte considerável do trabalho da barbeira ou do barbeiro quando estes apenas “baixam” uma barba retirando seu volume com a máquina ou um cabelo inteiro da mesma altura com a ajuda deste aparelho elétrico, este trabalho é sempre submetido à inspeção visual do artesão. Pois é a inspeção visual que irá avaliar se a barba e o cabelo estão simétricos quando o rosto e a cabeça não o são. É o olhar que define em que lugar se deve tirar “só mais um pouquinho” e então a tesoura e o pente tomam para si a tarefa que seria da máquina: buscar a perfeição. Ao mesmo tempo, as irregularidades e desacertos que paradoxalmente resultam dessa busca pela perfeição tornam patente a qualidade humana do trabalho que é feito.

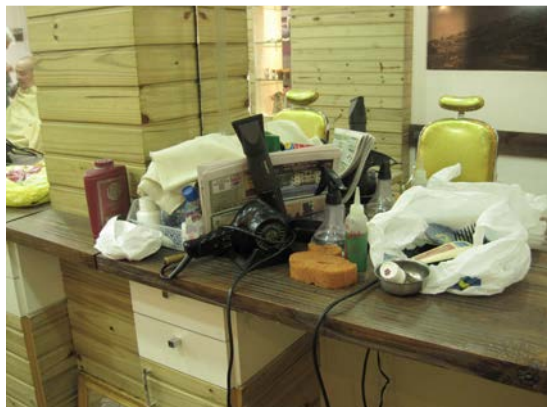
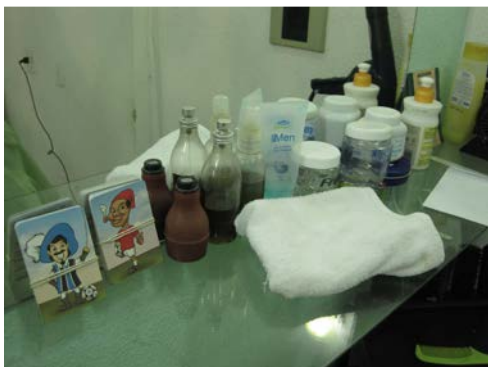
5.5. Bancadas



Esta secção contém uma pequena coleção de imagens (Rocha, 2008) sobre as bancadas dos barbeiros, o espaço individualizado dentro do local de trabalho coletivo que é a barbearia, sendo que tais imagens se encontram na pasta corresponde à categoria “Trabalho” agregadas sob a palavra-chave “Saberes do trabalho” (conferir o CD com as coleções etnográficas). Assim, a organização das imagens nessa categoria e de acordo com a referida palavra-chave corrobora que este assunto seja tratado neste capítulo de meu trabalho. No presente tópico, procuro entender como a organização das bancadas, quando organizadas em conjunto, pode revelar aspectos dos profissionais que trabalham nas barbearias, dos seus saberes e fazeres e das dinâmicas do cotidiano desses espaços.

Vejo a bancada prioritariamente como um cartão de visitas, isto é, um elemento visual na barbearia que destaca e apresenta o barbeiro aos clientes. Em alguns casos, como o do barbeiro Chico do salão Degand a bancada apresenta literalmente o profissional responsável por aquele espaço. A organização de seu espaço de trabalho remete à sua presença na barbearia mesmo nos horários em que está ausente, indicando a territorialidade de Chico dentro daquele ambiente.

No local de trabalho coletivo que é a barbearia (em alguns casos), a bancada também é um dos espaços que encerra parte da individualidade do barbeiro. É ali que ele dispõe os produtos com que trabalha, isto é, as colônias, a espuma de barbear, a loção pós-barba, talco antisséptico e cremes para o cabelo, produtos cuja escolha remete a um saber da profissão adquirido ao longo do tempo, à troca de experiências com os profissionais mais velhos e, quem sabe, a uma memória afetiva ligada à prática dessa profissão. Trata-se de um saber inserido na dinâmica microscópica do ritmo da vida cotidiana. Porém, os produtos utilizados pelos profissionais das barbearias também pertencem a um “mundo dos bens”, parafraseando (Mary Douglas, 2004), estando presentes em um círculo comercial do qual fazem parte marcas, *marketing* e formas de consumo modernas.



Mas as escolhas sobre o que se mantém ou não nas bancadas também se coadunam com as suas preferências pessoais e experiências bem ou malsucedidas diante da reação dos clientes ao seu trabalho. Na bancada de Seu Jenecy do Mercado Público há um creme condicionador que o profissional pode usar vez por outra para lavar o cabelo de seus clientes. Mas este produto não cumpre apenas essa função. Seu Jenecy explicou para mim: “O condicionador não deixa o teu cabelo mais macio? A mesma coisa a barba. Uma barba grossa assim como a tua, passa condicionador antes de tirar que daí ela sai melhor”.



Muitas vezes a presença desses produtos remete aos laços sociais que os barbeiros constroem ao longo de sua carreira profissional. Dona Geci, por exemplo, uma vez me mostrou com orgulho – e diante dos outros barbeiros do Salão Elegante – o talco anticéptico importado que um importante cliente havia lhe trazido depois de uma viagem aos Estados Unidos. Os produtos dispostos sobre o balcão também são insígnias que destacam o status da barbeira dentro da sua rede de relações.



Na Barbearia Central, do Mercado Público, Seu Jenecy trabalha na maior parte das vezes sozinho. Ali há a ausência de um patrão vigilante, do dono do estabelecimento – como é o caso da Barbearia Elegante – e os seus clientes, que estão entre os trabalhadores mais modestos do mercado tem poucas exigências em relação aos aspectos estéticos da barbearia. Tudo isso faz com que Seu Jenecy tenha um controle quase absoluto sobre aquele espaço, introduzindo no lugar uma estética que diz respeito às relações que ele vivencia em seu cotidiano. A organização das bancadas destacam os barbeiros uns em

relação aos outros, marca a sua territorialidade – na sua presença e na sua ausência – dentro de ambientes coletivos de trabalho como as barbearias. Mais do que isso, a organização dos objetos no espaço do salão está ligada às relações de trabalho e aos laços afetivos que o profissional mantém com o lugar.

5.6. “*Professor Ingold, do you have a minute?*”

A pergunta colocada por Tim Ingold (2010) no início de seu artigo intitulado “Da transmissão de representações à educação da atenção” sobre como se dá o acúmulo de conhecimento de geração em geração é bastante pertinente para este trabalho e adquire particular dramaticidade no caso da profissão de barbeiro ou barbeira, pois esta se trata de uma categoria profissional cujos representantes estão espalhados em vários territórios, reconhecendo e identificando-se uns aos outros pela observação de certas técnicas e gestos tidos como característicos deste ofício. Logo, a descontinuidade espacial entre os indivíduos que partilham desse *métier* é compensada pela continuidade de seus gestos e técnicas de trabalho, entre os quais já identifiquei o “pente corrido” e as operações com o uso da navalha.

Estes gestos e técnicas estão de tal modo difusos ao longo de um vasto território que se Seu Jenecy do Mercado Público de Porto Alegre (RS) encontrasse Seu Jorge do distrito belemense de Icoaraci (PA), os dois barbeiros se surpreenderiam – ou não – ao notar que trabalham de forma semelhante mesmo separados por milhares de quilômetros e sem terem sido ensinados pelo mesmo professor (Seu Jenecy fez curso no SENAC e Seu Jorge aprendeu o ofício com um primo seu). O espanto poderia ser maior se, em uma viagem aos Estados Unidos, os dois colegas de profissão se deparassem com os profissionais dos *Barber Shops* dos subúrbios norte-americanos que tanto aparecem em filmes e séries de televisão. Em São Paulo, ficariam surpresos ao conhecerem os tatuados barbeiros do Salão 9 de Julho, uma barbearia montada em estilo *retro* situada na célebre Rua Augusta²⁶, onde os jovens profissionais parecem manejar os mesmos instrumentos e trabalhar com os mesmos gestos que os barbeiros de Porto Alegre.

²⁶ Esta barbearia aparece em uma reportagem intitulada “À moda antiga” na revista *TAM Nas Nuvens* de maio de 2011.

Talvez Seu Jenecy e Seu Jorge lamentassem ao saber que na Índia, como mostra o trabalho de Faizan Ahmed (2006) sobre homens que trabalham em Salões de Beleza em Nova Déhli, o barbeiro Shree Krishna Prasad Thakur proibiu em seu salão o uso das antigas técnicas de sua profissão, entre elas o uso de navalhas para fazer barbas, para que todos trabalhassem apenas com máquinas. Ahmed (2006, p.174) escreveu que para o barbeiro esta modernização de seu ofício representava possibilidade de ascensão social, pois a profissão de barbeiro está ligada à uma casta baixa no interior do sistema social hierárquico indiano, a casta dos *nai*. Assim, a transformação da barbearia em salão de beleza e do barbeiro em cabeleireiro marcaria a saída de uma ocupação convencional de casta e a entrada em um campo profissional moderno e globalizado.

Como explicar então o alastramento do aprendizado das principais técnicas da profissão de barbeiro por lugares tão distintos? A tentativa de realizar uma genealogia das práticas dessa profissão através do mundo está destinada a girar em torno de hipóteses e especulações difusionistas. Sabe-se, por exemplo, graças ao trabalho de Tânia Salgado (1998, p. 232), que a sangria – utilização de sanguessugas para retirar sangue coagulado dos doentes – era praticada por barbeiros no Brasil e na Europa pelo menos desde o século XIV. É necessário lembrar que as incumbências e práticas dos barbeiros nessa época eram bem diferentes do que ocorre hoje em dia. Se hoje esta profissão está ligada à área da beleza, antes estava inclusa na hierarquia das profissões médicas, pois como escreve o historiador Ramon Grossi (2004, p.257) na América Portuguesa Setecentista “os barbeiros realizavam funções mais simples como as sangrias, as sarjas, a aplicação de ventosas e sanguessugas, a extração de dentes, além de barbear e cortar os cabelos”. Se esta forma de trabalho é encontrada no Brasil colonial, então ela pode facilmente remontar à Idade Média na Europa.

No entanto, não encontrei entre os interlocutores deste trabalho esta memória mais elástica no tempo sobre sua profissão. Foi apenas em Belém, junto a Seu Maranhão, o barbeiro de meu avô, que as especificidades do ofício foram situadas dentro de uma “tradição” mais recuada e ampla. Dizia Seu Maranhão que quem inventou o hábito de pegar o cabelo entre os dedos para cortá-lo foram os franceses. Assim, os primeiros cabeleireiros foram os franceses. Mas os italianos e os portugueses, estes haviam sido bons barbeiros. É claro que estas pistas não respondem às perguntas sobre como se dá o

aprendizado de um ofício de forma tão semelhante em locais bastante diversos, conduzindo apenas a especulações.

A oportunidade para responder a esta pergunta surgiu no segundo semestre de 2011 durante o “Seminário Internacional Cultura, Percepção e Ambiente: A contribuição de Tim Ingold para uma mudança de paradigma” que aconteceu em parte no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento contou com a presença do próprio Tim Ingold, antropólogo inglês da universidade de Aberdeen na Escócia, que comentava os trabalhos apresentados por convidados do PPGAS. Em um dos intervalos do evento observei Tim Ingold sentado sozinho sob a sombra de uma árvore, próximo à lanchonete do campus. Percebendo a chance de falar com o acadêmico homenageado, me aproximei e arrisquei com um inglês enferrujado: “Professor Ingold, do you have a minute?”.

O professor Ingold foi gentil e me pediu para prosseguir. Foi então que perguntei a ele o seguinte: barbeiros trabalham da mesma forma (*work the same way*), com os mesmos gestos (*with the same gestures*) em Porto Alegre, Belém ou até na Índia; eles nunca se encontraram e nem se conhecem, então como é possível que o conhecimento seja transmitido dessa maneira? Paciente e didático, o professor Ingold respondeu-me minha pergunta em etapas. Primeiro, disse que os barbeiros, onde quer que fosse, trabalhavam com as mesmas ferramentas, isto é, as mãos humanas e sobre o mesmo material, ou seja, a cabeça humana com o seu formato específico. Então, o barbeiro quando está aprendendo seu ofício fica no salão fazendo algumas tarefas para se familiarizar com o universo da profissão, como varrer o chão e manusear os instrumentos enquanto olha os demais profissionais trabalharem. Finalmente, chega o momento crucial para a sua formação: o barbeiro só aprende a cortar cabelo ou fazer barba quando é colocado em uma situação em que deve fazê-lo. Assim, o professor Ingold terminou sua explanação dizendo que os conhecimentos da profissão de barbeiro não eram transmitidos, mas que eram gerados e regenerados no contato do aprendiz com os cabelos ou barbas dos outros.

A resposta de Tim Ingold resumiu em linhas gerais o argumento que ele desenvolve contra as proposições conteudistas das Ciências Cognitivas tradicionais sobre a aquisição de conhecimento no artigo citado no início deste tópico sobre o que Ingold (2010) chama de “educação da atenção”. No trabalho referido, Ingold adverte que a chave para o entendimento de como habilidades são aprendidas não está no conteúdo ou nas

informações repassadas ao iniciante, mas na forma como estes sujeitos aprendem e se posicionam diante do conhecimento em um determinado “contexto ambiental”. Por “contexto ambiental” chamo aquilo que Ingold entende por “mundo real de pessoas, objetos e relacionamentos” (Ingold, 2010, p.19), o que para o caso desta pesquisa se constitui como os instrumentos que os barbeiros utilizam em seu trabalho, os tipos de barba e cabelo, os muitos formatos possíveis de cabeças e rostos, além do que o próprio Ingold destacou como as mãos enquanto instrumentos e a forma anatômica da cabeça, heranças morfológicas da espécie humana com as quais estamos tão acostumados – como o fato de termos cinco dedos nas mãos e uma cabeça em forma oval – a ponto de não perceber que estamos constantemente nos ajustando a tais heranças e aprendendo a usá-las, como ensina Marcel Mauss em sua célebre conferência sobre as “técnicas do corpo” (Mauss, 2003).

Naquele mesmo dia, no debate realizado mais cedo durante as apresentações dos trabalhos que Ingold comentava, uma questão semelhante à minha foi levantada, dizendo respeito à repetição em vários lugares do mundo da maneira como se aprendia a tocar clarinete. Tais perguntas remontam ao mote epistemológico da construção da mente, incidindo sobre a maneira pela qual as pessoas conhecem o mundo e constituem as suas práticas, questão fundamental do artigo de Ingold (2010). Notei, portanto, que algumas palavras de meus interlocutores ressoavam as de Ingold em relação ao processo de aprendizado do ofício de barbeiro. Tal é o caso de Seu Francisco, que declarou:

Eu fiquei primeiro três meses praticando só com a ferramenta, manuseando a ferramenta, batendo tesoura. Era no tempo da navalha, aí eu ficava afiando navalha. Limpando máquina, naquele tempo era máquina manual. Hoje é bem melhor, que hoje é máquina elétrica, naquele tempo era máquina manual pra gente cortar cabelo. Tinha que treinar, manusear a máquina manual na mão, é assim que a gente aprende. Aí depois de três meses já tava cortando cabelo. Olhando, entendeu? Olhando como ele trabalhava. Aí eu aprendi. Com três meses eu já tava trabalhando mais ou menos. Aí com seis meses, quando tu completa mais ou menos uns oito meses lá aí ele começou a me pagar 30, 40%, não me lembro bem, pela produção que eu fazia.

Seu Francisco, no relato sobre sua época de aprendiz no Salão São Jorge em Nova Iguaçu (RJ), chama atenção justamente para a familiarização com o ambiente em que se estabelecerá como profissional. Nesse contexto ele põe em prática várias atividades que

antecedem o corte de cabelo, preparando-o para este momento de sua formação em um futuro próximo. A estas atividades preparatórias Sennett (2009, p.49) dá o nome de “capacitação”, correspondendo no caso de trabalhadores manuais à repetição isolada e exaustiva dos movimentos necessários ao domínio dos gestos fundamentais ao seu trabalho. Seu Jenecy, por exemplo, falou sobre a sua “capacitação” enquanto aluno do SENAC [conferir a pasta “trabalho” nas coleções etnográficas]:

Pedro: Eu podia lhe pedir pro senhor me mostrar como é, porque isso é importante pro meu trabalho, essa parte do aprendizado, sabe...

Jenecy: Como é que funcionava? Assim? Pra cortar, pra cortar, veja bem: ó, era isso aqui ó, era pente corrido naquele tempo, ó! Ó... [mostrando como se faz, com gestos]. Sempre, sempre, sempre, sempre, sempre... Era pra treinar!

Pedro: Por quanto tempo?

Jenecy: Ah, tu ficava toda noite lá treinando, só treinando, só treinando, entendeu? Porque naquele tempo era pente corrido, só pente corrido. Hoje o cabeleireiro é na ponta dos dedo, ó. Né? E naquele tempo não, era só [movimento com a tesoura – tec tec tec tec tec tec]. Se tu parasse, se tu parasse era um caminho de rato que fazia! No cabelo do cara!

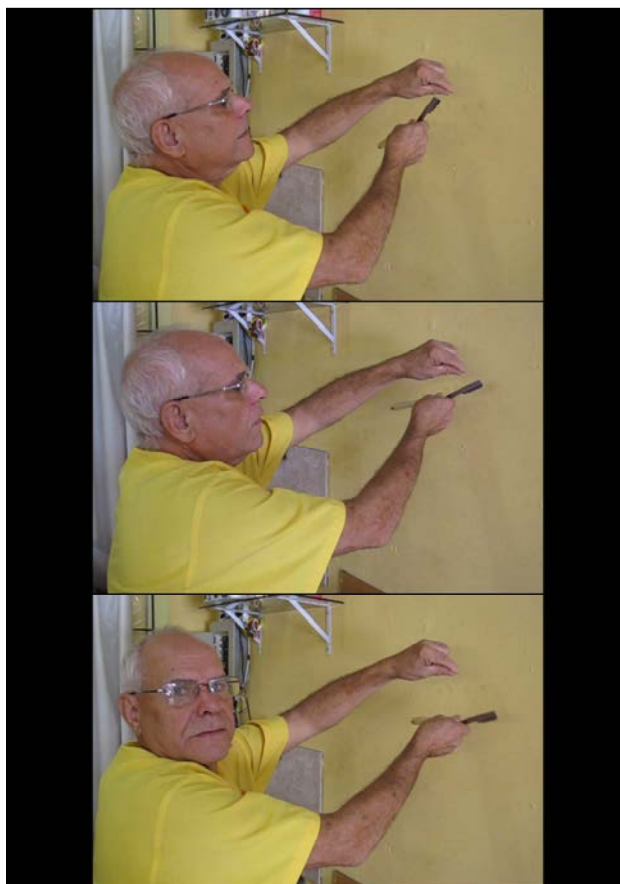
Pedro: Não dava pra pegar e passar de novo?

Jenecy: Não, não. Tinha que se sempre, sempre, sempre, as duas mãos, ó! O negócio era melindroso! E aqui [a barba], aqui tu ficava, mais ou menos, num tipo de uma madeirinha e coisa, aí tu começava aqui ó [faz o gesto com a navalha] assim, até, entendeu, ó...

Pedro: Ficava numa madeira?

Jenecy: Sim, ó... Sempre fazendo aquele joguinho. Tá? Não tinha, não tinha como... Contorno de cabelo também, o contorno de cabelo era com navalha. Tinha que dar muita atenção, né?





Enquanto falava, Seu Jenecy manejava suas ferramentas, primeiro a tesoura e depois a navalha, indicando os movimentos que necessitava repetir durante sua “capacitação”. Algumas expressões de Seu Jenecy como, por exemplo, “Sempre, sempre, sempre, sempre, sempre” evocam a repetição exaustiva desse exercício com as mãos. Semelhante situação foi a de Sidney, que também precisou treinar sozinho com os instrumentos da profissão antes de cortar o cabelo de seus primeiros clientes.

Muitas vezes quando a entrevista era dada como encerrada e o gravador era desligado, a sociabilidade das barbearias – ao menos era o que me parecia, pois achava sempre estar incomodando meus interlocutores em seu horário de trabalho – retomava o seu curso habitual. Era nessas horas que os profissionais faziam revelações uns sobre os outros ou resolviam contar “detalhes” que talvez parecessem irrelevantes para entrar nas entrevistas. Em uma dessas ocasiões, Sidney falou sobre como havia aprendido a fazer o “pente corrido”. Conta ele que, ainda garoto, costumava passar as tardes na barbearia de seu pai e nesse intervalo de tempo era incumbido a praticar um exercício. O menino deveria segurar uma garrafa pet entre os joelhos, sendo que a garrafa deveria estar com a

boca virada para baixo, para então treinar repetidamente com as mãos e os instrumentos da profissão o “pente corrido”. A utilização da garrafa virada ao contrário no exercício é justificada por Sidney: seu formato coincide com a forma anatômica da cabeça humana. A garrafa pet possui a mesma curvatura encontrada entre o fim do pescoço e o osso proeminente situado na parte de trás do crânio chamado de occipital.

Esta repetição tem como objetivo dominar uma técnica manual por meio da educação do corpo, quando o aprendiz tenta igualar seus movimentos aos do mestre. Entretanto, repetir incansavelmente um exercício também significa tentar obter um ritmo na execução desses gestos que é particular a cada barbeiro, mas essencial à prática da profissão em geral. Sennett (2009, p.49) sugere ser o ritmo “a capacidade de sustentar uma repetição”. Ora, esta afirmação se alinha ao que Seu Jenecy declarou sobre o “pente corrido” enquanto um gesto que precisa ser constante e ininterrupto, caso contrário o corte de cabelo é desastroso. Sidney usou a garrafa pet virada ao contrário para habituar-se às formas da matéria com que viria a trabalhar, repetindo sobre elas o “pente corrido”. É relevante ressaltar que estes gestos devem ser sustentados durante toda a jornada de trabalho do barbeiro, o que requer do profissional não apenas habilidade, mas também resistência.

Em sua narrativa sobre o aprendizado, Seu Jenecy evidencia os movimentos que conformam uma tradição da profissão de barbeiro. Como já discuti anteriormente, a difusão e a regularidade de práticas de um saber-fazer (Chevalier, 1991) dentro de um território tão amplo como o Brasil – para considerarmos somente o território nacional – tornam possível que se pense nas práticas de barbeiros como enquanto uma “tradição” no sentido atribuído a este termo por Marcel Mauss (2003) em sua conferência intitulada *As Técnicas do Corpo*. Quando o autor define “técnica” como um “ato tradicional eficaz” (Mauss, 2003, p.407), o elemento tradicional da técnica não diz respeito à autenticidade da mesma em relação a um número de práticas que se mantiveram íntegras apesar da passagem do tempo, mas à idéia de que tais saberes sobre maneiras de agir com – e sobre – o corpo são transmitidos dentro de um contexto cultural.

A eficácia da técnica, por sua vez, é observada no próprio processo de transmissão de conhecimento, pois conforme Mauss, “O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas

quais confia e que têm autoridade sobre ela” (2003, p.405). Portanto, há sempre margem para a transformação de tais técnicas, na medida em que as pessoas as executam de maneira diferente e personalizada, como pude observar em minha etnografia das artes e maneiras de fazer (De Certeau, 1994) nos salões de Porto Alegre. Mesmo dentro de um *métier* como o que barbeiro, em que há varias etapas e micro-operações na feitura de uma barba, por exemplo, alguns sujeitos são mais bem-sucedidos em algumas etapas e outros não o são.

Seu Renato, por exemplo, foi excepcionalmente bem-sucedido na primeira vez em que fez uma barba ao remover o bigode de seu pai sem ferir a pele sensível que fica abaixo do nariz. Seu Francisco, por sua vez, revelou que fazer o contorno do cabelo ou o “pé” é aquilo no que é melhor mais gosta de fazer. Dona Geci confessa que não gosta muito de fazer barbas, mas é consciente de que “sabe cortar cabelos como ninguém”. Assim, por mais que o jovem aprendiz procure reproduzir ou imitar a totalidade dos movimentos do seu mestre de ofício, certamente encontrará por conta de sua própria experiência aqueles procedimentos específicos em que se considera mais bem-sucedido.

A experiência de Seu Francisco como mestre do aprendiz aponta na direção dessas reflexões. Quando o barbeiro diz: “Aí ele veio, passei as instruções pra ele e tu sabe que ele passou a fazer barba melhor do que eu? Fazia barba melhor que eu!”, se envaidece porque seu aprendiz desenvolveu individualidade e características próprias em seu trabalho justamente por ter sido bem ensinado. Mas este ensino, para o aprendiz, não se dá de acordo com cânones imutáveis, estando mais próximo do processo que Ingold chama de “redescobrimto dirigido” (2010, p.21), no qual ocorre uma combinação de imitação com improvisação. Nesse sentido, o barbeiro iniciante aprende os movimentos de sua tradição profissional imitando o mestre e seguindo suas instruções. Porém, precisa improvisar quando se encontra “ao vivo” diante de cabelos e barbas alheias. Seu Jenecy referiu-se a este processo quando lhe perguntei como ele aprendera sua profissão na prática enquanto estudante do SENAC:

Na prática era o seguinte: tu ficava ali um mês e pouco só, só trabalhando a tesoura. Na mão, entendeu? Só na mão. Aí quando o professor, americano, achava que o cara tava numa boa, aí tu levava um cobaia, um cara conhecido lá, entendeu? Aí eu levava uns caras que trabalhavam comigo na ferragem aí pra cortar o cabelo deles (risos). Mas graças a deus nunca dei mancada, tu entende? (risos) Nunca dei mancada, bah! [...] Mas é legal. Foi muito bom lá no SENAC, bah! Mas eles não botam tu pra cortar cabelo

enquanto tu não tiver com uma praticazinha mais ou menos né. O professor achou que o cara ta com uma prática, ah, não tem dúvida: “Ah vai, já vai cortar!” Bah!

Esta se trata de uma etapa crucial na formação de um barbeiro, como aparece na fala de Seu Jenecy. É o momento em que se percebe a diferença entre informação e conhecimento (Ingold, 2010, p.18). Quase um rito iniciático – como se configurou de forma mais evidente na narrativa em que Seu Renato fazia a barba do pai moribundo – o primeiro cabelo ou a primeira barba dificilmente é esquecido. Seu Francisco ainda se recorda com gratidão da pessoa que se voluntariou para ser sua primeira “cobaia”:

Pedro: O senhor se lembra da primeira barba que o senhor fez?

Francisco: Me lembro! Lá em Nova Iguaçu. Lá no salão onde eu fui aprender, tinha rapaz lá que tinha saído de um... seminário. Tinha ido aprender pra padre. É padre, né, o seminário?

Pedro: Aham.

Francisco: Aí o camarada morava em Nova Iguaçu. Aí lá no salão que eu fui aprender tinha ele. Rodrigues, o nome dele. O Rodrigues. O rosto dele e a cabeça dele foi onde eu aprendi tudo, só na barba dele. Fazendo a barba dele todos os dias e cortando o cabelo dele uma vez ou duas por semana, quantas eu quisesse. Ele era a cobaia! Entendeu? E eu aprendi no rosto do Rodrigues. Fazia a barba dele todos os dias, se quisesse treinar duas ou mais vezes por dia ele aceitava. Grande Rodrigues...

Ao afirmar “eu aprendi no rosto do Rodrigues”, Seu Francisco situa seu aprendizado na consubstanciação entre o seu ser e a matéria com que trabalhava. Ele não aprendeu na barbearia, não aprendeu manipulando sozinho os instrumentos, mas sim na sua imersão total neste ambiente que culminou nos infundáveis cortes de cabelo e feiturinhas de barba na figura sacerdotal de Rodrigues. Portanto, percebe-se que este aprendizado não consiste simplesmente na conversão de informações transmitidas em comportamento corporal. Os apontamentos de Ingold (2010) sobre a epistemologia das habilidades adquiridas são válidos, dessa forma, tanto para refletir sobre o aprendizado quanto para pensar a prática cotidiana da profissão de barbeiro, pois a contribuição do ambiente para o desenvolvimento dessas práticas é um evento contínuo na trajetória dos interlocutores desta pesquisa, pois os conhecimentos da profissão e o engajamento ao ambiente serão

vividos de formas tão diversas quanto forem os clientes encontrados ao longo da vida, com seus diferentes tipos de cabelo, barba, pele, formato de cabeça e rosto.

Mas porque enfatizar a diversidade da matéria sobre a qual age um profissional como o barbeiro? Para mostrar que a matéria – ou o ambiente, como preferiria Ingold (2010) – também age sobre o artesão. As reflexões do antropólogo Gregory Bateson (1987, p.325) acerca das decorrências do pensamento cibernético e da abordagem sistêmica sobre a natureza para pensar as relações entre mente e mundo permitem que seja aqui proposto um “circuito” baseado na maneira como se movimenta uma navalha durante o ato de fazer barbas: braço-mão-navalha-rostos. As mãos se movem por meio de leves movimentos realizados pelo pulso, a uma altura determinada pela posição do braço. Os dedos seguram o navalhete, que age sobre a pele aparando os pêlos do rosto. Mas os pêlos do rosto também agem sobre a lâmina que perde o fio e sobre pulso e braço que se cansam ao fim do dia. Vale lembrar que a matéria com a qual o barbeiro trabalha são pessoas. Já observei Seu Jenecy fazer a barba de um senhor falastrão que movimentava muito os músculos do rosto e cortar os cabelos de uma criança inquieta. Em ambos os casos a “matéria” agia “realmente” sobre o barbeiro, sendo necessário que este demonstrasse destreza não apenas para executar seu trabalho, mas para evitar acidentes²⁷. Quando Denis Chevalier (1991) propôs que dominar um saber-fazer significava “antever as reações da matéria” (p.5), talvez não imaginasse que em alguns casos essa afirmação fosse interpretada de modo tão literal.

A diferença entre um neófito e um praticante habilidoso segundo Ingold (2010, p.21) é que o último teria o seu sistema perceptivo – e por percepção entende-se uma “atividade de todo o organismo num ambiente, em vez de uma mente dentro de um corpo” (Ingold, 2010, p.21) – regulado pela experiência e prática acumuladas ao longo da vida. Só assim se torna possível prever os movimentos da matéria e imiscuir a consciência no próprio objeto de sua atenção. Portanto, encerro esta discussão com algumas palavras de Seu Renato:

O aperfeiçoamento vem no tempo. Perguntei depois pra um colega que tava trabalhando: “Em quanto tempo posso me considerar um bom

²⁷ O próprio Jenecy já confessou quase ter extirpado com a navalha um pedaço da orelha de um cliente que, estupefato diante das curvas de Wilza Carla nua em uma revista, moveu-se rápido demais na poltrona do barbeiro.

profissional?” [O colega respondeu] “Olha, sem medo de errar: depois de vinte anos tu vai saber o que tu tá fazendo [risos]”. E assim foi.

5.7. A feitura da barba

Denis Chevalier (1991), ao discutir sobre como devem ser realizadas as investigações em torno do campo dos “saberes e fazeres”, define estes enquanto um *objet introuvable* (Chevalier, 1991, p.9) por três razões. Em primeiro lugar, na caracterização de um “saber-fazer” é difícil determinar exatamente o que é “tradicional” e o que não é. Isto é o que procurei mostrar ao descrever as práticas, técnicas, gestos e manuseio de instrumentos que são aprendidos e utilizados no cotidiano pelos barbeiros com os quais pesquisei.

Em segundo lugar, o conhecimento adquirido no aprendizado de um “saber-fazer” não é inteiramente racionalizado, sendo difícil para os especialistas exporem objetivamente suas práticas com palavras. Em alguns casos como de Seu Bráulio ao me contar como se usa uma navalha ou de Joel ao referir-se ao gesto do “pente corrido” como o que diferencia a profissão de barbeiro, há uma certa racionalização sobre o “saber-fazer”. Mas a verbalização desse “saber-fazer” não se furta da companhia de uma miríade de gesticulações, expressões faciais, onomatopéias, enfim, performances que indicam *como* fazer, ao invés de *o que* fazer.

Em terceiro lugar, um “saber-fazer” é um “objeto inexistente” porque pertence à ordem do vivido. Esta terceira característica é uma consequência lógica e uma síntese das duas primeiras. Pois se cada cabelo ou barba é diferente, então os expedientes utilizados não serão os mesmos em todo caso, variando tanto quanto forem os tipos de cabelo e barba e os formatos de cabeça e de rosto. Então, se os saberes e fazeres de um profissional como o barbeiro ou a barbeira são da ordem do vivido a etnografia como método de pesquisa me favorece, pois permite que eu tome parte nessa ordem. Experimentemos assim as sensações, vivenciemos no próprio corpo a fluidez e imprevisibilidade do saber-fazer de barbeiras e barbeiros, ao invés de esperar que estes profissionais narrem objetivamente suas práticas. É dessa forma que justifico, para o caso desta pesquisa, ter me submetido às mãos de alguns barbeiros e uma barbeira, sendo a descrição da feitura de barba que segue baseada em uma das vezes em que Seu Renato me atendeu na Barbearia Elegante.

Em um sábado (um dia mais calmo no salão) do mês de setembro de 2010 fui à barbearia para tentar entrevistar Dona Geci, justamente quem não encontrei no local. Seu Renato estava no salão e resolvi deixar que ele fizesse a minha barba pela primeira vez. Foi uma grata surpresa: posso dizer que seu Renato é um exímio barbeiro, pois eu praticamente não sentia a sua lâmina tocar meu rosto. Durante o barbear, sabia que algo passava de baixo para cima e de cima para baixo em meu rosto, mas não parecia ser uma lâmina, era mais próximo de um espanador de pó. Muitas vezes a feitura da barba é um processo um tanto custoso e até incômodo para mim, pois como o próprio Renato constatou, minha barba é espessa, mas minha pele é fina. Qualquer movimento mais brusco é capaz de me ferir, ou de “estourar” minha pele, como dizem os barbeiros. Eu disse a seu Renato que quase não conseguia sentir a lâmina no meu rosto e ele me respondeu: “São mais de 41 anos fazendo a mesma coisa”.

Sentei-me na cadeira e ele envolveu meu pescoço com o avental. Seu Renato começa perguntando: “Como vai ser?”. Eu respondo: “Deixa só o cavanhaque.” Então ele fala apontando com o dedo para minha costeleta: “Vai querer acima da orelha, no meio ou abaixo?”. Eu tinha pensado em fazer um desenho diferente na minha barba, no entanto percebi que o barbeiro tinha seu repertório de opções relativas ao formato da barba e resolvi agir de acordo com as alternativas que ele havia me dado. Pedi que cortasse abaixo da orelha. Seu Renato começa com a máquina elétrica de cortar cabelo. Ele primeiro tira os excessos de barba para depois desenhar o formato que combinamos. Nesse momento perco um de meus instrumentos essenciais para a pesquisa: o olhar. Ele reclinou a poltrona colocou sobre meus olhos uma toalha de rosto dobrada. Disse ele que aquilo protegeria minha vista e realmente a protegeu dos resíduos capilares que eram lançados ao ar pela máquina elétrica.

Depois de tirar o excesso da barba, Seu Renato aparou o cavanhaque, isto é, baixou o seu volume. A máquina utilizada por cabeleireiros e barbeiros geralmente vem acompanhada de um conjunto de “pentes” que, acoplados próximo às lâminas da máquina, ajudam a definir o quão rente ao rosto ficará a barba. Seu Renato, pelo que percebi, não utiliza esses pentes, baixando o volume de minha barba por meio da inspeção visual. Uma das técnicas utilizadas pelo barbeiro me chama atenção: para obter precisão no gesto enquanto reduz o volume de minha barba com a máquina, ele coloca uma mão sobre o meu peito e essa mão serve de apoio à outra que segura a máquina elétrica.

Depois dessa etapa ele passa a utilizar o navalhete. Como narrei alguns parágrafos acima, praticamente não sinto a lâmina e seus toques são leves e precisos. Seu Renato manipula a pele do meu rosto, apertando minhas bochechas em cima e em baixo para deixar os pelos em condições de serem extraídos pela lâmina. Nesse momento eu ainda não fazia idéia de como estava o meu rosto, pois a toalha ainda está sobre meus olhos. Ele termina o barbear e usa o secador para ajudar a espanar os restos de pêlo que ficaram em meu rosto e no pescoço. Volto para casa com o rosto sem o mínimo sinal de aspereza e sem ferimentos.

5.8. O corte de cabelo

Como retribuição por algumas fotos suas e de sua barbearia que lhe retornei, Seu Francisco do Bairro do Bom Fim se propôs a cortar meu cabelo. Com alguns fios rebeldes, reconhecendo a necessidade de um corte naquele momento e, é claro, deixando Seu Francisco retribuir o dom que lhe concedi, aceitei que ele cortasse meu cabelo. Ele começa com a máquina elétrica de cortar cabelo. Corta apenas nas laterais e na nuca, deixando minha cabeça parecida com uma figueira frondosa. Desliga a máquina e pega tesoura e pente, começando uma nova etapa que consistia em nivelar as partes inferior e superior do cabelo.

Ele então inicia o pente corrido, mas o faz diferente dos outros barbeiros que observei trabalharem. Seu estilo é turbulento e caótico. Seu Francisco vai puxando o cabelo com o pente sempre para cima, cortando as mechas no alto da cabeça. Realiza esse procedimento dos dois lados da cabeça, para frente e para trás. Foi difícil imaginar que meu cabelo ficaria bom sendo cortado daquela forma, mas Seu Francisco sabe o que faz no alto de seus 50 anos de profissão.

Ao longo do corte meu cabelo foi progressivamente tomando forma, assim como as mãos do barbeiro foram se tornando cada vez mais calmas e compassadas. Após cortar bastante a parte de cima. Chico tira o desnível deixado pela máquina fazendo o “pente corrido”. Falta apenas o acabamento, isto é, o “fazer o pézinho”. No dia anterior o barbeiro havia me falado que essa era a etapa do corte que ele mais gostava de fazer e me pediu que

eu tirasse fotos justamente desse processo. Primeiro contorna minhas orelhas e a nuca com a tesoura, preparando o terreno para a navalha que passará por estes mesmos lugares.

Ele então vai até sua bancada, pega sua espuma para barbear e a mistura em um pequeno recipiente de metal com um pouco de água quente retirada de um chuveiro elétrico que o barbeiro adaptou como torneira para a pia que tem no salão. Em seguida passa com o dedo a espuma com água quente nos locais onde vai fazer os contornos com a navalha. Vem a navalha e seus golpes são secos, rápidos e precisos, nunca duas vezes no mesmo lugar. O resultado são as linhas retas e a forma retangular do cabelo na nuca. Seu Francisco ainda faz a navalha correr verticalmente sobre a parte de trás de meu pescoço, de forma a “limpar” essa área da penugem que ele considera indesejável e para mim é quase imperceptível.

Para Seu Francisco ainda é necessária uma última etapa ao cortar meu cabelo. Ora fazendo o “pente corrido”, ora somente com a tesoura, ele percorre meu cabelo cortando as pontas e os fios mais salientes que ainda restaram após o principal do corte, como se estivesse realmente moldando uma matéria, buscando a forma perfeita em uma superfície sem rugosidades. Borrifa água no meu cabelo e o penteia para trás com um pente fino. O barbeiro desabotoa o avental preso em meu pescoço e espana parte do meu rosto, pescoço e as costas. O corte está terminado.

Capítulo 6

Uma profissão vibrando no tempo da cidade

46 ZERO HORA QUARTA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO DE 2011

Almanaque Gaúcho www.zeroho

RICARDO CHAVES com Luís Bissigo

Barba & Cabelo

Tanto quanto as roupas que vestem o corpo, o cabelo, que cobre a cabeça, também reflete a moda e o tempo. Atualmente, vemos por aí verdadeiras esculturas capilares masculinas. Esse agora tão usado e informal despenteado (impensável na época de "fixadores" como Glostora e Gumex, décadas atrás) é fruto de um elaborado processo que visa a atingir esse difícil aspecto de desconstrução total. Nada contra. Nos anos 1950, quando eu era guri, talvez influenciados pelo pós-guerra, todos os garotos adotavam o corte Cadete. Uma linha horizontal separava o cabelo no alto da cabeça. Dessa linha para baixo, podia ser 2, mais compridinho, ou zero, quase raspado. A molecada mais inquieta era levada pela mãe à loja Renner, onde um cineminha com projeção de desenhos animados distraía o pequeno cliente – que ficava sentado numa tabuinha colocada sobre os braços da cadeira de barbeiro, enquanto o serviço era feito.

Nos 1960, vieram os Beatles e os hippies, com suas cabeleiras. Quase extinguíram a profissão de barbeiro. Os barbudos da Revolução Cubana também deram sua contribuição. Navalha e gilete, como se dizia então: já eram. No moderno culto ao vintage, busca-se o clima daquele tradicional Salão de Barbeiros. Se na prateleira ao lado do espelho estiverem vidros de Quina Petróleo e Água Velva, melhor ainda.

No alto, salão de barbeiro sob os arcos do Viaduto Otávio Rocha, no início dos anos 1970. Acima, navalha alemã Solingen. Ao lado, anúncio da Água Velva

RICARDO CHAVES, ED. FOTOS REPRODUZIDAS





6.1. Do ofício à profissão

Até o momento utilizei indiscriminadamente os termos “profissão” e “ofício” para me referir à ocupação de meus interlocutores. Estes dois termos, no entanto, referem-se a processos distintos de formação e aprendizagem das artes de barbear e cortar cabelo. Além disso, “ofício” e “profissão” também atuam como marcadores, nas suas respectivas acepções, da passagem de formas artesanais para formas industriais de produção, o que remete às transformações ocorridas no mundo do trabalho com o advento da industrialização nas sociedades ocidentais e com a racionalização e normatização do trabalho.

Autores como Leite Lopes (1976) permitem que sejam lançadas algumas questões sobre este tema, na medida em que o autor reflete sobre as transformações das relações de trabalho em um Brasil em processo de industrialização. A esse respeito, um dos aspectos de sua análise que chama atenção está relacionado à “profissionalização do trabalhador” (Leite Lopes, 1976, p. 65), processo que se dá mediante a desarticulação dos antigos laços de aprendizado e redes sociais (Bott, 1976) que caracterizariam a prática de um ofício.

Nesse sentido, o autor situa a dimensão do ofício em um contexto pré-industrial em que a aprendizagem de uma arte ou saber-fazer se dava em função da transmissão direta de conhecimento de pai para filho ou de mestre para aprendiz em situações domésticas, quando a aquisição de habilidades manuais estava ligada a anos de experimentação e prática, tal como ocorreu com Joel e Sidney, que aprenderam a profissão aos poucos durante as tardes que passavam nas barbearias de seus respectivos pais. O caso de Seu Francisco também é emblemático se quisermos observar a atuação de redes sociais e relações de aprendizado “tradicionais”, já que para se tornar barbeiro Seu Francisco precisou assumir a condição de aprendiz em uma barbearia cujo dono era amigo de seu tio.

Aliás, que condição ambígua é esta do aprendiz. O aprendiz é alguém que precisa trabalhar exaustivamente para adquirir um saber relativo a um ofício, mas não recebe remuneração por esse trabalho. Ainda assim, ele é grato ao seu mestre por este disponibilizar de seu tempo e estar disposto a compartilhar um saber-fazer que constitui o seu meio de vida. O aprendiz não recebe remuneração por que paga com seu trabalho pelo aprendizado de um ofício que o sustentará pela vida inteira.

A regulamentação das relações de trabalho somada aos aparelhamentos jurídicos que defendem a criança e o adolescente, que classificam e separam em compartimentos as esferas da vida social não tardariam em qualificar a situação do aprendiz como trabalho infantil ou trabalho compulsório. Chega-se inclusive ao ponto de alguém como Seu Francisco se dizer receoso em contratar alguém para trabalhar junto com ele em seu salão, tendo em vista o risco de ser processado ou “jogado na justiça”. E, no entanto, as relações entre mestre e aprendiz estavam fundadas em laços pessoais, orientadas por acordos fixados apenas por palavras, seja entre o barbeiro mais velho e o jovem iniciante, seja entre o mestre e algum adulto responsável pelo jovem que se tornaria aprendiz.

Quando o ofício se torna profissão, sendo esta uma consequência da industrialização, do crescimento das cidades e do aumento da divisão social do trabalho, este processo é marcado pela especialização e domesticação do saber do trabalhador. Este trabalhador, ao contrário do antigo artesão de ofício, não possuiria mais a visão holista sobre o processo de produção no qual está inserido (Leite Lopes, 1976, p.65). Se a leitura marxista de Leite Lopes enfatiza o caráter holista do aprendizado do artesão como ligado ao processo de produção, arrisco-me a propor que este caráter holista está ligado à própria concepção do artesão sobre si no mundo. Isso significa que o aprendizado de um ofício não se restringiria apenas à capacitação para atuar de forma bem sucedida em um âmbito da vida social (o profissional), mas constituiria o aprendizado de si próprio como pessoa e como parte de uma rede que conforma uma tradição de saberes e fazeres.

Quando afirmo, baseado nas reflexões de Leite Lopes (1976), que as “artes de fazer” (De Certeau, 1994) de trabalhadores como o barbeiro sofreram nas sociedades contemporâneas um processo de profissionalização, estou apontando para algumas questões surgidas em campo a partir das quais observo que a aprendizagem dos saberes de barbeiro vem se desvinculando progressivamente dos contextos domésticos e de acordos baseados nas palavras das partes interessadas. As redes de ingresso na profissão e das trajetórias de trabalho mostradas no Capítulo 4 revelam a existência de cursos técnicos em escolas e em outras instituições que legitimam a formação de profissionais na área da beleza mediante a emissão de diplomas, tornando-os idealmente aptos a atuarem no mercado de trabalho.

6.2. Os cursos e escolas de cabeleireiros

A princípio, estive ciente apenas do SENAC como instituição formadora de barbeiros como Seu Renato e Seu Jenecy. Em uma visita ao site dessa instituição de ensino²⁸ percebi que o curso de barbeiro já não é mais oferecido. Entre os “Cursos de formação e aperfeiçoamento”, dentro da área “Beleza”, encontra-se entre outros o curso intitulado “Cabeleireiro”, descrito no site da seguinte forma:

O curso apresenta conhecimentos de estrutura capilar, técnicas diversas de corte, escova, colorimetria, entre outros. Também desenvolverá noções básicas de gestão do negócio. Essa visão geral da profissão é proporcionada em uma infraestrutura adequada, com professores atualizados com as novas tendências.

Este curso tem duração de 400 horas e dura em média quatro meses e meio, já que começaria em fevereiro e terminaria em julho de 2012. O investimento, à vista, seria de R\$ 2.546,00, valor que pode ser parcelado. Com o decorrer da pesquisa, a partir de conversas informais e trechos de entrevista fui levado ao conhecimento de outras escolas em que barbeiros e cabeleireiros eram formados. Em uma entrevista, enquanto falava sobre as diferenças entre barbeiros, cabeleireiros e os cabeleireiros que são formados nos dias de hoje, Joel mencionou as escolas de cabeleireiro situadas no Centro de Porto Alegre:

Joel: E outra coisa, se tu quer conhecer, vai na galeria do Rosário que tu vai ver como é que começa um cabeleireiro. O dito cabeleireiro básico. A cada cem mil que saem dali vai sair um que vai abrir um salão e fazer clientela. E só dão a máquina pros caras. O cara passa a vida toda só usando a máquina dentro do salão [...] Tu vai na galeria do Rosário e chega lá, diz que tu tá fazendo uma tese e diz que tu quer saber como se formam os cabeleireiros. Aí que tu vai agregar as duas diferenças. A maioria aqui de nós não fez cursinho, eu nunca fui. Mas aí tu vê como é que eles formam os caras, na galeria do Rosário, é um monte que tem ali. Que lá eles não ensinam o básico pra cortar um cabelo masculino, que seria o quê? Tu tem que saber fazer um pente corrido, porque senão tu não vai conseguir cortar um cabelo masculino. Então se tu vai pegar um cara que tá se formando agora, ele não vai fazer.

Pedro: E onde fica essa Galeria do Rosário?

Joel: Sabe a Andradas aqui? Sabe a C&A? Aquela rua antes da C&A é a Vigário. Entra nela e tu já vai olhar a Igreja do Rosário de um lado e a Galeria do Rosário do outro. Só entra ali e pergunta: onde é o curso de cabeleireiro, o Peres?

²⁸ <http://portal.senacrs.com.br/site/cursosDetalhe.asp?idCurso=3641> (acesso em 17 de dezembro de 2011)

Pedro: Eu pensei que era no SENAC que fazia...

Mas é, o SENAC é o famoso! O SENAC é só os top, o SENAC é caríssimo! E esse aí tu vai pegar o povão querendo aprender!

Mais uma vez aparece nas palavras de um barbeiro o descontentamento em relação à negligência de alguns dos novos profissionais face aos gestos característicos da profissão de barbeiro como o pente corrido, por exemplo, além da má utilização das máquinas de cortar cabelo. No entanto, a crítica de Joel se dá principalmente na direção da qualidade dos serviços prestados pelos cabeleireiros de hoje em dia: “Tu tem que saber fazer um pente corrido, porque senão tu não vai conseguir cortar um cabelo masculino”, diz o barbeiro/cabeleireiro masculino. Mas talvez devamos considerar mais um trecho de uma entrevista com Seu Jenecy para chegar a uma questão fundamental presente no relato de Joel. Embora diversas na forma, as palavras de Seu Jenecy ressoam na opinião expressada anteriormente por Joel:

A minha profissão é uma das mais desmoralizadas que existe. É só um guri ou uma senhora fazer um cursinho de três meses que já sai cortando cabelo. Aí a senhora faz um curso e lá na zona dela ela coloca uma placa dizendo “corta-se cabelo” e ela já começa a cortar cabelo assim, na marra

Os aspectos das transformações da profissão de barbeiro – que é vista pelos interlocutores ora em confronto, ora em consonância com a profissão de cabeleireiro – trazidos à tona por Seu Jenecy e Joel dizem respeito principalmente à popularização de suas práticas profissionais, muito em função da difusão das máquinas elétricas de cortar cabelo, o que nem sempre é acompanhado de um acréscimo na qualidade dos serviços prestados. Em outras palavras, há um contraste colocado entre um ofício que antes era transmitido de pai para filho, de mestre para aprendiz e uma profissão cujo aprendizado é mediado por instituições, do mesmo modo que se percebe o descompasso entre a exclusividade da relação de aprendizado do ofício e a massificação do ensino da profissão. Estes são elementos que na contemporaneidade evocam idéias como a perda da *aura* e do *glamour* do ofício de barbeiro e cabeleireiro.

6.3. Uma profissão no devir de um centro urbano

A idéia da perda do glamour da profissão de barbeiro reverbera nas concepções sobre a perda do glamour do próprio Centro de Porto Alegre que aparecem na etnografia de Thaís Cunnegato sobre a memória da Rua da Praia (2009). No capítulo 2, aos percursos que realizei pelo Centro de Porto Alegre se sobrepôs uma “geografia sentimental do bairro” (Sansot, 1988) revelada pela memória de alguns de meus colaboradores como Sidney, por exemplo, o qual falou sobre algumas das antigas barbearias de Porto Alegre como o Salão Regente na Rua da Praia e o Salão Londres na Galeria Chaves. A partir das conversas que tive com barbeiros como Sidney, Seu Jenecy e Joel, pude perceber o contraste que se projetou entre as imagens dos antigos salões de barbeiros do Centro e as novas escolas de cabeleireiro que se situam nesse mesmo espaço. Lado a lado se puseram a luxuosa e imponente Galeria Chaves, que abrigava o Salão Londres, e a escura e insalubre Galeria do Rosário, onde funciona o curso de cabeleireiro do Peres.

Estas escolas como a do Peres, nas quais o “povão” vai aprender, trazem à tona a popularização da profissão de cabeleireiro, o que muitas vezes acontece em função da possibilidade de uma formação profissional de baixo investimento (pelo menos em comparação com o SENAC) e rápidos resultados, já que depois de em média três meses os alunos dessas escolas são liberados para o mercado de trabalho. Além disso, esta formação instrumentalizada visando lançar os profissionais o mais rápido possível no mercado de trabalho acaba omitindo alguns aspectos que seriam caros à prática da profissão de barbeiro, principalmente no que diz respeito às operações que necessitam do uso da navalha. Seu Jenecy uma vez comentou a respeito da formação profissional de seu filho Mirion, que também é barbeiro: “O Mirion, ele fez um cursinho aqui na Galeria Malcom. Mas tu acha que ele sabia fazer barba? Não, fui eu que ensinei pra ele.”

Por sua vez, as antigas barbearias do Centro da cidade – como o Salão Londres situado no interior da bela Galeria Chaves ou o Salão Regente em plena Rua da Praia com suas vinte cadeiras sob os cuidados de vinte barbeiros – constituem indícios da prosperidade e prestígio desta categoria profissional, além de serem a própria imagem da riqueza e requinte do antigo Centro de Porto Alegre. É justamente este lugar que aparece em narrativas orais como a de Seu Renato (capítulo 1), em escritos de cronistas como Nilo Ruschel e nas memórias dos interlocutores de Cunnegato (2009) como um espaço de

sociabilidade e lazer das classes mais abastadas da capital. Mas a presença de amplos salões com vinte cadeiras de barbeiros também remete às transformações dos estilos de vida ligados às formas de viver o Centro da cidade por parte de seus habitantes.

O ritmo da vida cotidiana que permite a um homem se dirigir a uma barbearia talvez mais de uma vez por semana para deixar-se barbear lenta e cuidadosamente pelo fio de uma navalha é o mesmo ritmo do *footing* (Cunnegato, 2009, p.123) na rua da praia ao fim de tarde e do olhar as vitrines descompromissadamente. O desfile das moças e dos rapazes na Rua da Praia deu lugar ao trânsito incessante de pedestres a passos tão rápidos que Dona Ursel, uma senhora idosa com dificuldades de locomoção que foi interlocutora de Thaís Cunnegato (2009, p.114), já nem se aventura a andar pelo Centro de Porto Alegre com medo de ser derrubada pelos choques com a multidão apressada.

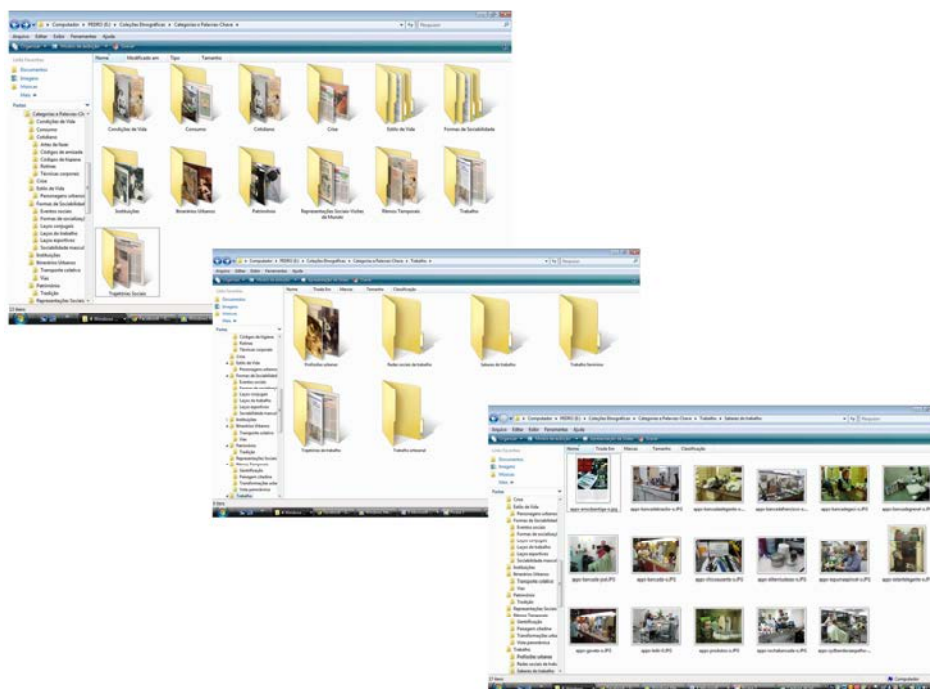
Assim, o que aparece é a imagem de um Centro massificado, da mesma forma que ocorre com o ofício de barbeiro, massificado em decorrência de sua aproximação à profissão de cabeleireiro. Nos relatos dos interlocutores de Cunnegato (2009) consigo imaginar os rostos, as roupas e os passos das pessoas a caminhar pela Rua da Praia. Mas ao caminhar pela mesma rua às 18 horas de uma sexta-feira mal consigo distinguir um corpo do outro em meio à multidão. Da mesma forma, consigo devanear sobre as maneiras e os nomes dos vinte barbeiros do Salão Regente e pensar em vinte senhores diferentes sentados cada qual em uma cadeira. Porém, só vejo como um vulto saindo da Galeria do Rosário as centenas de profissionais formados pelo curso de cabeleireiro do Peres.

Capítulo 7

Coleções etnográficas:

“Etnografando as barbearias da cidade: estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)”

As categorias e palavras-chave que opero orientado pelo Projeto “Trabalho e Cidade: etnografia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea” desenvolvido no âmbito da pesquisa sobre memória coletiva em contextos urbanos contemporâneos do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, (Eckert e Rocha, 2008) configuram as “coleções etnográficas” (Rocha, 2009) às quais este trabalho deu origem. Tais coleções estão organizadas em pastas de arquivos contidas no CD de dados que acompanha a dissertação, estando agrupadas em primeira instância em categorias que se subdividem em palavras-chave. Nesse sentido, a pasta da categoria “Trabalho” se desdobra em outras pastas que correspondem – no caso desta dissertação – a palavras chave como “Profissões urbanas”, “Redes Sociais de trabalho”, “Saberes do trabalho”, “Trabalho feminino” ou “Trajetórias de trabalho”.



Ao longo da dissertação o leitor foi direcionado para as coleções etnográficas sempre que necessário. Nesse sentido, a orientação para as coleções se dá conforme a localização dos arquivos para os quais o leitor está sendo direcionado e segundo as coordenadas [a – b], em que “a” é igual à categoria na qual estão inclusas uma ou mais palavras-chave representadas por “b”.

Considerações finais

4 ZERO HORA, SÁBADO, 28 DE JANEIRO DE 2012

Reportagem Especial

ENTRE PAPOS E NAVALHAS

Causos de barbearia

No momento em que a profissão é regulamentada, barbeiros revelam as histórias que colecionaram em seus salões, tradicionais espaços de convivência e de bate-papo

JOICE BACELO e LUÍS BISSIGO

Era um dia de muito movimento no salão do barbeiro Osmar Peixoto, no segundo pavimento do antigo Aeroporto Salgado Filho. De repente, o humorista Jô Soares entrou no recinto com urgência de se barbear. Como a fila era grande e ninguém pôde ou quis ceder o lugar ao visitante ilustre, Peixoto resolveu emprestar os apetrechos. Foi assim que, em um dia dos anos 80, no auge da fama, Jô teve de se barbear sozinho, diante de olhares curiosos, em uma pia do aeroporto da Capital.

Causos como esse costumam ser colecionados por todo barbeiro que se preze. Mais cedo ou mais tarde, dependendo da velocidade de crescimento dos pelos, todo mundo tem de fazer uma visita a esses profissionais – quase 150 mil no Rio Grande do Sul, incluindo os cabeleireiros. E então, na proximidade inevitável que surge entre barbeiro e cliente enquanto barbas, bigodes e cabelos são aparados, contam-se histórias, trocam-se confidências, constroem-se amizades.

Depois de 53 anos de carreira, 36 deles no Salgado Filho – primeiro no prédio antigo, hoje no terceiro piso do Terminal 1 –, Peixoto decidiu colocar 80 desses causos saborosos no papel. O resultado é o livro *Cadeira de Barbeiro*, de 112 páginas, em lançamento pela editora AGE. Entre os episódios evocados está a visita de Jô Soares.

— Ele mesmo fez a barba. Fiquei impressionado com a largura das costas dele e com a branqueira da pele. Ele foi bacana, descontraído, o mesmo da

OSMAR PEIXOTO
Barbeiro há 53 anos

“
Não gosto de horário marcado, porque ninguém cumpre horários. A relação entre o barbeiro e o cliente surge por acaso. O barbeiro tem de se adaptar ao cliente

empresários e políticos. Entre eles está o atual governador, Tasso Genro – que teve o cabelo cortado por Peixoto pela primeira vez na época em que iria assumir o cargo de vice-prefeito de Porto Alegre, em 1989. Desde então, o barbeiro de 73 anos já atendeu o político são-borjense em casa, na prefeitura e no Palácio Piratini. Tasso assina o prefácio do livro.

Outro personagem com passagem curiosa pela cadeira de Peixoto é o atual técnico da Seleção Brasileira, Mano Menezes. Em 2007, o treinador frequentava o salão em momentos bem particulares – sempre às vésperas de jogos decisivos do Grêmio na Libertadores.

O colorado Peixoto não poupa simpatia ao cliente (“Um gremista e um colorado são a mesma coisa, para que se ofender?”, ensina), mas estranhou a ausência de Mano nos dias que antecederam a decisão contra o Boca Juniors, na qual o tricolor acabou derrotado. Ele estava lá, à espera.

— O barbeiro tem que ter um horário pé de chumbo, tem de estar sempre ali. O cliente tem de se sentir acolhido.

A dica que escrever um livro sobre sua vivência de barbeiro, conta ele, veio dos próprios frequentes:

— As pessoas me dizem que eu tinha de contar essas histórias. Eu pensava: “Isso não dá um livrinho?”. Resolvi pôr a mão na massa e vi que tinha bastante coisa. Trabalhei nisso ao longo de 2011.

joice.bacelo@zerohora.com.br
luis.bissigo@zerohora.com.br

TV. O atrito foi na hora de pagar. Ele queria pagar, mas eu disse que quem devia pagar era eu, que o via de graça toda semana na TV.

O livro de Peixoto aparece em um momento de valorização do ofício. No dia 18, atendendo a uma antiga reivindicação, Dilma Rousseff sancionou a Lei nº 12.592, que regulamenta as atividades de cabeleireiro, barbeiro, esteticista e manicure.

Clientes incluem famosos e poderosos

Uma das características desses profissionais é fazer a cabeça – pelo menos no sentido literal – de celebridades e poderosos. Na lista de Peixoto aparecem o bispo e ex-presidente da CNBB Ivo Lorscheiter (1927-2007), o escritor Erico Verissimo (1905-1975) e grande quantidade de




Com mais de meio século de carreira e uma série de clientes ilustres, como o governador Tasso Genro, Peixoto reúne histórias em livro



(Jornal Zero Hora, 28 de janeiro de 2012)

Ao apagar das luzes destes escritos, quando me encontro prestes a submeter a dissertação à apreciação da comunidade de comunicação de antropólogos urbanos, do trabalho e da imagem, deparo-me com uma matéria em um jornal de grande circulação em Porto Alegre. A edição de 28 de janeiro de 2012 do jornal Zero Hora trouxe uma reportagem especial escrita por Joice Bacelo e Luís Bissigo sobre “causos de barbearias” nas cidades de Porto Alegre e Pelotas. Nessa reportagem aparece, entre outros profissionais, o barbeiro Osmar (73 anos), profissional que atua na barbearia do Aeroporto Salgado Filho há 36 anos e que está lançando um livro de memórias ligadas ao exercício de sua profissão.

O livro, cujo prefácio é assinado pelo atual governador do Rio Grande do Sul Tarso Genro, um dos mais ilustres clientes de Osmar, é lançado em uma conjuntura na qual o ofício de barbeiro é colocado em evidência pelos meios de comunicação. A reportagem afirma que este é “um momento de valorização do ofício” no Brasil em virtude da Presidenta da República Dilma Rousseff ter sancionado a Lei nº 12.592, que dispõe sobre o exercício das atividades profissionais de Cabeleireiro, Barbeiro, Esteticista, Manicure, Pedicure, Depilador e Maquiador.

Publicada no Diário Oficial da União no dia 19 de janeiro de 2012, a lei define²⁹ em todo o território nacional as atribuições desses profissionais como relacionadas à “higiene e embelezamento capilar, estético, facial e corporal dos indivíduos” (Art. 1º), além de normatizar suas condições de trabalho, na medida em que determina no Artigo 4º: “Os profissionais de que trata esta Lei deverão obedecer às normas sanitárias, efetuando a esterilização de materiais e utensílios utilizados no atendimento a seus clientes”. Chama atenção, entretanto, que justamente no ano 2012 uma lei como esta seja promulgada, reavivando algumas das discussões realizada neste trabalho sobre a profissionalização do ofício de barbeiro e à normatização de suas atividades enquanto aspectos que atravessam a trajetória da profissão de barbeiro como atividade profissional no Brasil.

Mas ainda existem outros elementos da lei que ressoam em questões apresentadas ao longo desta dissertação. A Lei 12.592 de 18 de janeiro de 2012 é uma resposta ao Projeto de Lei nº 112 de 2007, já que os seus artigos 2º e 3º vetam alguns dispositivos do

²⁹ O texto desta lei pode ser conferido no site https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112592.htm (acesso em 04 de fevereiro de 2012)

referido Projeto. Entre os dispositivos vetados estavam as exigências de que os profissionais que trabalhassem como barbeiro, cabeleireiro, esteticista, maquiador e etc. possuísem diploma de ensino fundamental e tivessem formação na sua área de atuação fornecida por instituições públicas ou privadas que fossem reconhecidas legalmente. Ora, essas resoluções apontam para o sentido contrário ao que temos discutido, isto é, a desarticulação das antigas redes de relações responsáveis por formar barbeiros e barbeiras com base na aproximação entre mestre e aprendiz que progressivamente dão lugar ao ensino institucionalizado da profissão em locais como o SENAC.

Sendo assim, a partir de 18 de janeiro de 2012 não é mais necessário, ao menos formalmente, que um barbeiro, cabeleireiro, manicure ou esteticista realize um curso técnico ou profissionalizante para se legitimar como profissional diante do Estado. Os vetos foram justificados com base na própria Constituição Nacional que “em seu art. 5º, inciso XIII, assegura o livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, cabendo a imposição de restrições apenas quando houver a possibilidade de ocorrer algum dano à sociedade.” A lei reconhece a legitimidade de formas de aprendizado dessas profissões que acontecem fora de instituições, tal como foi mostrado nesta dissertação quando apresentei a trajetória de trabalho dos interlocutores da pesquisa, em especial aqueles que tinham antecedentes familiares ligados à atividade de barbeiro. Ao mesmo tempo, a lei estabelece a obrigatoriedade de estes profissionais obedecerem às normas sanitárias esterilizando seus instrumentos e utensílios.

No site do Sindicato dos Esteticistas Técnicos e Tecnólogos do Estado do Rio de Janeiro (SINDESTÉTICA-RJ)³⁰, uma das principais dúvidas referentes à nova legislação diz respeito a quem seriam os responsáveis pela fiscalização das condições sanitárias de trabalho. A resposta encontrada no site é de que as Secretarias Estaduais de Saúde ficam responsáveis por supervisionar os profissionais e as Vigilâncias Sanitárias Municipais fiscalizam os estabelecimentos. Nesse sentido, revelam-se as ações de um Estado liberal que garante as liberdades individuais de seus cidadãos por meio da normatização da vida social. Isso não significaria que passará a existir um controle permanente sobre as condições sanitárias com que se pratica o ofício de barbeiro. Em vez disso, fiscalizações

³⁰ Conferir em <http://sindesteticarj.blogspot.com/2012/01/questionamento-dos-esteticistas-sobre.html> (acesso em 04 de fevereiro de 2012)

sazonais e em grande escala são realizadas para criar antecedentes legais que previnam futuros conflitos entre barbeiros, barbeiras, manicures, esteticistas e seus clientes. Ou seja, com exceção de pequenos surtos esporádicos de fiscalização em massa, tudo continua praticamente como era antes.

Todos os profissionais com quem tive contato utilizavam lâminas descartáveis, trocando-as cada vez que mudava o cliente. A manicure Maria foi bem enfática em relação à esterilização de seus instrumentos e materiais. A difusão da utilização de utensílios e ferramentas de plástico também favorece a observância das normas de higiene prescritas, já que tudo é descartado após o uso sem a necessidade de esterilização. Surpreendi-me quando Seu Jenecy e os profissionais da Barbearia Elegante afirmaram não existir nenhum órgão que fiscalizasse as condições sanitárias de seu trabalho. Mas nada impede que estes conhecimentos sobre as normas sanitárias e ao manuseio dos instrumentos da profissão de forma segura contra doenças contagiosas sejam parte das “artes de fazer” (De Certeau, 1994) dos barbeiros, integrando o “campo de práticas” (Ingold, 2010, p.19) da profissão, o qual é construído a partir do acúmulo de experiências que ocorre geração após geração. Assim, tais procedimentos relacionados à higiene na profissão têm se dado mais pelas relações que estes profissionais mantêm com seu estabelecimento ou com seus clientes que pela força coercitiva de uma lei.

Em meio a estas turbulências, o barbeiro Osmar lança um livro no qual relata sua biografia de trabalho. Mais que por “um momento de valorização do ofício”, como é posto pela reportagem, as profissões tradicionais como a de barbeiro são colocadas em evidência por questões de outra instância. É preferível pensar que este é um momento de reflexão sobre as formas de trabalho em virtude das transformações dos modos de vida nas grandes metrópoles, sendo que estes aspectos da vida contemporânea incidem sobre profissões “tradicionais” como a de barbeiro. Desse modo, o esforço de revisitar as memórias e de pensar a si mesmo no tempo reflete, na atitude de Osmar, a luta contra a dissolução da cidade e das práticas vividas pelo barbeiro ao longo de sua vida.

Durante o processo etnográfico me posicionei firmemente contra as concepções do senso comum segundo as quais a profissão de barbeiro estaria no fim ou que os barbeiros estariam acabando, muito embora meus próprios interlocutores concebessem a si próprios dessa maneira. Hoje compreendo que essa é uma forma de se pensar no mundo. É

interessante como Osmar prefere registrar para a posteridade as relações que construiu ao longo de sua trajetória de trabalho e não os aspectos técnicos de seu ofício, embora sempre se sobressaíam os lamentos sobre a perda dos conhecimentos relativos à profissão. O que Osmar parece lamentar, de fato, é a dissolução de um estilo de vida, de uma maneira de viver a cidade e de construir laços sociais.

Daí a importância de elaborar um livro de memórias com experiências capazes de abarcar e organizar o tempo vivido na cidade. Desse modo, conceber a si mesmo como representante de uma profissão “antiga” ou “tradicional”, para além de marcar sua distinção como trabalhador, é uma atitude que envolve uma forma particular de conceber o fluxo temporal da vida nas grandes cidades. Quase como integrar um estado de liminaridade permanente, é imaginar-se como um personagem situado no epicentro de um processo de mudança que marca as concepções coletivas sobre como uma civilização é construída.

Referências bibliográficas

AHMED, Faizan. Making beautiful: male workers in beauty parlors. *Men and Masculinities*. v. 9, n.º. 2, p.168-185, Outubro, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BATESON, Gregory. "Form, substance, and difference". In: BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind: essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. Northvale: Jason Aronson, 1987.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social: notas provisórias. In: Maria Alice Nogueira; Afrânio Mendes Catani (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". In *O trabalho do antropólogo*. SP, Unesp, 2000. p. 17-36.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

CHEVALIER, Denis. Des savoirs efficaces. *Terrain*, Paris, n.16, p. 5-11 março de 1991.

CUNEGATTO, Thaís. *Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense*.

[Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2009.

DANTAS, Luísa M. “Pais” ou “Patrões”? *Um estudo sobre “crias de família” na Amazônia*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEVOS, Rafael. Etnografia visual e narrativa oral: da fabricação à descoberta da imagem. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.6, n°14, 2005.

DOUGLAS, Mary. *O mundo dos bens: para uma Antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ECKERT, Cornelia. “Cidade e Política: nas trilhas de uma Antropologia da e na cidade no Brasil”. In: Carlos Benedito Martins (Org.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: ANPOCS, 2010.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Narrar a cidade: experiências de etnografias da duração. In: Zita Rosane Possamai (Org.). *Leituras da Cidade: Porto Alegre e seu patrimônio*. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2010. p. 85-108.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L.C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FIGUEIREDO, Bethânia. G. “Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX”. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, VI(2), jul.-out. p.277-91, 1999.

FIGUEIREDO, S. L., TAVARES, A. P. *Mestres da Cultura*. Belém: EDUFPA, 2006.

FOCILLON, Henri. *A vida das formas. Seguido de Elogio da Mão*. Lisboa: Edições 70, 2001.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2005

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GROSSI, Ramon F. “Dos físicos aos barbeiros: aspectos da profissão médica nas Minas setecentistas”. *História & Perspectivas*. Uberlândia, (29 e 30): p.255-282, Jul./Dez. 2003/Jan./Jun., 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBERMAN, John. *Testosterone dreams. Rejuvenation, aphrodisia, doping*. Berkeley, Univ. of California Press, 2005.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010

LEITE LOPES, José S. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra II: memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Lisboa: Edições 70, 1987.

LOMNITZ, Larissa A. “Redes informais de intercâmbio em sistemas formais” e “Sobrevivência em um bairro de periferia na Cidade do México”. In: LOMNITZ, Larissa. *Redes Sociais, Cultura e Poder*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009. p. 37-63.

MAFFESOLI, Marcel. *O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José. G. Cantor. Quando o campo é a cidade fazendo antropologia na metrópole. In: *Na metrópole*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1996.

MARX, Karl. “A mercadoria”. Florestan Fernandes. (org.). *Karl Marx & Friedrich Engels: História*. São Paulo: Ática, 1988. p. 41-73.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OKIN, Susan M. “Gênero, o público e o privado.” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol.16 (2), p.305-332, 2008.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London: Routledge, 1994.

PARK, Robert E. “La communauté urbaine. Un modèle spatial et un ordre moral » In: *L’Ecole de Chicago. Naissance de l’écologie urbaine*. Paris: Aubier, 1979.

PETONNET, Collete. “L’observation flottante, l’exemple d’un cimetière parisien”. In: *Revue L’Homme*, Octobre/Décembre, n° XXII 4, p. 37-47, Paris, CNRS, 1982.

PITT-RIVERS, Julian. “A doença da honra”. In: *A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Nicole Czechowsky (Org.). Porto Alegre: LP&M, 1992.

RICOEUR, Paul. “Hermenêutica e estruturalismo”. In: RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações. Ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p. 27-83.

ROCHA, Ana Luiza C. da. “Antropologia das formas sensíveis; entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, Ano 1, vol 2, 1995.

ROCHA, Ana Luiza C. da. Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. *Iluminuras*, Porto Alegre, vol.9, n° 21, 2008.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Iluminuras*, v.4, n° 7, 2003.

ROCHA, Ana Luiza C. da. *Le sanctuaire du désordre: l’art de savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*. [Tese de Doutorado] – Université René Descartes, Sorbonne, Paris V, 1994.

RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/Editora da Cidade, 2009

SAHLINS, Marshall. “Outras épocas, outros costumes”. In: *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SALGADO, Tânia. S. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. V(2), p.349-72, jul.-out., 1998

SANSOT, Pierre. « La géographie sentimentale des quartiers ». In: SANSOT, Pierre. *La poétique de la ville*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. *A noite dos cabarés: histórias do cotidiano de uma cidade grande*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

SILVEIRA, F. L. A. ; SOARES, P. P. M. A. . O ofício de barbeiro em Icoaraci (PA), diálogos com seu Jorge. *Iluminuras*, v. 8, p. 1-31, 2007a.

SILVEIRA, F. L. A. ; SOARES, P. P. M. A. . Reflexões sobre a figura do narrador como "guardião da memória" no distrito de Icoaraci, Belém (PA): incursão etnográfica à barbearia São Jorge. *Antropolítica (UFF)*, v. 23, p. 177-198, 2007b.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: Otávio Guilherme Velho (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. E. Moraes Filho (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1983

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOARES, P. P. de M. A. ; SILVEIRA, F. L. A. . Taxistas na cidade de Belém (PA): narrativas sobre o mundo urbano. *Ponto.Urbe (USP)*, São Paulo, v. 4, p. 1-11, 2009.

SOARES, P. P. de M. A. Memória e imaginário no mundo urbano contemporâneo. As narrativas de antigos taxistas sobre a cidade de Belém (PA). Trabalho de Conclusão de Curso. UFPA, 2010.

VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. [Tese de Doutorado] – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2008.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. “Sociabilidades”. *Estudos Históricos*, nº 28, Rio de Janeiro, CPDOC, Ed. FGV, 2º semestre, 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2002. p. 347-399.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade”. In: G.L. Louro, (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.36-82.

Fontes jornalísticas

Autor desconhecido. “Carlos Jenecy: barba, cabelo e bigode no Mercado há 50 anos”. *Jornal do Mercado*, agosto de 2011, p.14.

BACELO, Joice; BISSIGO, Luís. “Entre papos e navalhas: causos de barbearias”. *Jornal Zero Hora*, 28 de janeiro de 2011, p.4.

BASSO, Gustavo. “À moda antiga”. *Revista TAM Nas Nuvens*, maio de 2011, p.125.

CHAVES, Ricardo. “Barba e cabelo”. *Jornal Zero Hora*, 14 de setembro de 2011, p.46.

MILMAN, Tulio. “Barba, cabelo e bigode”. *Jornal Zero Hora*, 26 de setembro de 2010, p.3

Sites consultados

<http://animaarquitetura3.blogspot.com/2007/03/caff-del-barbiere.html> (acesso em 8 de agosto de 2010)

<http://portal.senacrs.com.br/site/cursosDetalhe.asp?idCurso=3641> (acesso em 17 de dezembro de 2011)

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112592.htm (acesso em 04 de fevereiro de 2012)

<http://sindesteticarj.blogspot.com/2012/01/questionamento-dos-esteticistas-sobre.html>
(acesso em 04 de fevereiro de 2012)

Links para o *Google Maps*

Barbearias de Porto Alegre: <http://g.co/maps/gchxn>

Antigas barbearias de Porto Alegre: <http://g.co/maps/bcyxp>